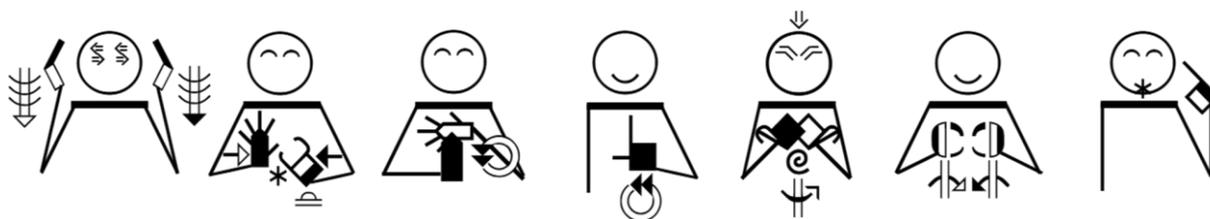




**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JOÃO BATISTA ALVES DE OLIVEIRA FILHO



**ANÁLISE VERBO-VISUAL DE TEXTOS LITERÁRIOS
ADAPTADOS PARA A COMUNIDADE SURDA**

João Pessoa

2021

JOÃO BATISTA ALVES DE OLIVEIRA FILHO

**ANÁLISE VERBO-VISUAL DE TEXTOS LITERÁRIOS
ADAPTADOS PARA A COMUNIDADE SURDA**

Dissertação apresentada no curso de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba.

Orientação: Edneia de Oliveira Alves

João Pessoa

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48a Oliveira Filho, João Batista Alves de.
Análise verbo-visual de textos literários adaptados
para a comunidade surda / João Batista Alves de
Oliveira Filho. - João Pessoa, 2021.
110 f. : il.

Orientação: Edneia de Oliveira Alves.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguagem de sinais. 2. Libras. 3. Comunidade surda.
4. Literatura surda. 5. Escrita de sinais. 6.
Verbo-visual. 7. Ideologia. I. Alves, Edneia de
Oliveira. II. Título.

UFPB/BC

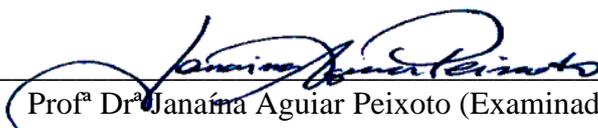
CDU 81'221.24(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

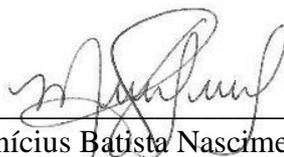
Banca Examinadora de Qualificação



Profª Drª Edneia de Oliveira Alves (Orientadora)



Profª Drª Janaina Aguiar Peixoto (Examinadora Interna)



Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento (Examinador Externo)



Profª Drª Carla Damasceno de Morais (Examinadora Interna)

Profª Drª Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (Suplente)

Profª Drª Nayara de Almeida Adriano (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Eu, João Filho, protagonista em vários eventos artísticos, sou surdo, tenho minha própria língua de sinais, reconheço que toda minha trajetória, até o momento em que estou hoje, devo agradecer em primeiro lugar a Deus que preparou meu caminho até este ponto e tocou em todos os que me apoiaram.

Agradeço aos que deram suporte.

Agradeço à minha família que me criou.

Agradeço aos meus pais. Sou de fato muito agradecido aos meus pais que amo tanto. Minha mãe sempre cuidou de mim com carinho e também meu pai. Eles me incentivaram no desenvolvimento de minha identidade surda, dando a mim liberdade para participar da comunidade surda. Entendo que foi um momento difícil, era algo que desconheciam, um choque cultural para eles. Depois, eles compreenderam que era meu mundo surdo.

Agradeço à minha irmã, Flávia, que semelhante à minha mãe, cuidava de mim, por ser a irmã mais velha. Ela me levava e me buscava na escola, o ICES. Ela me dava carinho, me orientava e ficava de olho em mim. Ela sabe sinais também.

Agradeço ao meu irmão, Felipe, o mais novo. Ele também sabe muito sinais, porque sempre estava comigo na comunidade surda e eu ensinava muito a ele. Felipe me ajudou muitas vezes. Meus irmãos são adultos hoje e me incentivaram na minha caminhada. Muito obrigado a vocês, minha família! Eu os amo muito!

Agradeço ao meu companheiro de trajetória, meu marido, Francisco Raimundo, uma pessoa muito maravilhosa para mim, pois, no início de nossa vida juntos, ele me incentivou, me deixou livre, foi muito paciente e compreensivo comigo, pela necessidade de dedicar tempo para resolver coisas da minha vida profissional, estudando para o concurso público, depois, tempo para o mestrado. Ele também cuidou de mim quando adoeci. Eu vejo nele uma pessoa de bom coração. Ele também é cuidadoso com outras pessoas. Por isso é lindo ter a companhia desse anjo.

Lembro ainda hoje de quando tinha seis anos e comecei a aprender a Libras, lá no ICES, onde cursei até o nono ano. Foram anos marcantes. Na minha memória estão os professores, os intérpretes, meus colegas surdos da mesma faixa etária com quem convivi e aprendi muito. Também recordo da escola inclusiva onde fiz o ensino médio e de quando passei para o Letras Libras EaD da UFSC, no polo da UFC, em Fortaleza,

onde aprendi muito mais sobre os conteúdos acadêmicos: linguística, fundamentos da educação, literatura surda.

Depois de ter aprendido mais sobre minha própria língua de sinais, fui trabalhar no mesmo ICES onde estudei, com edição de vídeo, produção de filmagens, ilustração, pois sou um artista apaixonado. Foram anos memoráveis!

Na pós-graduação, dei continuidade aos estudos da graduação envolvendo a Libras. Tenho que dizer que sou muito agradecido aos meus colegas de juventude, aos intérpretes, aos ouvintes sinalizantes que me apoiaram e incentivaram para fazer o concurso da UFCA.

Agradeço aos colegas professores, Mardônio, Gisele, Lucas, Carmita e Kelly, e aos intérpretes, Francisco e Rute, eram somente dois, da UFCA que me ajudaram nas dúvidas enquanto eu estudava para a seleção do mestrado e preparava o projeto de pesquisa.

Também agradeço muitíssimo à Izalete, professora no IFCE, que, com sua experiência, também me orientou bastante na fase de elaboração do projeto de pesquisa.

Agradeço também a Diego Melo que fez traduções de texto em que tinha dificuldade de compreensão e me ajudaram a entrar no mestrado.

Por experiência própria, eu não esperava um bom resultado na seleção de mestrado na UFPB, pois português é minha segunda língua. Qual não foi minha surpresa ao ser o primeiro colocado no certame concorrendo com ouvintes. Nunca imaginaria isso!

Depois, quando começaram as aulas, eu tive acessibilidade em todas as disciplinas e por isso agradeço aos maravilhosos professores e aos tradutores e intérpretes da UFPB que me acompanharam a cada semestre ali, em João Pessoa.

Agradeço ao meu colega de mestrado, Adriano, e a sua esposa, Vanessa, com quem dividi o aluguel da casa em João Pessoa. Também compartilhamos os estudos, os momentos alegres, os momentos tristes, os momentos de loucura. Agradeço à Vanessa por cuidar de mim quando eu ficava doente e brigar comigo para eu cuidar melhor da saúde. Amo muito vocês!

Agradeço também à Kátia Lucy por ajudar nas dúvidas sobre assuntos de artigos, significado de algo, e me explicar direitinho.

Agradeço também a Josenilson por sua ajuda como tradutor profissional, por suas dicas quando eu ficava perdido em como ajustar o conteúdo da dissertação, por sua ajuda como conhecedor do sistema Sutton de escrita de sinais, me chamando a

atenção sobre a estrutura ou a forma escrita que eu não percebi alguma falha. Ele atuou como revisor de português e de Libras escrita. Aprendi muito com ele. Muito obrigado!

Por último, um agradecimento muito especial à minha orientadora, Dra. Edneia Alves, pois eu não pude acreditar quando apresentei a dissertação escrita com muita dificuldade em português, minha segunda língua, e ela foi dizendo que o que eu já havia produzido estava certo. Eu questionei sobre a escrita e ela disse que compreendia e que os ajustes seriam feitos somente no final. Isso me deixou muito satisfeito! Ela podia me orientar em minha própria língua, a Libras. Eu estava tranquilo sobre o que deveria corrigir, retirar, mover e acrescentar ao texto. Pude produzir com mais segurança. Sua flexibilidade e modo de agir me ajudou bastante sem deixar de me desafiar a fazer melhor.

Agradeço por tudo!

Agradeço por este momento da minha vida ao qual Deus me fez chegar!

RESUMO

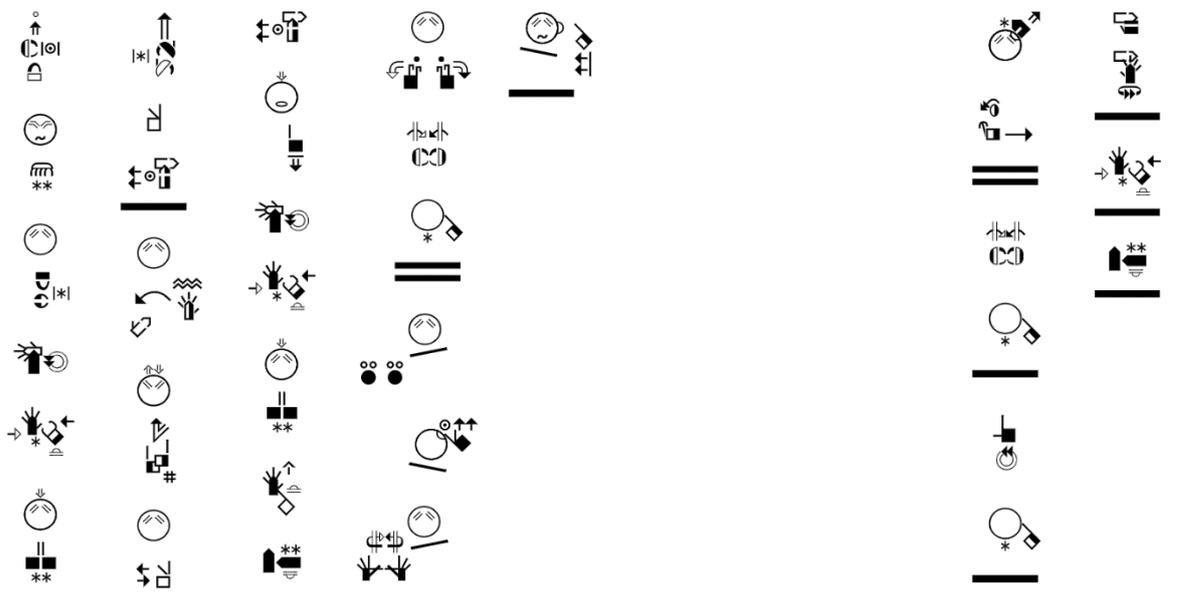
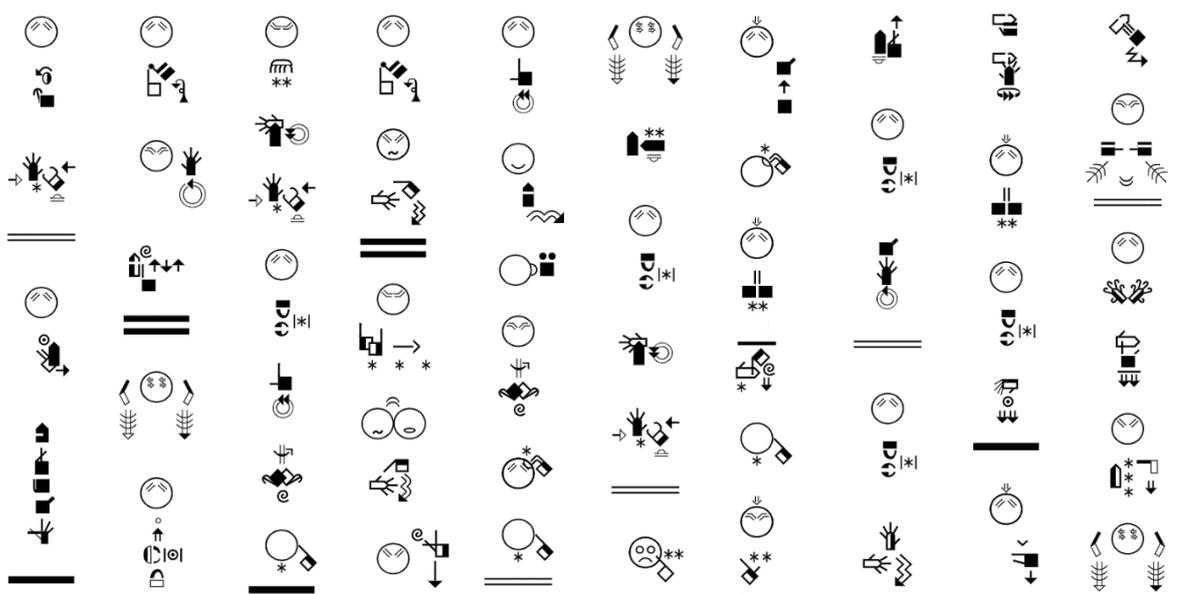
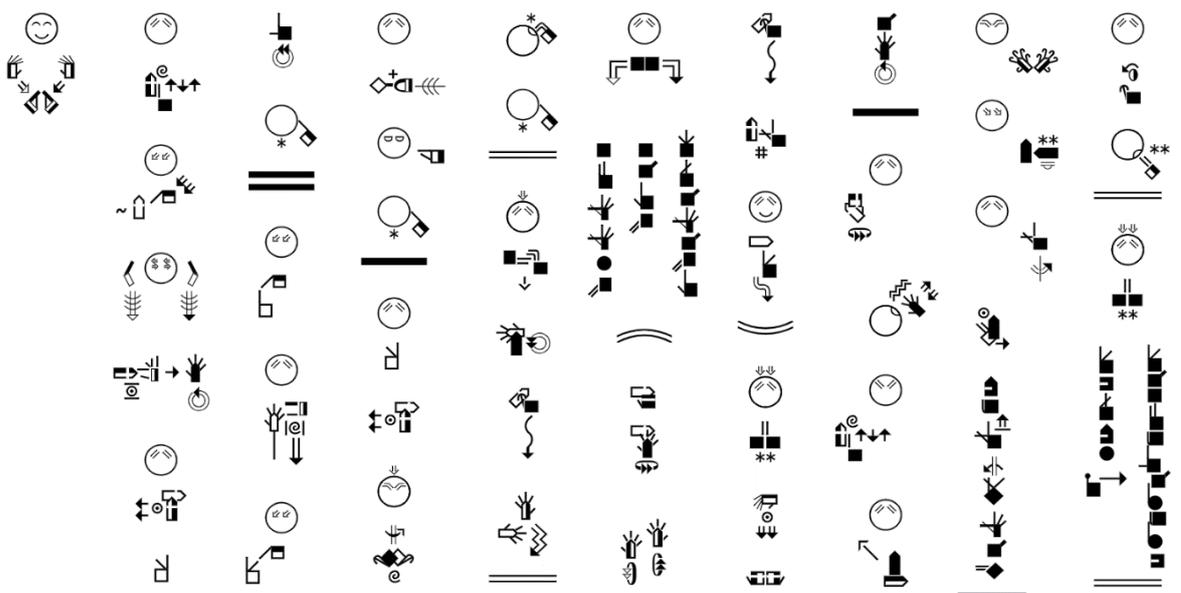
O presente trabalho trata-se de uma análise semiótica de duas obras de literatura surda: Cinderela surda e O Feijãozinho surdo. Elas são adaptadas para a cultura surda, por isso, contém o texto escrito em Libras, pelo sistema Sutton SignWriting, e em português que são acompanhados por ilustrações. As bases teóricas da pesquisa foram apoiadas na categoria de ideologia de Bakhtin e na verbo-visualidade de Brait. O objetivo geral da pesquisa é: analisar a produção de sentido do texto verbo-visual presente na literatura adaptada para surdos. Os objetivos específicos são: identificar quais são os aspectos dos clássicos da literatura infantil ouvinte que sofreram adaptação à cultura surda; analisar a ideologia presente no texto verbo-visual; averiguar se a cultura e a subjetividade surda são representadas nas imagens, na escrita de sinais e no português. Adotamos a metodologia qualitativa de caráter documental com técnica de análise da produção de sentido no texto verbo-visual e seus corpora foram as duas obras citadas acima. Os dados apontaram que as obras são textos verbos-visuais e apresentam as ideologias sobre a comunidade surda: educação, história, família e ouvintismo.

Palavra-chave: Comunidade surda. Literatura surda. Escrita de sinais. Verbo-visual. Ideologia.

ABSTRACT

The present work is a semiotic analysis of two works of deaf literature: "Deaf Cinderella" and "The Little Deaf Bean". They are adapted for deaf culture, therefore, they contain the text written in Libras (Brazilian sign language) with the Sutton SignWriting system, and in Portuguese, accompanied by illustrations. The theoretical framework of the research is supported by Bakhtin's category of ideology and Brait's verbal-visuality. The general research objective was to analyze meaning production in the verbal-visual text present in literature adapted for the deaf. The specific objectives were to identify which aspects from these classics of hearing children's literature were altered when adapted for the deaf culture; to analyze the ideology present in the verbal-visual text; and to ascertain if deaf culture and subjectivity are represented in the images, the sign writing, and in the Portuguese text. A qualitative documentary research method was adopted, with content analysis focused on the production of meaning in the verbal-visual text, and its corpus being the two works mentioned above. The data showed that the literary works are verbal-visual texts and present the following ideologies about the deaf community: Education, History, Families and Audism.

Keywords: Deaf community. Deaf literature. Sign writing. Verbal-visual. Ideology.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imposição da língua do ouvinte	23
Figura 2 - Sinal Criador	26
Figura 3 - Teclado	27
Figura 4 - Galinha	28
Figura 5 - O macrosssegmento locação	29
Figura 6 - Mudança nos visografemas de movimento de dedo. Sinais escritos: ACENDER-A-LUZ; APAGAR-A-LUZ.	29
Figura 7 – Mapa do Brasil com os sistemas Escritas de Sinais	30
Figura 8 - Países que usam SignWriting	31
Figura 9 - Símbolos de mãos básicos do SignWriting - SW	32
Figura 10 - Ponto de Vista Expressivo	32
Figura 11 – Escrita do sinal CASA	33
Figura 12 - Processamento do sinal da palavra borboleta.	35
Figura 13 - Tomara que cure a surdez.	37
Figura 14 - Cenas do filme Seu nome é Jonas. Encontro com um surdo	38
Figura 15 - Livro de Cinderela surda	41
Figura 16 - Luva	41
Figura 17 - Filme: O mundo de netinho	42
Figura 18 - Ideologia	44
Figura 19 - Sentido verbo-visual com G.C.	51
Figura 20 - A escrita negando a imagem. Provocação?	51
Figura 21 - Cinderela surda	54
Figura 22 - O feijãozinho surdo.	55
Figura 23 - Perdeu a luva	55
Figura 24 - Mágica da língua de sinais	56
Figura 25 - A fada mostrar duas situações entre escola regular e escola de surdos	56
Figura 26 - Característica categorias visual e verbal.	58
Figura 27 - Três relações envolvendo verbo-visual e tradução.	58
Figura 28 - Texto bilíngue e texto imagético	60
Figura 29 - Percebe descobrir gestos é surdo	61
Figura 30 - Representação imagética da surdez.	63
Figura 31 - Frases em escrita de sinais	65
Figura 32 - Frases em Libras: FEIJÃOZINHO É SURDO	65
Figura 33 - Os braços de Feijãozinho em evidência.	67
Figura 34 - Omissão de informações na tradução em Libras	68
Figura 35 - Sozinho Feijãozinho surdo	68
Figura 36 - Português e escrita de sinais	69
Figura 37 - Fada	69
Figura 38 - Feijãozinho se torna sinalizante.	70
Figura 39 - Feijãozinho surdo agradece sinalizando	71
Figura 40 - A fada feijão se comunicou oralmente ou sinalizando?	72
Figura 41 - A tradução ficou diferente. Em português (SINALIZOU) e em escrita de sinais (SINAL).	73
Figura 42 - A Fada feijão explica para os pais sobre a escola	73
Figura 43 - Escola de inclusão	74

Figura 44 - Escola de surdos	75
Figura 45 - Fada feijão apresenta as opções de escola	76
Figura 46 – Tradução do significado de terra no texto e sugestão de correção	77
Figura 47 - FIM	77
Figura 48 - Movimento com expressão facial e mão.	78
Figura 49 - Grafema interrogativo do sistema SW	78
Figura 50 - Cinderela surda e amigas surdas	79
Figura 51 - Texto escrita de sinais	80
Figura 52 - Professor L'Épée ensina o Príncipe	81
Figura 53 - História dos Surdos e a Língua de Sinais ao Longo dos Anos	82
Figura 54 - Cinderela triste	82
Figura 55 - O texto: escrita de sinais e português	83
Figura 56 - Irmãs malvadas	84
Figura 57 - Cinderela Surda olha a carta.	85
Figura 58 - OLHO-CARO	86
Figura 59 - Cinderela olha a carta	86
Figura 60 - Irmãs arrumam vestidos para a festa	87
Figura 61 - Infográfico da narração e fala das personagens.	88
Figura 62 - Cinderela tristeza	89
Figura 63 - Mágica transformação do vestido	90
Figura 64 - Encontro do Príncipe e Cinderela	91
Figura 65 - Cinderela olha para o relógio na parede	93
Figura 66 - Charge: amanhece e os surdos ainda conversam	93
Figura 67 - Fuga de Cinderela	94
Figura 68 - Luva	95
Figura 69 - Expressão facial	96
Figura 70 - Descobriram que a luva cabe em Cinderela	97
Figura 71 - Festa de casamento	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Gesto e Libras como Sinal para “TIO”	16
Quadro 2- Comunidade surda	21
Quadro 3 - O povo surdo	21
Quadro 4 - Sinal “AMOR”	27
Quadro 5 - movimento, configuração de mão e locação: adaptações para a VisoGrafia	30
Quadro 6 - Escrita de sinais do sinal para casa.	33
Quadro 7 - Escrita de sinais “CASA”	33
Quadro 8 - Símbolos de contato do Signwriting	34
Quadro 9 - Símbolos de movimento com identificação do plano da mão	34
Quadro 10 - Símbolos de expressão facial: Sobancelha	34
Quadro 11 - Símbolos de expressão facial: boca	34
Quadro 12 - Surdo orgulho	36
Quadro 13 - Ideologias do pão	45
Quadro 14 - Transformado	46
Quadro 15 - Enunciação	49
Quadro 16 - Contos clássicos de ouvintes	53
Quadro 17 - Adaptações para surdos	54
Quadro 18 - representações sociais da surdez.	64
Quadro 19 - Sinal de língua, linguística e linguagem em Libras	74
Quadro 20 - movimento e grafema interrogativo.	78
Quadro 21 - Sinais dialetais do Sul e do Nordeste para “Meia-noite”.	90

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Trajetória linguística e acadêmica.....	15
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.1 A língua de sinais e a comunidade surda.....	19
2.2 Cultura surda.....	22
2.2.1 O Artefato cultural linguístico.....	24
2.2.2 O Artefato cultural familiar	37
2.2.3 O Artefato cultural literatura Surda.....	39
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: SEMIÓTICA DE BAKHTIN.....	43
3.1 O verbo-visual.....	48
4. OBJETIVOS.....	52
4.1 Objetivo geral.....	52
4.2 Objetivos específicos.....	52
5. PERCURSO METODOLÓGICO.....	52
5.1 Corpus.....	53
5.1.1 Resumo do livro Cinderela Surda.	55
5.1.2 Resumo do livro Feijãozinho Surdo.	56
5.2 Análise dos dados.....	57
6. O VERBO VISUAL NA LITERATURA SURDA.....	59
6.1 A verbo-visualidade no livro O Feijãozinho surdo.....	60
6.2 A verbo-visualidade no livro Cinderela surda.....	79
7. Considerações Finais.....	103
8. Referências.....	105

1. INTRODUÇÃO

A comunicação do sujeito surdo no Brasil perpassa pela Língua Brasileira de Sinais (Libras), possui reconhecimento linguístico em lei e por linguistas estudiosos da área. Além do reconhecimento em documentos específicos, a sociedade já a reconhece também. Segundo Gesser (2009, p. 13), o linguista William Stokoe reconheceu a estrutura linguística da ASL em 1960. Segundo Crystal (2000, p. 204), a “teoria de língua em que as estruturas e categorias gramaticais podiam ser associadas aos padrões lógicos universais de pensamento” (apud GESSER, 2009, p. 13). Dados como esses revelaram que a língua de sinais possui estrutura gramatical o que possibilitou o seu reconhecimento linguístico.

Segundo Nobre (2011), o Brasil passou por uma significativa evolução no que tange à concepção sobre o sujeito surdo e sua língua. Como dispositivo legal que garante a veracidade dessa afirmação há a Lei de Libras nº 10.436/02 (BRASIL, 2002) regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2005) que afirma:

“Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.”

Tomando-se a compreensão do reconhecimento da Libras, Strobel (2009) aponta, como característica linguística, os gestos e os sinais emergentes. Essa autora afirma que, a partir dessa lei, o foco deixa de ser na surdez e passa a ser na comunidade como minoria. Cormier, Schembri, Vison e Orfanidou (2012) afirmam que o sujeito surdo que desenvolve a biculturalidade e o bilinguismo passam a ter a visão de mundo do ouvinte e do surdo o que desenvolve sua consciência e o torna capaz de desenvolver-se da mesma forma que as crianças ouvintes e valorizar-se enquanto sujeito surdo. A visão linguístico-cultural coloca o surdo como sujeito capaz nos lugares em que haja os meios de comunicação em sua língua.

A partir do pensamento de que a Libras é a valorização do surdo na sociedade, a necessidade de união dos sujeitos surdos brasileiros é fato importante. A escrita surda é um instrumento que contribui para tal porque sua língua precisa ser reconhecida em sua modalidade sinalizada e escrita. A comunidade surda deve ser estimulada a usar a escrita de sinais porque é

um elemento importante para registro cultural e aqui apoiamos o sistema Sutton SignWriting (SW).

Sendo assim, consideramos que trazer a discussão da produção de sentido da verbo-visualidade na literatura em Libras é uma forma de demonstrar a capacidade do surdo produzir significações ao acessar o produto cultural porque, de acordo com Vygotsky (1993, p. 45), “não é a surdez que define o destino das pessoas, mas o resultado do olhar da sociedade sobre a surdez”.

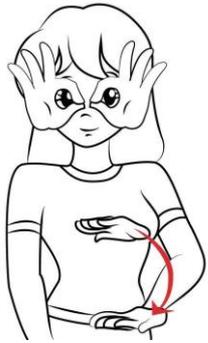
O fato de haver a opção por outras formas de registro que não a ELS (Escrita da Língua de Sinais) é uma das motivações de investigação deste trabalho, pois enquanto surdo e, por conseguinte, integrante da comunidade surda, posso afirmar que temos preferência por formas de registro de nossa cultura que contemple nossa necessidade de apreensão de mundo por meio visual. Pois, acessar registros literários em nossa língua primeira nos faz sentir propriedade e verdade, pois conseguimos de forma natural difundir e eternizar nossas experiências por meio da língua de sinais. Além disso, a língua de sinais é a nossa primeira língua e seu registro pode nos proporcionar a fluência necessária no processo de produção de textos de variados gêneros. Também há produções em vídeo que são beneficiadas por tecnologias muito utilizadas como o YouTube ou o uso de QR Code. Mesmo assim, é necessário fazer a transcrição do conteúdo dos vídeos em Libras para a escrita de sinais. Este material proporcionará futuras pesquisas acadêmicas que envolvem semiótica, uso de imagem, texto verbal e linguística no intuito de descobrir formas melhores de uso de ELS.

1.1 Trajetória linguística e acadêmica

Segundo minha mãe, meu desenvolvimento como surdo iniciou-se por volta dos 6 anos de idade quando comecei a desenhar o que percebia visualmente a minha volta. Sempre me interessei por desenhos animados da televisão e por histórias em quadrinhos. Hoje, sou profissional em desenho animado e produção de vídeos. Sempre busquei aprender em estúdio de vídeo e em cursos.

A minha comunicação com minha família foi por meio de gestos e sinais caseiros. Interessante que minha família aprendeu os gestos por minha causa. Eu me expressava sinalizando gestos e minha família os reproduzia. Por exemplo, eu utilizava o gesto “tio”, enquanto o sinal de Libras é “tio”, ver quadro 1. O gesto para o meu tio tinha a representação imagética da barriga e dos óculos, porque sempre que eu e minha família íamos na casa do meu tio, eu percebia que ele estava sempre usando óculos e tinha uma barriga grande.

Quadro 1 - Gesto e Libras como Sinal para “TIO”

Gesto “tio”	Libras “tio”
	

Fonte: do autor

Para que minha família entendesse que eu havia criado um sinal para meu tio, passamos pelo seguinte processo: criação do sinal, sinalização para minha família e associação do sinal com meu tio. Eu gesticulava: LÁ (apontando na direção da casa do meu tio) CASA ÓCULOS (gesticulando com as mãos nos olhos) e barriga (encenando uma barriga com a mão) e minha família não entendia. Um dia após essa tentativa de comunicação, fomos à casa do meu tio visitá-lo. Ao chegar lá, eu gesticulei e apontei para os seus óculos e sua barriga grande. Dessa forma, minha família compreendeu e sorriu. Assim, eles perceberam que os gestos tinham a função de comunicar e representar e que era criado a partir de um contexto visual, porque o surdo é visual e sinaliza. A partir de então, meus familiares passaram a usar tais gestos para se referirem a meu tio e assim perdura até hoje. Porém meu irmão sabe língua de sinais e sempre estamos em contato. Mas, com meus pais, continuamos a utilizar nossos sinais caseiros.

Eu comecei a aprender língua de sinais na escola de surdos “Instituto Cearense de Educação de Surdos – ICES” com os outros alunos surdos e professor surdo. Passei a ter muito contato com a língua de sinais e aprendi muitos sinais e rapidamente me tornei fluente em Libras. Desenvolvi a minha língua na comunidade surda e com a participação na associação dos surdos.

Mesmo sendo surdo, prestei vestibular e ingressei no Curso de Licenciatura em Letras-Libras no ano de 2008. Eu consegui ser aprovado no vestibular porque ele foi acessível. Foi ofertada uma prova sinalizada em Libras exposta por meio de Datashow. A vídeo-prova assim ficou mais clara para mim e me fez sentir confortável por ser em minha primeira língua: Libras. Os conteúdos cobrados nos questionários mesmo sinalizados em Libras eram difíceis, mas, para mim foi fácil porque já tinha estudado os conteúdos por meio da minha língua.

Após ser aprovado e ter feito a matrícula, comecei a estudar em aulas virtuais em videoconferência. Os professores surdos e ouvintes todos sabiam línguas de sinais, havia materiais em DVDs, e materiais disponíveis nas salas virtuais da plataforma do curso. Todo o material era disponibilizado em língua de sinais e em português. Eu estudava no polo da Universidade Federal do Ceará (UFC). As aulas eram a distância e com encontros presenciais aos sábados e domingos a cada 15 dias.

Fazer o curso à distância tem como aspecto negativo o não fornecimento de informação e instruções sobre pesquisa na área de linguística. Como aspecto positivo, posso apontar as adaptações para língua de sinais que me ajudaram a aprender e conseguir meu desenvolvimento. Imagino que sem a língua de sinais, eu não conseguiria aprender nenhum conteúdo. Por isso, ser surdo acadêmico não é fácil. Sou muito grato ao Letras-Libras da UFSC que desenvolveu esse curso e por fornecer todas as atividades gravadas em Libras.

Particpei de um projeto de extensão, no qual eu era bolsista e dava aula junto com a professora na Universidade Federal do Ceará (UFC). Ela sempre me orientou sobre a metodologia de ensino de Libras para os alunos ouvintes de segunda língua (L2), também nas apresentações de pôsteres e palestras.

No Letras-Libras, em 2008, havia dois cursos: a Licenciatura para o surdo e o bacharelado em tradução/interpretação para o ouvinte. Dentre as disciplinas, cumpri a de Escrita de Língua de Sinais - ELS juntamente com vinte e oito colegas surdos, mais dois ouvintes. No decorrer da referida disciplina, pude perceber que apesar da ELS ser uma escrita visual que contempla as especificidades da língua de sinais. Os colegas surdos sentiam muitas dificuldades em realizar as atividades de registro na ELS. Eu me identifiquei e me apaixonei pela escrita de sinais pelo sistema SW. Sentia que ela combinava com minha vida porque é visual e registra por escrita os sinais. A minha formação no Letras-Libras promoveu em mim o aprendizado. Conseguia aprender escrita de sinais com facilidade, por isso, sua base teórica e prática me ajudou a escolher meu foco de pesquisa nessa área.

Dei continuidade a minha formação com o ingresso na pós-graduação em nível de especialização em Libras, na qual optei por desenvolver um artigo como trabalho de conclusão de curso cujo tema foi a escrita de sinais. Em seguida, me preparei para concurso e prestei vários. Passei no concurso da Universidade Federal do Cariri – UFCA. Nela, sou professor efetivo e trabalho no campus de Juazeiro do Norte desde 2015. Fui vice-coordenador e organizei

o projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Letras-Libras, participei da abertura desse curso na UFCA.

Ao mesmo tempo em que houve a inauguração curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFCA (2019.1), fui aprovado na seleção de mestrado na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, na área de Letras, na linha de Estudos Semióticos, com o projeto cujo corpus tem a escrita de sinais. Hoje, toda a minha experiência culminou na produção e publicação da série de livros “Mãos que contam histórias” que se inicia com “Chapeuzinho vermelho surda”.

Cheguei ao mestrado na UFPB seguindo a mesma trajetória da graduação. Devo dizer que surdos e ouvintes trilham esta etapa da vida acadêmica de modos diferentes. Senti-me como um alienígena recém chegado ao mundo dos mestrados ouvintes. Minha primeira língua é a Libras e o português é minha segunda língua. Muitos dos alunos têm uma segunda língua estrangeira. Para mim, o português já é uma língua estrangeira. O conteúdo das disciplinas, a ministração das aulas, os artigos pesquisados, tudo está em português. Mas o programa de mestrado me proporcionou acessibilidade e mitigou as prováveis limitações do processo.

Como isso foi feito? O programa tem intérpretes de Libras que estavam presentes nas aulas, nos debates em sala e em grupos de estudo mistos de ouvintes e surdos. Além disso, havia alguns colegas ouvintes que sabem Libras. Eu podia solicitar ao programa para que traduzissem textos para a Libras. Assim eu podia ler em português, minha L2, e ver a tradução em Libras. Outra vantagem do programa é contar com uma professora orientadora fluente em Libras. Ela me deu conforto linguístico na orientação.

Aprendi bastante nesta etapa da minha vida acadêmica e o mestrado me proporcionou a felicidade de continuar a pesquisar os assuntos do meu interesse.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Essa seção é composta pelo apanhado da produção sobre os temas cultura surda, povo surdo, língua de sinais e sistemas de registro de línguas de sinais. Esses temas são importantes para compreendermos os conceitos dos temas estão disseminados na comunidade surda, como as famílias são impactadas pela chegada de uma criança surda e sua relação com os familiares, como surgiram propostas de quatro sistemas de escrita de sinais no Brasil (SW, ELiS, SEL e VisoGrafia) e como se manifestam na adaptação de contos para a literatura surda.

2.1 A língua de sinais e a comunidade surda

A história da língua de sinais inicia-se na idade moderna. Segundo Mori e Sander (2015, p. 9), “não se tem confirmação desse fato” e pontua que Laurent Clerc e E. Huet aprenderam língua de sinais na escola, o Instituto Nacional de Surdos-mudos¹, em Paris. Depois de concluir os estudos, Laurent Clerc foi embora para os Estado Unidos, já como professor e ensinou a ASL. E. Huet, um surdo, mais tarde se tornou professor e ensinou a LSF para outros surdos em alguns países. Em 1855, ele viajou para o Brasil, a convite do Imperador Dom Pedro II, e apoiou a fundação de uma escola para surdos no Rio de Janeiro em 1857, atualmente chamado Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, foi criado pela Lei N° 939 de 26 de setembro de 1857.

Segundo Strobel (2016, p. 35), há uma discussão acerca da compreensão do conceito de comunidade surda e povo surdo. As pessoas confundem o conceito e muitas vezes entendem como sinônimos. Mas, Strobel (2016, p. 35) aponta a comunidade surda como sendo um grupo de pessoas sinalizantes que “participam nas associações, escolas e outras localizações”. De acordo com o Dicionário Aurélio (2004), comunidade é

qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica. 6. Qualquer conjunto populacional considerado como um todo, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns: a comunidade latino-americana. 7. Grupo de pessoas considerado, dentro de uma formação social complexa, em suas características específicas e individualizantes: a comunidade dos comerciantes. 8. Grupo de pessoas que comungam uma mesma crença ou ideal: a comunidade católica. (FERREIRA, 2004, p. 513)

Em vários Estados do Brasil, tem muitas pessoas utilizando a Libras como meio de comunicação, com suas variantes, mas, a mesma língua. A partir do momento que a pessoa muda de Estado, percebe a diferença cultural, tais como: comidas, roupas e costumes. No caso

¹ O termo “surdo-mudo” era amplamente utilizado na época em que o Instituto foi criado. Atualmente, devido às pesquisas linguísticas e antropológicas, o termo é rejeitado e utiliza-se apenas “surdo”.

da comunidade surda, há um outro mundo, marcado pelo uso da comunicação em língua de sinais e seus espaços são, geralmente, associação de surdos, igrejas, espaços políticos que marcam a história do surdo.

Este povo surdo é fundamentalmente formado pelo “Sujeito Surdo”, quando incluímos outras pessoas diferentes, falamos de “comunidade surda” (STROBEL, 2016, p. 37). A comunidade surda participa das associações dos surdos, dos movimentos políticos, esportistas e outros. Nesse contexto, os ouvintes podem participar e atuar no campo de trabalho da interpretação ou saber língua de sinais ou ter conhecimento da área e história dos surdos.

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar (PADDEN E HUMPHRIES, 2000, p. 5, apud STROBEL, 2016, p.37).

Segundo Strobel (2016, p. 35), os integrantes do Povo Surdo, no singular, são influenciados pelas características diferentes (específicas) de cada comunidade local. O contato com a língua de sinais na comunidade surda cria o povo surdo. Portanto, Strobel não concorda com a seguinte definição de povo:

[...] conjunto de pessoas que falam a mesma língua, tem costumes e interesses semelhantes, história e tradições comuns. [...] conjunto de pessoas que vivem em comunidade num determinado território; nação, sociedade [...] conjunto de indivíduos de uma mesma ou de várias nacionalidades, agrupados num mesmo Estado. [...] conjunto de pessoas que não habitam o mesmo país, mas que estão ligados por uma origem, sua religião ou qualquer outro laço (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2275).

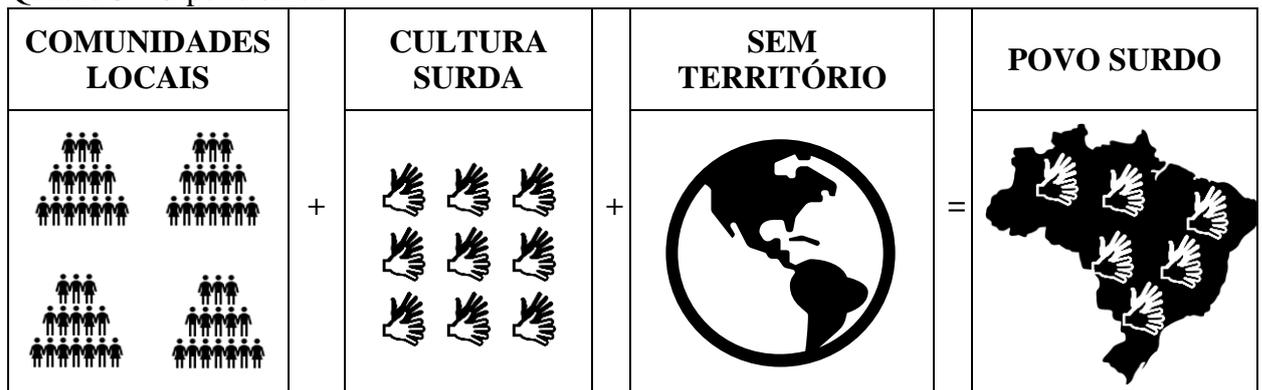
O povo surdo, ao se comunicar, criam a cultura sem um espaço territorial. Os surdos, ao entrarem em contato uns com os outros, ter a experiência com seus pares na comunidade (ver a quadro 2), criam a língua de sinais e se identificam com eles por haver mútua empatia porque partilham histórias semelhantes.

Quadro 2 - Comunidade surda



Fonte do autor

Quadro 3 - O povo surdo



Fonte do autor

O povo surdo possui graus de conhecimentos linguísticos da língua de sinais diferentes. Varia de acordo com o lugar, o nível de fluência de língua de sinais varia de acordo com a região de moradia do surdo. Há lugares mais distantes da capital cujos surdos possuem pouca fluência da Libras falada nas cidades. O povo surdo se constitui como uma minoria social e dentro desse povo há outras minorias, segundo Peixoto (2018, p. 68):

Sendo assim, fazendo a aplicação neste estudo, o povo em questão é o povo surdo e a língua na qual são produzidas as obras é a língua de sinais. Já as afinidades profundas desta comunidade linguística está ligada diretamente à surdez e na vivência de mundo baseada em experiências visuais (PEIXOTO, 2018, p. 68).

2.2 Cultura surda

Os costumes são criados nas relações sociais e influenciados pelos locais, segundo Hall (1997, p. 21), “estes são apenas alguns dos deslocamentos das culturas do cotidiano. Mas há também mudanças e transformações na vida local e no cotidiano que foram precipitadas pela cultura”, assim, falar de cultura significa falar de lugar e vida que cria a sociedade e grupos como: negro, indígena, surdo e outros. Assim, compreendemos cultura como: “um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições” (PADDEN E HUMPHIRES, p. 5, 2000). Dessa forma, a cultura é formada por vários tipos de culturas do mundo. Por meio do contato interpessoal os povos criam línguas, culturas e sociedades. Por que a cultura se encontra no centro de tantas discussões e debates, no presente momento? Em certo sentido, a cultura sempre foi importante. As ciências humanas e sociais há muito reconhecem isso (HALL, 1997, p. 16).

Por outro lado, na comunidade surda, a cultura se manifesta pelas experiências visuais. A partir da concepção da cultura visual, o olhar para o surdo muda seu foco, passa a focar a comunicação com as mãos, no entanto, a comunidade ouvinte tenta padronizar o comportamento do surdo nos moldes da norma ouvinte pautada em uma concepção de cultura predominantemente monolíngue. A visualidade faz parte da natureza surda. Todos os dias, o surdo tem contato com o mundo por meio da visão. Fazendo uma analogia com a natureza, é de forma natural que a criança surda tem sua aquisição de conhecimento baseado no estímulo visual.

Segundo os autores Pizzio e Quadros (2011, p. 63), em suas pesquisas sobre aquisição da linguagem, as crianças ouvintes e surdas passam por processos diferentes de aprendizagem e desenvolvimento. Um problema recorrente é que os surdos apresentam atraso de aprendizagem na escola, pois antes não aprenderam muito com família, e o motivo é a falta de uma língua que possibilite a aquisição da linguagem e interação verbal. O ideal seria aprender na seguinte ordem: ter a língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua portuguesa ou outras como segunda língua (L2). Isso tornaria possível o desenvolvimento, por isso é necessário reorganizar a proposta curricular na escola, priorizando a disciplina de Libras, para que as crianças surdas aprendam e seja possível o desenvolvimento cognitivo delas e incentivar as famílias para aprenderem a Libras assim que descobrem que o filho é surdo.

Quando tentam impor a língua do ouvinte, tentam consertar a surdez, mais preocupados com a sociedade ouvinte que não conhece a comunidade surda, implica em tempo perdido e atraso no desenvolvimento da pessoa surda. Isto é uma prática ouvintista. Veja a figura 1.

Figura 1 - Imposição da língua do ouvinte



Fonte: do autor

Skliar (2013, p. 15) explica sobre ouvintismo ao afirmar:

O ouvintismo – as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo. Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (SKLIAR, 2013, p. 15).

Então, a partir dos contextos sócio-históricos os povos criam suas culturas. Os surdos não têm uma regularidade na criação de suas culturas por causa das diferentes experiências. A cultura se inicia no seu contato com a língua de sinais que pode ser com a mãe surda ou ouvinte falante de língua de sinais. Porém, por meio dessa língua, o surdo consegue expressar-se, apreender conhecimentos e desenvolver valores da cultura surda.

Os povos surdos olham para suas trajetórias vivenciadas no passado e no presente e percebem muitas realizações deslumbrantes dos pioneiros da cultura surda. A história cultural de surdos é longa e complexa, existe há dezenas de milhares de anos, os povos surdos usam inúmeros meios de se comunicar através da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais e imagens visuais (STROBEL, 2016, p. 74).

O elemento fundante da comunidade surda é a língua de sinais e a cultura visual. Sua experiência com as mãos é muito forte na sua subjetividade e na identidade surda.

O domínio da cultura não é uma entidade espacial qualquer. Todo ato cultural vive por essência sobre fronteiras, sem estas ele perde terreno, torna-se vazio, pretensioso, degenera e morre. Enfim, deve-se dizer que nem um ato vive nem se movimenta no vazio, mas na atmosfera valorizante, tensa, em um mundo vivo e também significativo, assim proporcionando e proporcionado pela cultura em determinado tempo e espaço (ALMEIDA, 2012).

Assim, a sociedade para ter contato com a língua de sinais precisa frequentar a comunidade surda, participar de ambientes de surdos ou frequentados por surdos, tais como: associações dos surdos, em escolas e meio acadêmico que tem surdos, eventos dos surdos, igrejas, espaços políticos e lugares diversos. Esses espaços se configuram como lugar de manifestação de cultura surda porque:

[...] para que um grupo se constitua e se configure como uma comunidade, algumas condições são necessárias. Temos como exemplos: afinidades entre os diferentes indivíduos que constituem o grupo, interesses comuns que possam conduzir as ações do grupo por caminhos comuns, continuidade das relações estabelecidas, bem como tempo e espaço comuns, em que os encontros do grupo possam acontecer (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 82).

Nesses espaços, a manifestação cultural predominante é a língua de sinais. Peixoto e Possebon (2018, p. 190) aponta nove tipos de artefatos culturais do povo surdo, os quais são: experiência visual, linguístico, família, literatura surda, vida social e esportiva, religiosidade, artes visuais, política e materiais. De acordo com o foco desta pesquisa, elencamos aqui os seguintes artefatos culturais: linguístico, família e literatura surda.

2.2.1 O Artefato linguístico: a escrita de sinais

O artefato linguístico trata da experiência com o desenvolvimento linguístico. Quando o surdo não tem acesso à língua de sinais isso se torna uma barreira. Quando numa família de ouvintes nasce um bebê surdo, a comunicação é uma barreira e essa é vivenciada de forma diferenciada a depender da região de nascimento. Na zona rural, as famílias de surdos utilizam-se de gestos e sinais caseiros para a comunicação cotidiana com o surdo. Essa realidade ocasiona um atraso na aquisição de Libras, conseqüentemente, no acesso à informação e aquisição de conhecimento.

Há relatos de pesquisas de fora país que demonstram a forma de rompimento dessa barreira de comunicação.

[...] as pesquisas científicas já feitas nos Estados unidos, na Europa e no Brasil, comprovaram que as crianças surdas de pais surdas se saem melhor no desenvolvimento da linguagem que as outras crianças surdas de pais ouvintes, pois elas não apresentam os problemas da defasagem de linguagem porque os pais surdos já estão se “comunicando” em língua de sinais com os filhos surdos o mais precocemente possível, esclarecendo todas as suas curiosidades naturais (STROBEL, 2016, p. 54).

Assim como a modalidade sinalizada, a Libras possui a escrita e é “um fato histórico importante para o povo surdo” (STROBEL, 2016, p. 56). É necessário que o surdo aprenda a escrevê-la por ser sua primeira língua (L1). Segundo Strobel (2016, p. 57 e 58), Marianne

Stumpf contribuiu com a difusão da escrita de sinais no Brasil ao trazê-la para cá por meio de sua pesquisa na tese de doutorado. A autora também afirma que várias universidades federais implementaram a ELS como disciplina nos cursos de licenciatura em Letras-Libras.

Apesar dos resultados dos estudos científicos e a lei da Libras apontarem que a Libras é a L1 do surdo, em vários contextos ela é tratada como uma L2. Por exemplo, somente a língua portuguesa na modalidade escrita é aceita em textos oficiais. Assim, a comunidade surda, quando se trata de trabalhos acadêmicos, concursos e outros ambientes formais de produção textual, é obrigada a fazer registros na sua L2 (FERNANDES, 1999). Este fato faz com que suas reflexões, percepções de mundo e seus conteúdos culturais tenham seus registros prejudicados. Capovilla (2001, p. 1491), ao falar sobre a importância do registro, afirma:

[...] a história nasce com a escrita. Ao fornecer um registro secundário e perene do ato linguístico primário e transitório, a escrita permite a reflexão sobre o conteúdo da comunicação, sobre as coisas do mundo e o que delas sabemos. Enquanto registro perene promove também a segurança e consolida contrato social.

No Brasil, há três pesquisadores, sendo um mestre e dois doutores, no tema de escrita de sinais que criaram sistemas diferentes, os quais são: ELiS, SEL e VisoGrafia. A Escrita das Línguas de Sinais (ELIS) foi criada por Barros (2008), o Sistema de Escrita de Sinais (SEL) por Lessa-de-Oliveira (2012) e o sistema VisoGrafia por Benassi (2016).

O sistema SW, conhecido no Brasil como “Escrita de Sinais” foi trazido para o Brasil por Stumpf (2005),

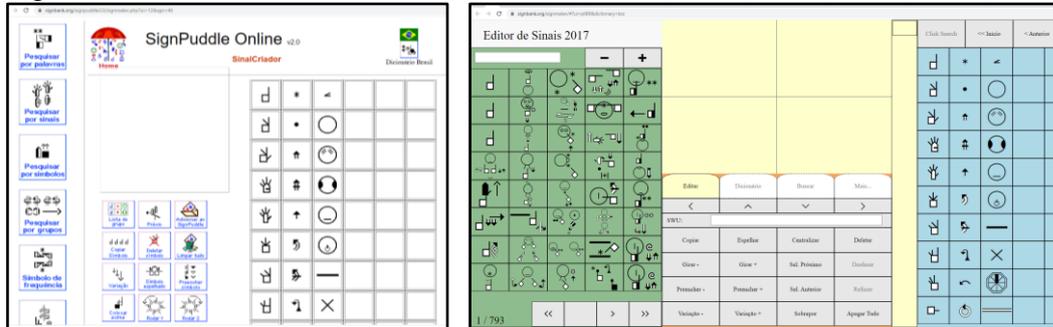
As pesquisas referentes à **Escrita de Sinais** tornam-se relevantes no sentido de registrar diferentes sistemas propostos a fim de tornar viável a representação de uma língua de matriz visual e modalidade espacial, nesse caso, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) (SILVA, COSTA, BÓZOLI e GUMIERO, 2018, p. 2).

Apresentamos resumidamente características dos quatro sistemas de escritas de sinais que são usados para registro da Libras.

Primeiro – o sistema Sutton SignWriting, criado por Valerie Sutton em 1974, nos Estados Unidos (SUTTON, 2000) e difundido no Brasil por Stumpf como escrita de língua de sinais – ELS (STUMPF, 2005) a partir de 1996. Aqui no Brasil, o sistema passou por adaptações somente fonológicas, para incluir configuração de mãos próprias da Língua Brasileira de Sinais. Na época da implantação do sistema SW no Brasil, foi criado um software de edição, o SW-EDIT, para usar o SW no computador. Agora, novos programas online para escrita de sinais

estão disponíveis, por exemplo, os dois programas SignPuddle Online e SignMaker, veja a figura 2.

Figura 2 - Sinal Criador



Fonte: SignPuddle Online e SignMaker (2017)

Estes dois programas para criar sinais pelo sistema SW são acessíveis online. No SignPuddle Online, há uma grande diversidade de línguas de sinais. O usuário de qualquer língua de sinais pode registrar e buscar sinais. Neste programa, há um repositório da Libras identificado pela bandeira do Brasil, onde o usuário pode criar e fazer registros de sinais isolados e textos em Libras. É possível registrar variantes da Libras para uma mesma entrada no dicionário. A busca pode ser feita em português ou pelo sinal. O resultado de uma busca pode ser salva no computador no formato PDF ou PNG. Tanto um sinal só como uma frase.

O SignMaker permite apenas criar, fazer a busca e o registro de sinais pelo computador, notebook, tablet ou celular, mas não é possível escrever uma frase nele.

SignMaker é um editor de sinais adaptável para qualquer país. Por exemplo, um brasileiro pode entrar no site e selecionar o idioma próprio do Brasil, um americano pode entrar no mesmo site e trocar o idioma. Assim, é possível construir as línguas de sinais de vários países, podendo usar o programa em smartphones, tablets e no computador (ALVES e FILHO, 2019, p. 42).

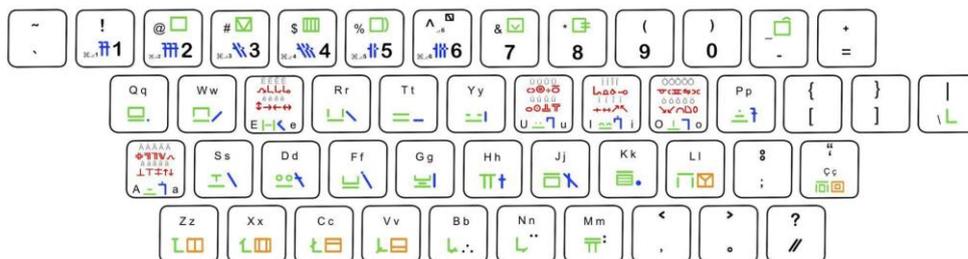
Editar no SW-Edit dava muito trabalho, era pesado. Também era difícil fazer a tradução do português para Libras escrita. A montagem de frases em Libras escrita não era o objetivo principal do uso do software. Na época, já era fascinante montar os sinais no computador, mas sem a estrutura frasal, sem contexto, pois foi o primeiro software disponível para SW. A comunidade surda começava a ser desafiada a experimentar o sistema SW.

Para exportar os sinais do SW-Edit, o arquivo era salvo com extensão JPEG em uma pasta no computador ou notebook e, depois, a montagem do texto era feita colocando as imagens no Microsoft Word ou em outro programa. Também a imagem do sinal em JPEG ficava apichelada ao ser colocada no Word. Ajustar o tamanho ficava ruim.

Todo esse trabalho foi ótimo, porque possibilitou o registro de histórias naquela época. Essas publicações mais antigas são importantes como material de coleta e pesquisa na produção de artigos que, publicados, ajudam na crítica e promovem mudanças na publicação de novas obras.

Segundo – Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), criado por Barros (2008), tem um formato diferente. O sistema tem um software para download da fonte e instalação no computador como arquivo do Word para permitir o uso do teclado. A fonte ELiS substitui de modo automático o alfabeto latino do teclado. Assim é possível digitar a escrita de cada sinal e criar textos, veja a figura 3.

Figura 3 - Teclado



Fonte: Disponibilizado Layout de Teclado para Escrita das Línguas de Sinais (SISTEMA ELIS) 2019.

Segundo Barros² (2008), o sistema ELiS usa quatro parâmetros da Libras na grafia dos fonemas: Configuração de Dedos (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (Mov). Como exemplo, veja a escrita do sinal AMOR em ELiS no quadro 4.

Quadro 4 - Sinal “AMOR”

Desenho do sinal	Sinal escrito

Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 26) e Alves e Filho (2019, p. 45)

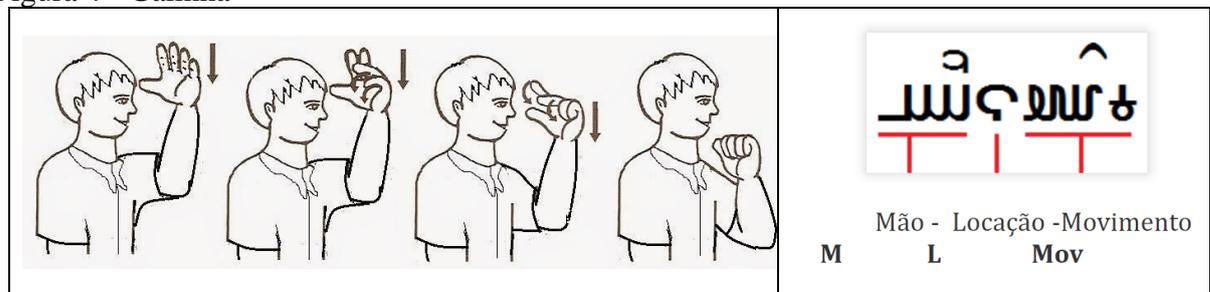
No exemplo anterior, estão escritos os mesmos quatro parâmetros. Apenas a expressão fácil não é registrada. Conforme a proposta na tese de Barros (2008), foi criado o termo Visogramas (significa o mesmo que “Alfabeto”). O sistema permite escrever línguas de sinais em uma disposição linear.

² Dr. Barros, 2008. Tese pública. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135415.pdf>>. Acesso em: 23, mai. 2019.

A ELIS é o sistema de escrita para as línguas de sinais que apresenta “[...] a primeira possibilidade no mundo de elaboração de dicionários semasiológicos com entradas em línguas de sinais organizadas de maneira estritamente alfabética linear”. Isso porque esse sistema de escrita representa sistematicamente os principais fonemas das línguas de sinais e os organiza linearmente (BARROS, 2015, p.93).

Terceiro – O sistema de escrita para língua de sinais (SEL) criado por Lessa-de-Oliveira (2012), tem um alfabeto próprio e objetiva grafar diferentes línguas de sinais além da Libras, pois “poderá servir também para grafar línguas de sinais que apresentem configurações de mão diferentes das configurações da (LIBRAS), como as línguas de sinais de países árabes, por exemplo.” (Lessa-de-Oliveira, 2012). Os parâmetros fonológicos registrados são três: Mão (M), locação (L) e movimento (Mov). Por exemplo, apresento abaixo o sinal de Galinha escrito em SEL, veja a quadro 4.

Figura 4 - Galinha



Fonte: Blog da Lessa-de-Oliveira (2012).

Os três parâmetros são descritos da seguinte forma:

Os parâmetros são apenas traços que formam segmentos superiores de três tipos distintos, os quais foram denominados macrossegmentos. São eles: Mão (M), Locação (L) e Movimento (Mov). Cada um desses macrossegmentos apresenta traços tridimensionais peculiares. Para representá-los na escrita foram acrescentadas combinações de caracteres com diacríticos (SILVA; COSTA; BÓZOLI; GUMIERO, 2018, p. 15)

No SEL não há expressão facial, mas partes da face encontram-se no macrossegmento locação (ou localização), conforme a figura 5. A escrita do texto usa a orientação linear, como o português. Um software editor de textos para o SEL ainda não está disponível. No blog³ do SEL, informa que uma versão do seu alfabeto terá uma organização em breve. Veja a seguir, na figura 5, um exemplo do macrossegmento locação.

³ Disponível em: <http://sel-libras.blogspot.com/p/o-que-e-escrita-sel.html?view=classic> Acesso em: 12, set. 2020

Figura 5 - O macrosssegmento locação

	<p>1 Cabelo 2 cabeça 3 testa 4 rosto 5 sobancelha 6 olho 7 nariz 8 bochecha 9 orelha 10 buço 11 boca 12 dente 13 língua 14 queixo 15 pescoço 16 nuca 17 ombro 18 costas 19 braço inteiro 20 braço 21 cotovelo 22 antebraço</p>	<p>23 pulso 24 tórax 25 barriga 26 virilha 27 perna 28 joelho 29 axila 30 pálpebra 31 lábio superior 32 lábio inferior</p>
--	--	--

Fonte: Blog da Lessa-de-Oliveira (2012)

Quarto – A escrita visogramada das línguas de sinais – VisoGrafia foi criada por Benassi (2016). O autor do sistema já conhecia ELiS e a ausência de expressão facial entre os parâmetros. Decidiu criar um novo sistema, a VisoGrafia, combinando a forma de escrita do ELiS e do SW que contempla o parâmetro da expressão facial. Deste último sistema, fez mudanças na expressão fácil, configuração de mãos e orientação da palma. Veja a figura 6.

Figura 6 - Mudança nos visografemas de movimento de dedo. Sinais escritos: ACENDER-A-LUZ; APAGAR-A-LUZ.

MOVIMENTOS DE DEDOS			
Anterior	Atual	Anterior	Atual
Abrir a mão		Fechar a mão	
Anterior	Atual	Anterior	Atual
Flexão/extensão na primeira articulação		Flexão/extensão na segunda articulação	

Fonte: Benassi (2016)

No sinal "ACENDER-A-LUZ", pode-se perceber que do ELiS há elementos como configuração de dedos e, do SW, há formas para cabeça. Benassi fez algumas atualizações. Veja, no quadro 5, um quadro com as adaptações feitas para a Visografia.

Quadro 5 - movimento, configuração de mão e locação: adaptações para a VisoGrafia

Parâmetros	Escritas de sinais	Influência	VisoGrafia
Movimento = Abrir a mão (anterior)		ELiS	
Movimento = Abrir a mão (atual)		VisoGrafia	
Orientação da palma = para baixo		SW	
Configuração de mão com dedos =		ELiS/SW/ VisoGrafia	
Locação = cabeça olha para acima		SW	

Fonte do autor

As mudanças no registro fonológico de ELiS e do SW resultaram em uma adaptação que gerou um novo sistema chamado de VisoGrafia. Ele objetiva a escrita de sinais em Libras. Ainda não existe para este sistema um editor de texto. “Em breve o "Arranja Sinais" e o "Banco de Sinais" serão disponibilizados para transferência (download) gratuitamente⁴” (BENASSI, 2017). Todos esses sistemas possuem formas de registro da gramática da Libras baseando-se no registro dos parâmetros da Libras.

Dentre os quatro sistemas de “escritas de sinais”, escolhemos o sistema SignWriting porque no Brasil é o mais conhecido e usado pela comunidade surda e em muitos países no mundo. Leão (2019) apresenta os quatro sistemas usados no Brasil. Ver figura 7.

Figura 7 – Mapa do Brasil com os sistemas Escritas de Sinais



Fonte: Leão (2019, p. 20)

⁴ Disponível em: <<https://visografia.webnode.com/editeurdetextos/>> Acesso em: 13, set. 2020.

Como se pode perceber pela figura acima, SW é o sistema de escrita de sinais mais difundido pelo país, presente em 22 Estados. Em segundo lugar, ELiS é utilizada em três estados (MT, MS e GO). SEL está em uso apenas no estado da Bahia, juntamente com SW. A VisoGrafia, criada no Mato Grosso, não tem registro de uso em nenhum Estado. O Estado de Roraima não adota nenhum dos sistemas aqui citados.

Vários países usam os sistemas SW (ver figura 8), porém, a forma de registro segue a estrutura e as regras da língua de sinais de cada país.

Figura 8 - Países que usam SignWriting



Fonte: Sutton (2010)

Os países que usam SignWriting atualmente são os seguintes: Estados Unidos, Arábia, Austrália, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Colômbia, República Checa, Dinamarca, Etiópia, Finlândia, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Grécia, Irlanda, Itália, Japão, Malawi, Malásia, Malta, México, Holanda, Nova Zelândia, Nicarágua, Irlanda do Norte, Noruega, Peru, Filipinas, Polônia, Portugal, África do Sul, Espanha, Suécia, Suíça, Taiwan e Tunísia (LEÃO, 2019, p. 22).

Segundo Stumpf (2008), o registro escrito da língua de sinais no sistema SW surgiu há algum tempo e foi denominado de *SignWriting*. Trata-se de um sistema de escrita visual e, por isso, semiótico, criado há cerca de 40 anos, em 1974 mais precisamente, por Valerie Sutton, que dirige o Comitê de Ação Surda (*Deaf Action Committee - DAC*), uma organização sem fins lucrativos, sediada em La Jolla, Califórnia, EUA. Ainda segundo a autora supracitada, a origem dessa escrita está relacionada a um sistema de notação dos movimentos de dança, criado por Sutton. De forma bastante elucidativa, Stumpf (2005, p. 51) explicita que

O sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações.

Paixão e Alves (2018, p. 52) alertam que a escrita de sinais possibilita o registro de diversas obras literárias, possibilita escrever a Libras em sua própria estrutura gramatical. Registros como esses são um direito do povo surdo. Em analogia com o processo de alfabetização da pessoa ouvinte em que, por exemplo resumidamente falando, ensina-se como conteúdo básico as vogais e para cada uma faz-se uma relação com a escrita dos nomes das cores – amarelo, verde, vermelho, marrom e azul – ou por meio de contação de histórias significativas. Na alfabetização com o aluno surdo, pode-se fazer da mesma forma, mas com escrita dos sinais iniciando pela configuração de mãos. Stumpf (2005, 61), revela em sua pesquisa que as crianças aprendem no processo de alfabetização iniciando pelas três configurações básicas de mão: mãos circular, aberta e fechada (ver figura 9).

Figura 9 - Símbolos de mãos básicos do SignWriting - SW

		Punho Fechado
		Punho Aberto
		Mão Plana

Fonte: Stumpf (2005, p. 61).

A partir da configuração de mão Plana  , pode-se explicar o ponto de vista expressivo da escrita, ou seja, é o registro dos sinais na perspectiva do próprio sinalizante. Ver figura 10.

Figura 10 - Ponto de Vista Expressivo



Fonte: Stumpf (2005, p. 62).

Em 2008, no curso à distância de Letras-Libras da UFSC, a professora Stumpf, em sua disciplina Escrita de Língua de Sinais, disponibilizou material em vídeo online e DVDs para os alunos. Um dos materiais era um vídeo com duração de 23min e registro da sala de aula com

crianças surdas treinando escrita de sinais. Um exemplo que mostramos aqui é a escrita do sinal “CASA” e percebemos que ela aprende com rapidez e facilidade, ver quadro 6.

Quadro 6 - Escrita de sinais do sinal para casa.

Aluno surdo	Escrita de sinais: CASA	QR code vídeo
		

Fonte: UFSC (2013).

Como vemos no quadro 6, o menino surdo escreve em escrita de sinais, não o faz da melhor forma, mas faz parte do processo de aprendizagem. Stumpf (2006) fala que as crianças surdas começam a entender a escrita com 7 anos de idade e essa é uma indicação de que é possível a alfabetização em língua de sinais escrita. Stumpf (2006) também afirma que se pode complementar esse conteúdo básico com os seis símbolos de contato, conforme consta no quadro 8, como podemos ver no exemplo do sinal CASA, na figura 11, que tem a escrita dos símbolos de “tocar”.

Figura 11 – Escrita do sinal CASA



Fonte: do autor

No caso do sinal casa, é necessário colocar o contato “tocar *” duas vezes ** junto da configuração de mão, conforme quadro 7. A sinalização em vídeo pode ser vista por um leitor de QR code.

Quadro 7 - Escrita de sinais “CASA”

TOCAR	CONFIGURAÇÃO DE MÃO	ESCRITA DE SINAIS	QR CODE VÍDEO
<p>**</p>			

Fonte: do autor e do canal de Youtube João Filho (2019).

Segundo Stumpf (2005) e Nobre (2011), a base da ELS é composta por representações gráficas referentes aos parâmetros fonológicos da língua de sinais. Além disso, ela é capaz de discriminar os tipos de contatos (Quadro 8), movimentos (Quadro 9) e expressão facial: sobrancelhas (Quadro 10) e boca (Quadro 11).

Quadro 8 - Símbolos de contato do Signwriting

SEIS SÍMBOLOS DE CONTATO					
					
Tocar	Escovar	Esfregar	Pegar	Bater	Entre

Fonte: Autor

Quadro 9 - Símbolos de movimento com identificação do plano da mão

MOVIMENTO COM IDENTIFICAÇÃO DO PLANO DA MÃO					
Plano Parede			Plano Chão		
					
Movimento para cima	Dois movimentos para cima	Movimento para cima e para baixo	Movimento para frente	Dois movimentos para frente	Movimento para frente e para trás

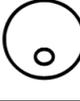
Fonte: Autor

Quadro 10 - Símbolos de expressão facial: Sobrancelha

EXPRESSÃO FACIAL: SOBRANCELHA			
Sobrancelhas para baixo			Sobrancelhas para cima
Sobrancelhas para cima, lado de dentro			Sobrancelhas para cima, lado de fora
Sobrancelhas para baixo, lado de fora			Sobrancelhas para baixo, lado de dentro

Fonte: Autor

Quadro 11 - Símbolos de expressão facial: boca

EXPRESSÃO FACIAL: BOCA	
 Boca reta, fechada	 Triste aberta
 Sorriso fechado	 Boca aberta

 Triste fechada	 Beijo
 Metade sorriso, metade reta	 Boca tensa
 Lábio sugados	

Fonte do autor

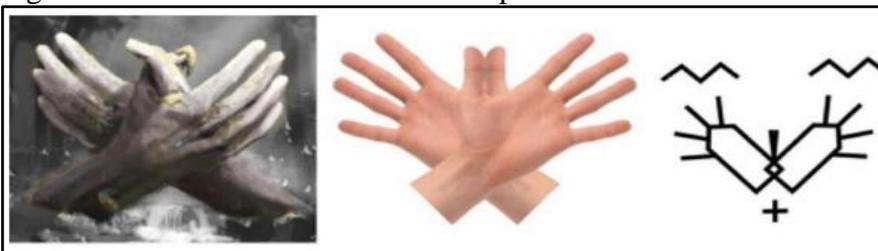
Stumpf (2005, p. 52) acrescenta que qualquer língua de sinais, sem que passe pela tradução da língua oral, pode ser registrada pelo SW, assim como ocorre com o nosso alfabeto. Para utilizar o SW, assim como ocorre com qualquer língua oral, é preciso conhecer uma língua de sinais. Há nesse sistema aproximadamente 900 símbolos. Essa quantidade de símbolos revela a complexidade e a riqueza das línguas de sinais. Corroborando com Stumpf (2005), Boutora (2003) é categórico em afirmar que tal sistema é capaz de realizar qualquer enunciado.

É uma forma gráfica que está apta a assegurar as funções da escrita, da possibilidade de distanciamento da língua, passando pelo armazenamento e transmissão de informação. Sua evolução acontecerá pelos objetivos de adaptação às novas práticas e situações. Veremos com o tempo se o sistema se adapta às novas línguas ou se são as línguas que se adaptarão à escrita (BOUTORA, 2003, p. 95, apud STUMPF, 2005, p. 96).

Machado (2017) explica que a característica do sinal feito em história em quadrinho é semelhante ao registro da escrita de sinais. A partir daí, o SW é apresentado, conforme figura 12.

e pode-se então, de forma direcionada, reconhecer a escrita no próprio ato de sinalizar – considerando que o sinal selecionado tem a característica icônica que permite associar escrita e imagem sobrepostas. Vemos, na Figura 12, o sinal BORBOLETA e sua escrita em SignWriting. Em seguida é proposta a atividade de prática do traçado da configuração de mão na escrita, a partir desse contexto narrativo. Os dois diacríticos que acompanham a configuração de mão (^ e +) representam o movimento das asas da borboleta e o tipo de toque, respectivamente no sistema SignWriting (MACHADO, 2017, p.27).

Figura 12 - Processamento do sinal da palavra borboleta.



Fonte: Guimarães, Machado, Jesus e Fernandes (2017, p. 9077).

William Stokoe foi o primeiro linguista que nos anos de 1964, iniciou um estudo centrado na *American Sign Language* (ASL), descobriu elementos pertencentes ao sistema fonológico, chegando à conclusão de que um gesto pode ser decomposto em unidades mínimas: a configuração da mão, o local de articulação e o movimento (SILVA, 2012).

É muito importante esclarecer que a Libras tem sinais icônicos e são passíveis de registro escrito por um sistema de escrita de sinais. Vejamos uma transcrição no sistema SW desse tipo no poema Surdo Orgulho. Ver quadro 12.

Quadro 12 - Surdo orgulho



Fonte: Canal de Youtube Nelson Pimenta (2019).

A partir dessas exemplificações demonstramos que a modalidade escrita da língua de sinais relaciona-se ao sujeito surdo porque representa diretamente sua primeira língua (L1), enquanto a sua segunda língua (L2) é a modalidade escrita do português, no caso de surdos brasileiros.

A escrita de sinais é importante para integrar o surdo na sociedade e para que este tenha acesso às informações em quaisquer lugares. Dessa forma, é preciso incluir a escrita de sinais nos lugares onde haja textos informativos para que os surdos recebam informações. Por exemplo, nos museus que têm textos em português, estes também precisam ser traduzidos para a Libras escrita, assim, os surdos poderiam receber as mesmas informações disponíveis. Também é necessário nos textos narrativos em geral e nos documentos legais.

Sobre o registro escrito da língua de sinais, Nobre (2011) afirma que a Escrita da Língua de Sinais (ELS) representa para a Comunidade Surda mundial um avanço, na medida em que fornece possibilidades de produções literárias em sua primeira língua. Enquanto surdo e, por conseguinte, integrante da comunidade surda, posso afirmar, em corroboração com os autores há pouco aqui citados, que a comunidade surda tem preferência por forma de registro que se adapte à sua condição visual. Tal adaptação possibilita a aprendizagem e a expressão na forma gráfica da língua materna do sujeito surdo.

2.2.2 O artefato cultural familiar

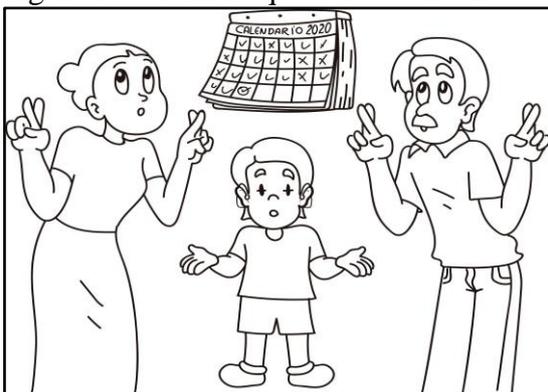
Segundo Strobel (2016, p. 58) famílias ouvintes acostumadas ao uso de sua língua portuguesa por gerações de modo natural sofrem grande choque com a chegada inesperada de um filho surdo, causando sempre um “problema social”.

O problema social relacionado à surdez surge da preocupação do ouvinte por não saber o que fazer e quais caminhos trilhar com o filho surdo. Antes, a família sonhava alto com um filho maravilhoso que teria plena comunicação com os pais, tios, primos e avós, mas ao descobrir que a criança é surda, a família fica chateada, decepcionada. Pensam que o sujeito surdo é incapaz. Os pais levam o filho ao médico que comumente aconselha não permitirem a criança aprender língua de sinais.

No entanto, quando os pais surdos levam seus filhos surdos aos médicos e profissionais da área, estes os aconselham a não usarem a língua de sinais, alegando que isso provocaria atraso na aquisição da língua portuguesa e encorajando-os a colocarem aparelhos nos seus filhos, argumentando que ouvir som e aprender a falar é melhor do que nada. (STROBEL, 2016, p. 58).

A família ouvinte acredita que o médico obviamente pesquisa e é amparado pela ciência da saúde. A maioria da sociedade não conhece a comunidade surda. Os pais insistem na tentativa de tornar o filho surdo em ouvinte. “Questionam: será que o surdo vai curar? Será que o meu filho surdo um dia ouvirá? Ele será aceito na sociedade? Terá uma vida normal?” Strobel (2016, p. 59). Estas são questões recorrentes. Não imaginam aceitar a língua de sinais. Veja a figura 13.

Figura 13 - Tomara que cure a surdez.



Fonte do autor

Pais esperam por meses na tentativa de conseguir que o filho surdo ouça como um ouvinte. Quando haverá cura para o surdo? Quanto tempo? Quantos anos? Essas expectativas causam problemas para as crianças surdas. Atraso na aprendizagem e atraso na descoberta da identidade surda.

Depois, com o contato com a comunidade surda, a pessoa surda rapidamente se torna influente em Libras. A família demora a entender. Ainda faltam informações para a sociedade ouvinte. O filme “Seu nome é Jonas” mostra a história de como uma família enfrenta um problema social na sua vida que infelizmente se repete, resultando em perda de tempo e atraso no desenvolvimento do filho surdo. Veja cenas do filme na figura 14.

Figura 14 - Cenas do filme Seu nome é Jonas. Encontro com um surdo



Fonte: Seu nome é Jonas (1979)

A mãe de Jonas encontra os pais de uma criança surda conversando entre si. Ela se aproxima e diz querer conhecer pessoas surdas. Em outro dia, eles se encontraram em uma festa, em um clube para surdos, algo como uma associação de surdos. Ali, Jonas conseguiu aprender alguma coisa sinais em língua de sinais por meio de um surdo que lhe ensinou. Por último, o irmão ouvinte mais novo de Jonas e até sua mãe aprendem sinais. Há uma cena em que todos se comunicam em sinais. A cena é emocionante. Ela retrata a felicidade de conseguir ser aceito pela língua de sinais. Como mostra o filme, qualquer um pode procurar a comunidade surda.

Salvo alguns casos, quando tem diálogo e bom vínculo entre eles, isso ocorre porque um ou outro membro ouvinte da família do filho surdo resolveu se informar aprofundar a respeito da cultura surda, procurando se comunicar e passar todas as informações para a criança surda em uma relação de diálogo, no qual existe uma efetiva troca de saberes e a aceitação da identidade surda. (STROBEL, 2016, p. 62)

O caminho mais simples a seguir uma coisa muito simples a fazer é procurar a comunidade surda. Nessa comunidade surda, existem experiências, histórias de surdos que mostram como a família precisa aceitar a língua de sinais. Deve-se reconhecer que a comunidade surda tem muitas coisas para informar sobre “o mundo do surdo”.

2.2.3 *O artefato cultural literatura surda*

A literatura possui diversos gêneros: Lírico (também chamado na atualidade de poesia. Ex. de subgênero: soneto.), Narrativo (Ex. de subgênero: fábula, contos, piadas, lendas, romance) e Drama (Ex. de subgênero: Auto), conforme Travaglia (2007, p. 40). São textos que impactam qualquer pessoa independente de idade, principalmente, a literatura que representa culturas.

Gêneros de literatura são um tipo específico dessa divisão, sendo caracterizados pelo uso da linguagem para entretenimento ou por destacar a linguagem criativa. Esses gêneros são divisões culturais; cada cultura categoriza a sua própria literatura a sua maneira. Isso acontece porque cada cultura valoriza e tem conhecimento de coisas diferentes; cada cultura usa a língua de forma particular e os seus membros têm experiências distintas daquelas de pessoas de outras culturas. Por isso, os gêneros de literatura em Libras não seriam necessariamente iguais aos gêneros de literatura em português brasileiro (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 74).

Os lugares e as experiências de culturas brasileiras representadas na literatura encontram-se nos contos indígenas, dos negros e outros que possuem diversas adaptações de acordo com suas culturas.

Há diferentes concepções sobre literatura, segundo Terry (2006, p. 1) “Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção”. No momento, a literatura surda se insere com um dos tipos de produção literária. O que tem sido consenso no conceito de literatura é que é um texto imaginativo que traz elementos da história real.

A partir do século XVI até o XVII as pessoas começam a entender sobre fato e ficção chamado “novel”, por isso, entre ambos, este é entendido como acontecimento (EAGLETON, 2006, p. 2). Segundo Eagleton (2006, p. 2), “as histórias em quadrinhos do Super-homem e os romances de Mills e Boon são ficção, mas isso não faz com que sejam geralmente considerados como literatura”. Há uma confusão de compreensão porque apenas a características e ser um texto imaginativo não classifica uma produção como literatura.

Vejamos a fala de Derrida (2014, p. 52) na entrevista concedida a Derek Attridge:

D.A. – O senhor poderia esclarecer mais sua visão da literatura como “essa estranha instituição que permite dizer tudo”?

J.D. – Esclareçamos então. O que chamamos de literatura pressupõe que seja dada licença ao escritor para dizer tudo o que queira ou tudo o que possa, permanecendo, ao mesmo tempo, protegido de toda censura, seja religiosa ou política. Quando Khomeini fez um apelo para o assassinato de Rushdie, aconteceu-me de assinar um texto – sem aprovar literalmente todas suas formulações – que dizia ter a literatura

uma “função crítica”. Não tenho certeza de que “função crítica” seja a palavra adequada. (DERRIDA, 2014, p. 52).

A marca da cultura e identidade surda é a língua de sinais porque é por meio dela que os surdos relatam suas experiências e histórias. Atualmente, o povo surdo possui a literatura surda. Ela é muito bem vinda porque significa acessar as culturas por meio de adaptações para os povos surdos e assim integram a cultura surda. “A literatura Surda traz histórias de comunidades surdas, os processos sociais e as práticas discursivas relacionadas que circularam em diferentes lugares e em diferentes tempos” Mourão (2011, p. 50)

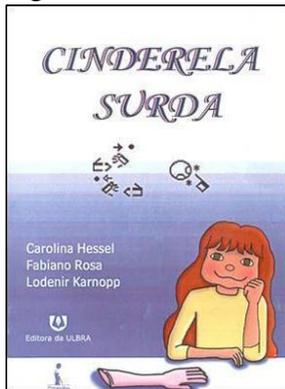
Não é fácil definir a Literatura Surda. Como não há uma definição ou uma única conceituação para literatura em geral, também não há uma definição única para Literatura Surda... Há vários anos que se alteram os seus significados de literatura até os dias de hoje (MOURÃO, 2011, p. 20).

De acordo com a experiência da comunidade surda a manifestação literária acontece de forma visual, por meio da sinalização com as mãos em sua maioria, isso torna a entrada no mundo do surdo uma novidade. Para os ouvintes a não sonoridade é estranha. O povo ouvinte não se acostuma com essa característica, pois sente necessidade da sonoridade. Peixoto (2016, p. 30) afirma que

ao ter o primeiro contato com a comunidade surda e deparar-se com a vivência de mundo por meio de informações visuais e não sonoras, a experiência é repleta de novidades. As especificidades são constatadas: na forma silenciosa de aplaudir, diferente do tradicional barulho gerado pelas batidas das palmas das mãos; na possibilidade de “falar de boca-cheia”, pois não é a boca que precisa estar livre para a comunicação na hora da alimentação, mas as mãos; na luz sendo acesa e apagada para chamar a atenção de pessoas surdas em reuniões, ao invés do uso tradicional do microfone; no uso doméstico da campainha luminosa substituindo a campainha sonora; nos pés sendo unidos em momento de reza/oração ao invés das mãos. (PEIXOTO, 2016, p. 30)

A cultura e identidade surda cria a comunidade surda que reúne os pares com experiências de vida iguais. O imaginário da comunidade surda é possível ser representado na literatura surda. Por meio dela, o surdo pode partilhar suas vivências bem como sua sinalização. Assim, vemos as manifestações literárias de vários tipos na comunidade surda: histórias, contos, comédia, poesia e outros. No caso do texto literário “Cinderela”, a comunidade ouvinte ao ler Cinderela Surda tende a imaginar que seja a mesma história porque mantém o nome “Cinderela” e remonta essa ideia. No entanto, a história sofreu adaptações tornando-a diferente do texto original, ver figura 15.

Figura 15 - Livro de Cinderela surda



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003)

Na área da comunidade surda há a necessidade de adaptação das histórias porque o aspecto humano é igual, mas as culturas são diferentes. Na história original, Cinderela é ouvinte e usa um sapato de cristal que ao fugir o perde. Cinderela Surda é surda e usa luva, ver a figura 16.

Figura 16 - Luva



Fonte: Cinderela Surda (HESSEL, 2003)

A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, neste texto é recontar essa história a partir de uma outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como signwriting (SILVEIRA; ROSA; e KARNOPP, 2003, p. 5).

Segundo Peixoto (2016, p. 22) “Afínidades de vivências, de crenças, de valores, de práticas que refletem nas produções literárias destas pessoas em determinada época e local.”. As manifestações literárias do povo surdo trazem o valor pertencente à língua da comunidade surda, e vivências que são reconhecidas pelo povo.

Os cursos de Letras-Libras deram uma importante contribuição para a área da Literatura surda e em Libras, pois iniciaram as produções por meio das disciplinas de literatura surda em que há muitos conteúdos sobre cultura e identidade. Assim, os alunos aprenderam a gravar vídeos de suas produções sinalizadas de literatura surda.

A tese de Peixoto (2016) trata sobre a temática da literatura surda cujo material de análise foram materiais digitais e impressos e encontrou os registros de 70 (setenta) obras poéticas criadas por surdos. De acordo com a autora, a literatura da comunidade surda se caracteriza como uma Literatura Visual que “é o todo composto pelos três tipos de produções da língua visuo-espacial: traduções (Literatura em LIBRAS), adaptações e criações (Literatura Surda)” (PEIXOTO, 2016, p. 142).

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre valorização de suas identidades surdas (STROBEL, 2008, p. 56).

Nesse momento, está havendo uma disseminação da literatura surda por meio de filmes produzidos e disponibilizados na internet. Um exemplo é a produção literária “O Mundo de Netinho”, ver QR code da figura 17, publicado no youtube em 2019. Esse filme é uma forma de entrar no mundo dos povos surdos. Nele há a sinalização em língua de sinais e a sua modalidade escrita ao longo das cenas. Há diversas histórias que representam as barreiras enfrentadas pelo surdo. Esse filme foi produzido por um aluno de Letras/Libras da UFC, em Fortaleza, como trabalho da disciplina Literatura Surda. A partir de experiências como essas, consideramos que os cursos de Letras Libras têm ajudado por meio da disciplina Literatura Surda na criação de materiais impressos e fílmicos pelo próprio surdo.

Como vemos com o passar do tempo, os povos surdos tiveram a necessidade de registrar suas atuações do cotidiano, como as várias conquistas, língua de sinais, tradições culturais, entre outros, e com isto surgiu a literatura surda! (STROBEL, 2016, p. 74)

Figura 17 - Filme: O mundo de netinho



Fonte: Oliveira-Filho (2019)

Assim, a história dos surdos expressa totalmente em língua de sinais seus valores, incluindo a escrita de sinais, porque é uma forma de registro importante, assim como as representações imagéticas que constituem os livros literários.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: SEMIÓTICA DE BAKHTIN

Há produções científicas baseadas em Bakhtin que tomam como categorias de análise os sentidos, os signos, a ideologia, a verbo-visualidade, os significados, a enunciação e o enunciado. Nesta pesquisa, tomamos como categoria analítica a verbo-visualidade, porém, é necessário a compreensão dessas outras categorias. No contexto de produção da área de literatura em Libras, a representação visual é preponderante, além da língua de sinais. Por meio delas, se produz sentido e significado:

para o círculo de Bakhtin, o estudo da língua é inseparável da vida, pois é nela, nas relações entre os sujeitos, na realização da língua por meio da interação entre esses mesmos sujeitos, que a linguagem acontece e os sentidos se instauram. Portanto, o olhar para a linguagem deve ocorrer em suas reais condições de produção, pois, obrigatoriamente, os sentidos implícitos nessas práticas só emergem na interação real e viva entre sujeitos singulares (NASCIMENTO, 2013, p. 218).

A relação do povo surdo é com a língua de sinais porque é a língua que contempla a visualidade. Além desse aspecto, a experiência visual das crianças surdas inicia com as imagens. Através do contato com a iconicidade da imagem o surdo aprende a expressar-se por meio da sinalização. O surdo desenvolve sua competência linguística por meio da sua habilidade com a visualidade. A história do surdo está na literatura surda, por isso, essa literatura surda é valorizada.

Descontínuo devido ao fato de que é a linguagem que cria e recria o mundo histórico e valorativo. A história é móvel, é tanto memória do passado quanto memória do futuro. Mais precisamente, a história é como o veículo de todo signo produzido, funcionando como a transportadora de signos ditos ao encontro de signos ainda não ditos. A cada novo acontecimento, a cada nova produção ideológica a história se recompõe, reescreve-se, atualiza-se. A grande percepção de Bakhtin é justamente de que a história não está estagnada, pronta, concluída, já-dada, mas se rematerializa no uso do signo. É por isso que materialidade, nesse sentido preciso, não se contrapõe a descontinuidade (ALMEIDA, 2012, n.p).

Os surdos usam a língua de sinais de seu país, no Brasil as pessoas surdas brasileiras usam a Libras como forma de comunicação nas comunidades surdas. As línguas não são universais e “com a língua de sinais não é diferente: nos Estados Unidos, os surdos “falam” a língua americana de sinais; na França, a língua francesa de sinais; no Japão, a língua japonesa de sinais; no Brasil, a língua brasileira de sinais, e assim por diante” (GESSER, 2009, p. 11)

As palavras possuem significados sociais partilhados em contextos interacionais. A palavra-signo é como uma palavra qualquer cujo significado é apreendido pelas pessoas/objetos. “O signo linguístico participa do comportamento comunicativo humano, que se manifesta em todos os campos da vida” (SOBRAL, 2009, p. 77)

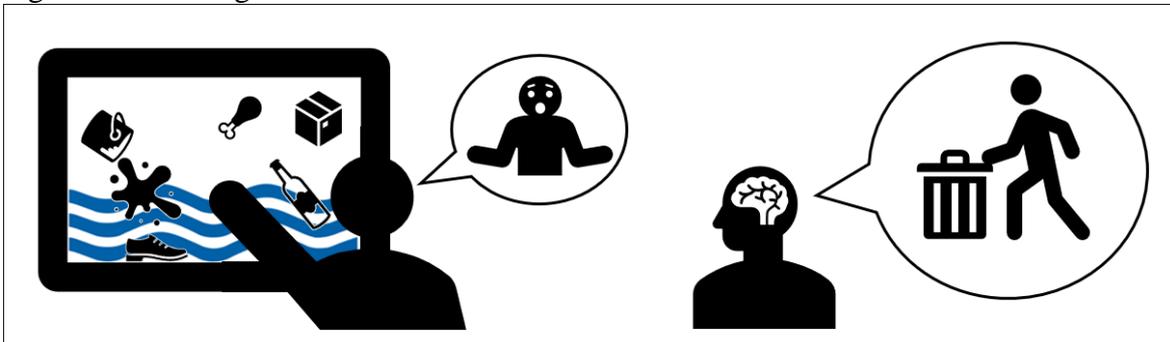
Almeida (2012, n.p) afirma que na teoria bakhtiniana, a palavra é realidade:

de início, Bakhtin é contundente em afirmar que tudo que é ideológico é signo. E ele vai mais além ao dizer que o signo não se constitui fora de uma realidade material, mas reflete e refrata outras realidades. Os signos somente emergem e podem existir dentro da interação social, adquirindo significação dentro de uma realidade material e concreta. Eles comportam em si índices de valores que espelham e constituem os sujeitos que os utilizam e a realidade social por onde circulam. Tais índices operam como arenas de lutas em que diferentes ideologias entabulam entre si relações dialógicas e disputas pelos sentidos. Dentro do universo da linguagem, o signo tem seu espaço particular por operar como uma ponte entre a língua sistêmica e a realidade sócio-histórica, articulados pela ideologia. Assim, podemos dizer que o signo se dá em uma encruzilhada tripartite e inseparável: uma parte de material, uma parte de materialidade sócio-histórica, e uma parte do meu ponto de vista (ALMEIDA, 2012, n.p).

Há diferença entre objeto e palavra. A ideologia encontra-se nos sujeitos que é expressa por meio da interação verbal por meio dos signos ideológicos. Assim, a pessoa em contato com um objeto ativa sua ideologia e faz julgamento de valor. Ver exemplo na figura 18.

A ideologia é essa dupla face que faz com que o signo se mantenha na história e também se transforme na interação verbal. Podemos definir a ideologia, portanto, como um conjunto de valores e de ideias que se constitui através da interação verbal de diferentes sujeitos pertencentes a diferentes grupos socialmente organizados na história concreta. (ALMEIDA, 2012, n.d.).

Figura 18 - Ideologia



Fonte do autor

A partir da figura 18, um determinado sujeito, ao se deparar com a imagem de um rio poluído, percebe a necessidade de organizar lixeiras para evitar danos ambientais como as enchentes em época de chuvas. A sua vivência possibilita apreender o contexto sócio-histórico que está inserido. Assim, a imagem também é um signo ideológico.

A palavra “ideologia” possui uma significação social qualquer representada em signos partilhados entre seres interactantes.

“A ideologia não pode ser deduzida a partir da consciência, como fazem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada”. (BAKHTIN, 2018, p. 97).

Dessa forma, há uma diferença entre a concepção de ideologia e de objeto. Uma pessoa vê a matéria mesa na qual não há uma ideologia necessariamente porque mesa é instrumento apenas. A partir da experiência da pessoa com a mesa e seu uso enquanto signo surge a ideologia.

Reforçando esse entendimento, a ideologia poderia caracterizar-se, na perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens. Seguindo esta linha de raciocínio, também pode-se ver ideologia como uma representação. Isso porque se dá na/pela linguagem. Precisa dela para poder manifestar-se e essa é caracterizadamente representativa (simbólica) e constituída por signos ideológicos. Isso significa que esses signos não só denominam um ser no mundo, mas também fazem referência a uma outra realidade fora da imediata (ALMEIDA, 2012, n.p).

A partir do momento que o sujeito interage com o objeto e o significa esse instrumento se modifica, como é o caso do pão e vinho que passa a ter ideologias diferentes em contextos sócio-históricos diferentes. Ver o quadro 13 para entender a ideologia da palavra pão.

Quadro 13 - Ideologias do pão

Diálogo 1	Diálogo 2
 <p>Por favor, compra o pão para o café da manhã, pode ser?</p> <p>- Sim, querida! Posso! Só isso mesmo ou mais alguma coisa?</p>	 <p>Por favor, você pode comprar pão e vinho, família está vindo amanhã. Sabe né, agora em abril!</p> <p>- Sim, posso querida! Para a semana santa né?</p>

Fonte do autor

No quadro 13, há dois contextos ideológicos para a palavra pão: no primeiro quadro o pão significa alimento para o corpo e no segundo quadro o pão significa alimento para a alma. O segundo significado traz toda uma ideologia religiosa em que o pão simboliza a ressurreição de Cristo. Assim, o signo carrega uma ideologia vivenciada em um determinado contexto sócio-histórico.

a sociedade é constituída pelos sujeitos e ao mesmo tempo constitui os sujeitos; a ideologia precisa da psique para ter sentido e a psique é afetada pela ideologia, e as duas convergem na formação do chamado signo ideológico, um signo que resulta de avaliações sociais e pessoais do mundo concreto (SOBRAL, 2009, p. 50).

Vejamos como o signo ideológico pode ser representado no quadro 14. Nessa imagem, esclarecemos a relação da linguagem com o signo ideológico. Vemos que é possível que os objetos, ao serem utilizados como instrumentos, transformam seus significados e passam a ter outros sentidos e convertem-se em signos ideológicos (BAKHTIN, 2006).

Quadro 14 - Transformado

OBJETO		COLOCADOS COMO INSTRUMENTOS, TRANSFORMAM O SIGNIFICADO	SIGNO IDEOLÓGICO	
			  	
PÃO	VINHO		RELIGIOSO	

Fonte do autor

Analisando os objetos separadamente são elementos que compõem a alimentação, porém, em conjunto esses alimentos ganham um outro sentido.

A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sócio de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sócio ideológico, não sobrar absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos. (BAKHTIN, 2018, p. 97 e 98).

Com o nascer de uma pessoa cria-se a linguagem em interação com o outro pois a linguagem não existe em uma só pessoa. A língua é tão natural e necessária para o ser humano quanto as árvores são para os animais. Esses sem as árvores morrem e o ser humano sem a língua morre em sua essência.

Assim, a palavra é o elemento essencial para acompanhar e constituir a concepção ideológica, enquanto material semiótico da vida interior e eternamente presente no ato de compreender. Logo, por estar diretamente envolvida nas relações humanas, é o indicador mais sensível das transformações sociais, contendo em si as lentas acumulações que ainda não ganharam visibilidade ideológica, mas que já existem (ALMEIDA, 2012, n.p).

As palavras possuem significado e sentido, por isso, sujeitos utilizam signos ideológicos nas trocas sociais. A vida começa apenas no momento em que uma enunciação encontra outra, isto é, quando começa a interação verbal, mesmo que não seja direta, "de pessoa a pessoa", mas mediatizada pela literatura.

“De fato, não importa qual enunciado considerarmos: ainda que ele não represente uma mensagem objetiva (uma comunicação no sentido estrito), mas uma expressão verbal de alguma necessidade como, por exemplo, a fome, concluiremos que sua orientação é inteiramente social.” (BAKHTIN, 2018, p. 206).

O contexto sócio-histórico é importante para a apreensão dos significados e dos sentidos que representam a realidade.

"Significação" é portanto o conjunto de elementos da língua que são reiteráveis e idênticos, as formas fixadas da língua. Trata-se de elementos abstratos fundados numa convenção, elementos que não têm existência concreta independente da enunciação. Mas eles são parte essencial da enunciação, que sem eles não pode ocorrer. A "significação" é um conjunto de recursos necessários à realização do "tema", sendo nessa realização que nasce o sentido, mas a significação não é suficiente para dar conta do sentido, porque este sempre nasce em situações concretas nas quais prevalece o tema (SOBRAL, 2009, p.75).

A palavra é um tipo de representação da realidade cujo significado pode ser apreendido por um signo imagético. Na mente, a palavra fica associada a uma imagem significativa. Uma palavra possui um significado próprio e um sentido que depende do contexto sócio-discursivo no qual a ideologia se manifesta, por isso, é importante as experiências pessoais para a compreensão do texto. Um exemplo é o que Brait (2009) traz sobre a palavra mandioca, a qual pode ser explicada por meio de seus aspectos fonológicos ou por sua significação que a torna um enunciado concreto produzido em condições sócio-históricas específicas. Segundo Bakhtin (2018):

VI. O sentido da palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto. Na verdade, existem tantas significações para uma palavra quantos contextos de seu uso. No entanto, a palavra não perde a sua unicidade; ela, por assim dizer, não se desfaz em uma quantidade de palavras equivalente aos seus contextos de uso. Obviamente, essa integridade da palavra é garantida não apenas pela integridade da sua composição fonética, mas também pela unicidade comum a todas as suas significações. (BAKHTIN, 2018, 195 e 196)

Um exemplo é a palavra MANI'OK (BRAIT, 2009, p. 147 a 152). De acordo com o relato dessa autora, essa palavra traz em seu significado a história mítica da mandioca. A lenda fala da gravidez de uma índia virgem e dessa gravidez nasceu uma criança branca diferente de toda a tribo. Foi considerada um ser especial, pois andava e falava precocemente. Morreu depois de um ano. De sua jazida nasceu um fruto que foi denominado mani'ok, que significa casa ou transformação de Mani. Dessa forma, a palavra carrega em si uma historicidade e uma ideologia.

Com base em Bakhtin, ao pensar em palavra, fala-se em ideologia, signo, significado e sentido que se realizam nos indivíduos.

O sujeito se divide em múltiplos papéis, nos termos de suas relações sociais, e a sociedade se divide em múltiplos grupos e segmentos, nos termos das relações entre esses grupos e segmentos. Há assim a interação entre o domínio da construção ideológica do psiquismo e o domínio da participação do psiquismo na construção ideológica da realidade que podemos perceber nos signos da linguagem, nas representações do mundo pela linguagem. A construção ideológica do mundo afeta o psiquismo, mas não pode existir sem ele; ela e o psiquismo estão inseridos no ambiente social e histórico, marcado por divisões de vários tipos, que é tanto seu contexto e condição de possibilidade como produto de sua ação: assim como dependem do ambiente social e histórico para existirem, a ideologia e o psiquismo constituem esse mesmo ambiente (SOBRAL, 2009, p. 48).

Uma possibilidade de análise da produção da área da surdez é a semiótica com base em Bakhtin. Podemos analisar o texto verbo-visual com base em Brait porque na literatura surda há a exploração de imagens e escrita de sinais compondo um signo ideológico.

3.1 O verbo-visual

Como já apontado há signos de diversos tipos e aqui nos detemos no signo linguístico e imagético. Segundo Brait (2013, p. 44),

“é importante reafirmar que as sugestões teórico-metodológicas que sustentam essa perspectiva vêm da compreensão de que os estudos de Bakhtin e do Círculo constituem contribuições para uma *teoria da linguagem em geral* e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita”

Na obra de Bakhtin, as imagens ganham importância a partir das considerações sobre as artes visuais (BRAIT, 2013).

A representação na arte. Abriram uma forte discussão sobre o fato de que, embora perfeita enquanto representação, a imagem do cachimbo não é a realidade. É a relação polêmica e irônica entre imagem e frase que desconstrói, por assim dizer, a ilusão do real, dando à imagem seu estatuto de imagem. E à frase, à letra cursiva elaborada, quase professoral, confere-se a condição de desenho que sinaliza a presença de uma mão, *provavelmente* a mesma que segura o pincel, interpenetrando letra e traço, signo verbal e signo visual (BRAIT, 2013, p. 53).

O conceito de enunciação é a expressão de significados todos produzidos a partir de um contexto. Segundo Bakhtin (2018, p. 241), a teoria do enunciado pega terreno principalmente na linguística comparativa indo-germânica. Porém, neste campo, crítica Bakhtin, as línguas começam a ser comparadas apenas nos planos da fonética e morfologia. Os problemas de sintaxe das línguas não são contemplados.

Entretanto, para uma compreensão correta da língua e da sua constituição, os problemas de sintaxe possuem enorme importância. Com efeito, de todas as formas da língua, *as sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas do enunciado*, isto é, daquelas dos discursos verbais concretos. Todos os desmembramentos sintáticos do discurso desintegram o corpo vivo do enunciado, e por isso são os que geram mais dificuldade ao serem relacionados ao sistema abstrato da língua. As formas sintáticas são mais concretas do que as morfológicas e as

fonéticas, e estão ligadas de modo mais estreito às condições reais da fala. (BAKHTIN, 2018, p. 242)

É preciso observar que qualquer expressão sgnica exterior - por exemplo, um enunciado - pode ser construída em duas direções: na direção do sujeito ou a partir dele na direção da ideologia. No primeiro caso, o enunciado tem como objetivo expressar os signos interiores por meio dos signos exteriores e exige que o ouvinte os relacione com o contexto interior, ou seja, é necessária uma compreensão puramente psicológica. No outro caso, é preciso uma compreensão puramente ideológica e objetiva desse enunciado. (BAKHTIN, 2018, p. 132)

O contexto do enunciado é social, envolve as perceptivas das pessoas para construir o sentido. Suas experiências de vida são realizadas no enunciado que tem como seus elementos constitutivos a sintaxe, a fonética e a morfologia. Fundamentalmente, todas as categorias linguísticas são processadas no enunciado, onde se percebe os outros significados das frases.

Por exemplo, a frase “eu não quero café” pode ser compreendida como “ele não gosta café”, ou de outra modo pode ser entendida como “eu não quero”, ver quadro 15. Isoladamente não se pode apreender o sentido concreto por falta de contexto. Então, a semiótica do texto tem sentido no “objeto de significação” que é a enunciação (BARROS, 2005).

Quadro 15 - Enunciação



Fonte do autor

Segundo Nascimento (2013, p. 219) “A palavra, enquanto materialização dessa enunciação, está sempre dirigida ao outro. O autor [Bakhtin] afirma que é na enunciação, ou enunciações, pelo fenômeno da interação verbal, que a verdadeira substância da língua se constitui.” Conforme pode-se observar no quadro 15, a enunciação transmite uma informação a partir de contexto sócio-histórico por meio das relações comunicacionais.

Se procurarmos diferenciar enunciado de enunciação, ao levarmos em conta a natureza dialógica da comunicação discursiva, tal diferenciação perde sua importância. Vemos que o enunciado é compreendido como elemento da comunicação em relação indissociável com a vida. Neste sentido, o enunciado concreto é um evento social e não pode ser reduzido a abstrações. Em “Marxismo e filosofia da linguagem”, a palavra enunciação é utilizada muitas vezes como ato de

fala. A enunciação concreta é a realização exterior da atividade mental orientada por uma orientação social mais ampla, uma mais imediata e, também, a interação com interlocutores concretos. Em “Os gêneros do discurso”, o enunciado é definido como a unidade real da comunicação discursiva, diferenciando esta unidade (real) das unidades da língua, como palavras e orações (convencional). Neste texto, Bakhtin discute as três principais peculiaridades do enunciado como unidade real da comunicação discursiva: 1. alternância dos sujeitos falantes; 2. conclusibilidade; 3. escolha de um gênero discursivo. É neste texto também que Bakhtin afirma que “o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso em qualquer campo de investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida”. (ALMEIDA, 2012)

Dentro da diversidade de produção literária da sociedade há a produção verbal e visual que já está no imaginário das pessoas. Porém, a junção da linguagem verbal e visual nos dá outro significado, o que Brait chama de verbo-visual.

O texto verbo-visual se constitui da união entre a o texto verbal e o visual de forma que se torna um, isso considerando que a imagem também é um texto.

Não seria excessivo lembrar que a possibilidade de leitura de um enunciado visual tem sido, ao longo dos estudos da linguagem, objeto de diferentes disciplinas, em diversos momentos, caso da Semiologia, da Semiótica, da Nova Retórica, para citar apenas algumas. Neste trabalho, o enfrentamento da verbo-visualidade, sem ignorar a importância e a produtividade de cada uma dessas disciplinas, situa-se nas sugestões do pensamento bakhtiniano, conforme desenho teórico-metodológico esboçado, cuja produtividade será experimentada na leitura da palavra mandioca, surpreendida em três momentos (BRAIT, 2009, p. 146).

Nascimento (2013, p. 229) esclarece em sua pesquisa sobre o verbo-visual no gênero jornalístico televisivo, no qual há janela de tradução/interpretação de língua de sinais que a edição do Programa Sentidos organiza os elementos: textos, imagens, logomarca e a janela de intérpretes.

“A edição final do Programa Sentidos é realizada com um planejamento para a inserção do intérprete: o G.C⁵ e as imagens que ocupam toda a disposição da tela e todos os possíveis elementos verbo-visuais são organizados buscando não ocupar o espaço destinado para a interpretação” (NASCIMENTO, 2013, p. 229).

O verbo-visual está caracterizado no exemplo anterior como composto por imagem, texto e língua de sinais.

A pesquisa de Nascimento (2013) foca na tradução/interpretação no jornalismo e como são organizados cada um dos elementos: imagens, texto e intérprete que no total, juntos formam um único verbo-visual.

⁵ Gerador de Caracteres (GC)

Figura 19 - Sentido verbo-visual com G.C.



Fonte: Nascimento (2013, p. 225)

O enunciado verbo-visual é formado pelo material verbal oral ou escrito e pelas imagens que juntos apresentam um significado único que permite entender o contexto, porém, às vezes, não há contexto que explique a relação dos elementos. Ver figura 20.

Figura 20 - A escrita negando a imagem. Provocação?



Fonte: Brait, B. (2013, p. 53)

Temos aí um problema de contexto. Brait (2013, p. 52 e 53) nos aponta o enunciado verbo-visual e nos mostra o exemplo da obra de Magritte, no qual há a imagem de um cachimbo e a frase “Isso não é um cachimbo”, em francês, e demonstra essa construção também no artigo científico.

no artigo científico, o visual, tanto quanto o verbal, faz parte da construção do objeto, da construção do conhecimento científico tramado entre as duas *linguagens*. A experiência ganha forma na linguagem pela linguagem verbo-visual. O que exige/pressupõe um leitor letrado em ambas, como se pode observar a cada página do artigo científico, a cada diagrama, a cada gráfico. O alvo essencial é o objeto de conhecimento em construção, embora haja um interlocutor na mira (os pares). A verbo-visualidade funciona de maneira a constituir o objeto de conhecimento, a partir de um ponto de vista teórico-metodológico. A dimensão visual interage constitutivamente com o verbal (ou vice-versa), acrescentando-lhe valores. Sem esse jogo não se dá a construção do objeto de conhecimento, nem dos sujeitos da construção e da recepção. (BRAIT, 2013, p. 62).

A literatura surda, sejam os textos registrados em escrita de sinais ou com recursos de vídeos, em sua maioria são constituídos de textos verbo-visuais. Assim, a área de pesquisa que tem a semiótica de Bakhtin e Brait complementam os estudos científicos da área de Libras. A necessidade de entender as formas de constituição dessa literatura nova na produção de literatura no Brasil justifica os objetivos deste estudo.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Analisar a produção de sentido do texto verbo-visual presente na literatura adaptada para surdos.

4.2 Objetivos específicos

- Identificar quais são os aspectos dos clássicos da literatura infantil ouvinte que sofreram adaptação à cultura surda;
- Analisar a ideologia presente no texto verbo-visual;
- Averiguar se a cultura e a subjetividade surda é representada nas imagens e na escrita de sinais e português.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

Para o alcance do objetivo de análise de sentido do texto verbo-visual escolhemos trabalhar com a pesquisa de natureza qualitativa, de delineamento e técnica documental, com o objetivo de descrever as ocorrências da verbo-visualidade na literatura em Libras (PONTE, OLIVEIRA, MOURA; BARBOSA, 2007). A pesquisa qualitativa nos favorece ao desenvolvimento de um trabalho “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21). A pesquisa documental se justifica por utilizarmos a literatura em Libras como objeto de análise.

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (SEVERINO, 2016, p. 131).

Da mesma forma entende Gil que

A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. [...] Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc (2008, p. 51).

Os livros de literatura surda são compostos por textos verbais em português e Libras escrita pelo sistema SW e ilustrações como elemento visual. Existe literatura surda em formato de livros digitais com textos sinalizados. A principal referência é a representação em imagens aliadas à Libras e ao português, por isso temos a intenção de mostrar a relação verbo-visual entre estes elementos constitutivos das obras pesquisadas.

5.1 Corpus

De modo geral, as adaptações de obras produzidas foram: “O Feijãozinho Surdo” (2009); “Cinderela Surda” (2003); “Rapunzel Surda” (2003); “Ivo” (2003); “A Cigarra Surda e As Formigas” (2004); “Negrinho e Solimões” (2014); “Onze histórias e Um Segredo” (2016); “Branca de Neve Surda” (2020) e “Chapeuzinho Vermelho Surda” (2020). Porém o corpus foi constituído de duas obras de literatura surda, as quais foram: Cinderela Surda e o Feijãozinho Surdo. Essas obras são compostas por uso de recurso imagético, escrita de texto em português e em Libras pelo sistema SW.

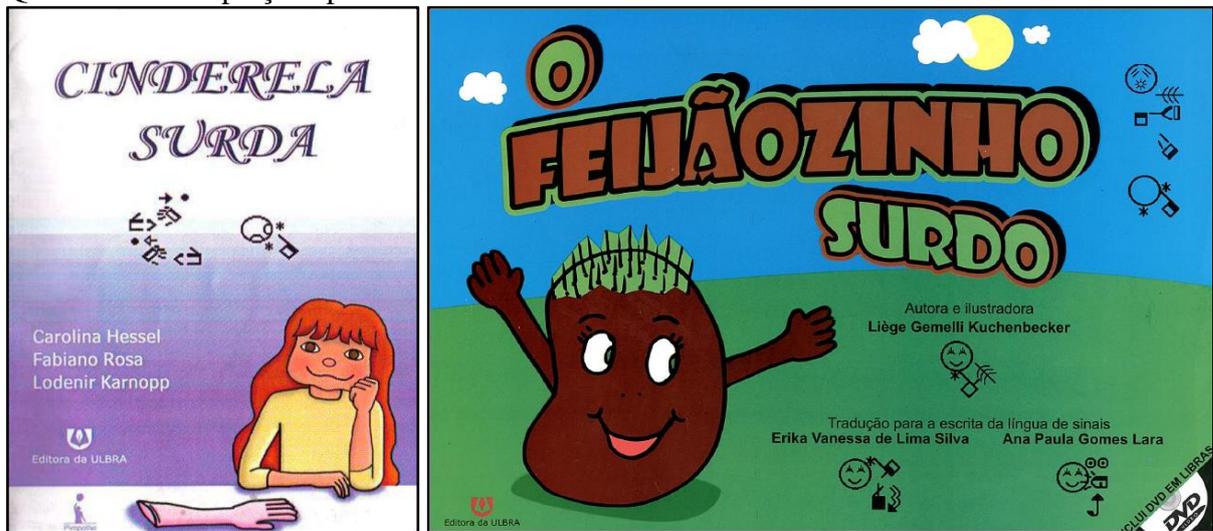
Essas histórias clássicas são conhecidas na comunidade ouvinte e possuem larga divulgação na mídia em geral (ver quadro 16). Porém, para sua inserção na comunidade surda, elas sofreram adaptações inclusive no título (ver quadro 17). Essas adaptações foram no sentido de inserir elementos da cultura surda no texto para que os surdos possam ter em sua leitura uma representação de si mesmos e sentir-se estimulados a lê-las.

Quadro 16 - Contos clássicos de ouvintes



Fonte: Youtube e Site Varejão do estudante

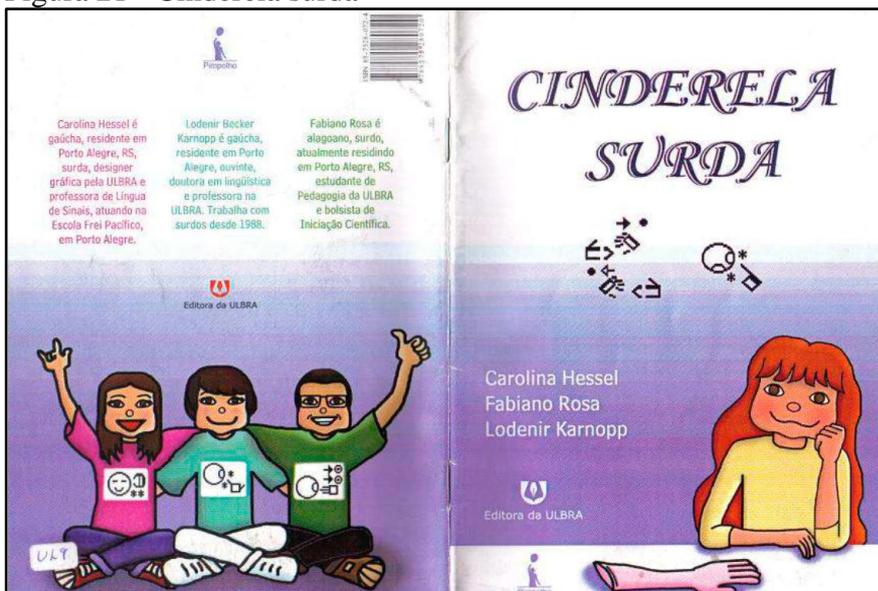
Quadro 17 - Adaptações para surdos



Fonte: Hessel (2003) e Kuchenbecker (2009)

Conforme informações técnicas que constam nos livros, uma característica das equipes é que os membros têm diversificada formação profissional. A obra “Cinderela Surda” foi lançada em 2003 e adaptada por Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp. Carolina Hessel é surda, gaúcha, residente em Porto Alegre - RS, designer gráfica formada pela ULBRA. Fabiano Rosa é surdo, alagoano e Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, residente em Porto Alegre – RS. Lodenir Karnopp é ouvinte, gaúcha, residente em Porto Alegre – RS, doutora em linguística e professora na UFRGS. A revisora da escrita de sinais foi Marianne Stumpf, ver figura 21.

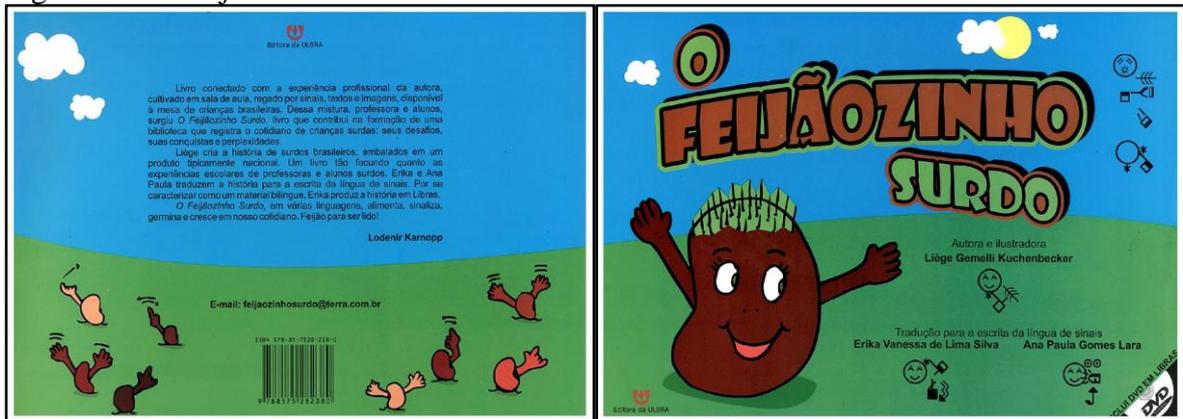
Figura 21 - Cinderela surda



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003)

Na obra “O Feijãozinho Surdo”, a equipe é formada por Liège Gemelli Kuchenbecker, como autora e ilustradora. Atualmente, é professora do quadro efetivo da Universidade de Brasília (UnB). A tradução para a escrita da Libras foi realizada por Erika Vanessa e Ana Paula. Erika Vanessa de Lima Silva é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Ana Paula Gomes Lara, mestranda em Educação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, ver a figura 22.

Figura 22 - O feijãozinho surdo.



Fonte: Kuchenbecker (2009)

5.1.1 Resumo do livro *Cinderela Surda*

De acordo com a versão de Hessel, Rosa e Karnopp (2003), o pai de Cinderela surda, ao enviuvar, casou-se novamente. Ele sabia língua de sinais e tinha uma convivência próxima de sua filha e ensinava-lhe sempre a língua de sinais, porém, ele morreu. Cinderela morava com a madrasta e as irmãs que sabiam um pouco de língua de sinais. O príncipe surdo que sabia língua de sinais, tinha o professor LeEpeé. Em uma festa, o príncipe e a Cinderela se encontraram e se comunicaram em sinais. Porém, os ponteiros do relógio quando marcaram meia-noite, a cinderela fugiu correndo para a carruagem e perdeu a luva, ver figura 23. O príncipe tentou alcançá-la, mas não conseguiu.

Figura 23 - Perdeu a luva



Fonte: Hessel, Rosa e Karnopp (2003, p. 27)

No outro dia, o príncipe saiu à procura da dona da luva e, ao chegar na casa de Cinderela Surda, a madrasta apresentou suas filhas ouvintes como surdas para testar a luva e esta não coube em suas mãos. O funcionário do príncipe percebe Cinderela na cozinha que foi apresentada pela madrasta como empregada. Ao testar a luva o príncipe descobre que Cinderela é a dona e terminam felizes.

5.1.2 Resumo do livro *Feijãozinho Surdo*

De acordo com Kuchenbecker (2009), Feijãozinho surdo tinha 4 anos de idade quando aprendeu a língua de sinais, a mãe não entendia a história do Feijãozinho surdo e os pais descobriram que o filho tinha as mãos e os abraços estranhos. O filho, sem perceber a estranheza dos pais, era alegre. Porém, depois começou a se sentir sozinho e tinha o olhar triste e voltado para o chão. Depois brotou da terra uma Fada feijão. A Fada fez uma magia para Feijãozinho surdo começar a sinalização em língua de sinais, ver figura 24.

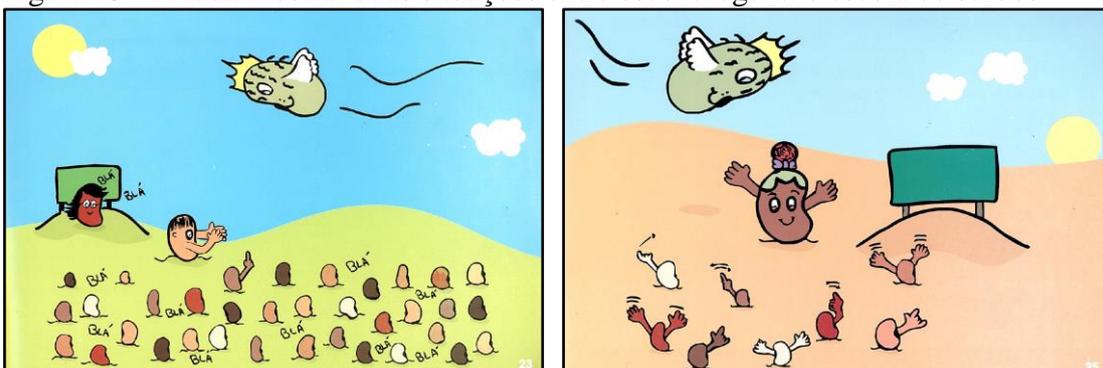
Figura 24 - Mágica da língua de sinais



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 17)

A Fada feijão levou os pais para apresentar as escolas: regular e específica de surdos. A escola regular tinha crianças ouvintes e um intérprete de língua de sinais e a específica de surdos que tinha as crianças todas surdas e um professor falante de língua de sinais, ver a figura 25.

Figura 25 - A fada mostrar duas situações entre escola regular e escola de surdos



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 23 e 25)

5.2 Análise dos dados

O livro *Cinderela Surda* mostra a proibição da língua de sinais. O fato da proibição é recorrente há mais de um século, desde o segundo congresso de educação de surdos de 1880, em Milão. Ideologicamente, a obra, publicada em 2003, denuncia a rejeição da língua de sinais na sociedade ainda no presente, mesmo agora, no ano de 2021, em que se realiza esta pesquisa.

Como na história da *Cinderela Surda*, algumas famílias são avessas ao uso de língua de sinais por seus filhos surdos ou a aproximação de sinalizantes dos tais. Também é fato que há grupos que apoiam as lutas surdas e a valorização da língua de sinais, o que envolve políticas sobre direitos linguísticos.

No livro de *Feijãozinho Surdo*, são expostos dois modelos de educação: a escola regular e a escola de surdos. O conflito entre estas duas propostas também é presente. A escola regular na qual o aluno surdo está inserido prioriza a inclusão, mas não prioriza a aquisição linguística para surdos.

Alunos ouvintes já chegam na escola regular com vantagem em relação ao surdo que vem de uma família ouvinte que majoritariamente não se comunica com facilidade com ele. A escola regular atrapalha o desenvolvimento cognitivo do aluno surdo. Ela também não se comunica claramente com ele.

O livro apresenta uma visão positiva sobre a escola de surdos. Não se trata da defesa ideológica de uma segregação de surdos. Afinal a inclusão não se restringe ao espaço educacional. Ela ocorre no trabalho, na vizinhança, na academia, na família etc. O início da escolarização de surdos deve priorizar a aquisição da língua de sinais, para, então, poder aprender uma segunda língua.

Os livros de literatura surda são compostos por textos verbo-visuais, conforme figura 26. As análises foram realizadas com base na categoria teórica da semiótica da verbo-visualidade produzida por Brait (2009). A análise foi realizada observando-se a ocorrência do texto verbo-visual página a página da obra. Como o livro é composto por páginas com texto verbal seguido de texto imagético, a análise foi realizada por pares de páginas para verificar a relação de sentido entre o texto verbal em Libras e, português e o imagético e, assim, verificar a ocorrência de verbo-visualidade no livro assim como a sua produção de sentido.

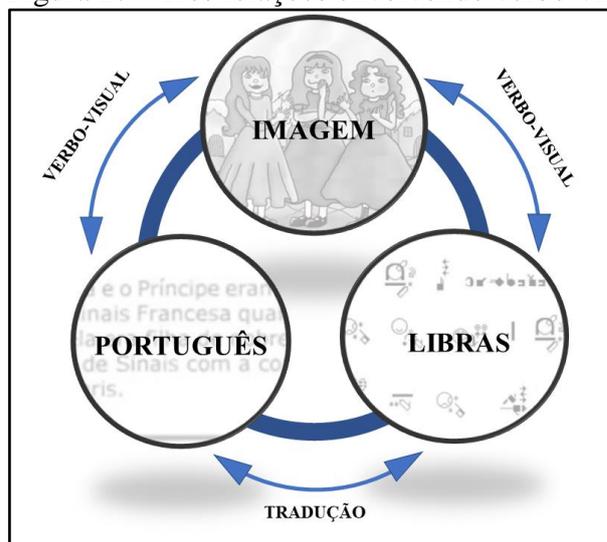
Figura 26 - Característica categorias visual e verbal.



Fonte: Autor a partir de Hessel, Karnopp e Rosa (2003, p. 6 e 7)

Vejamos a relação verbo-visual entre imagens, português e Libras analisados inicialmente nos livros *O Feijãozinho Surdo* e *A Cinderela Surda* (Ver a figura 27).

Figura 27 - Três relações envolvendo verbo-visual e tradução.



Fonte do autor

- Primeiro: representação imagética e escrita de sinais, detalhes históricos e ideológicos.
- Segundo: representação imagética e português, detalhes históricos e ideológicos da comunidade surda.
- Terceiro: representação da tradução do português para a Libras. O texto na língua alvo precisa ser fiel ao texto na língua fonte, mas com adequações culturais.

A categoria principal de análise foi o sentido no texto verbo-visual e as demais foram: ideologia e historicidade. Consideramos como signo o texto verbo-visual, uma vez que imagem e palavra se tornam uno na concepção adotada por Brait. No caso deste trabalho, a palavra é da Libras em sua modalidade escrita.

Na análise, consideramos que a palavra, no caso a Libras escrita, português e a imagem são signos e expressam significados e que ambos se complementam na produção de sentido e possuem o mesmo grau de importância porque

o signo carrega, em sua constituição, numa face, uma oficialidade que o faz pertencer a determinado sistema ideológico e, na outra, uma necessidade de reorganização a partir do contato desse signo nas relações cotidianas travadas pelos sujeitos (ALMEIDA, 2012, n.p.).

Em seguida, foram analisadas as produções de sentido trecho a trecho da obra para finalizar observando os sentidos produzidos na obra como um todo. O sentido foi analisado em contextos de produção de forma que a história precisa representar elementos de cultura surda por que é ela fundante da comunidade surda. Consideramos que a

palavra, entendida como sentido dado exclusivamente no texto, pelo texto ou por um contexto externo à sua constituição enquanto linguagem. Consequentemente a concepção de palavra, assim como a de texto, advinda do Círculo enfrenta as especificidades dos planos de expressão, considerando as esferas ideológicas, os sujeitos aí constituídos e a tensão entre os discursos (BRAIT, 2009, p. 146).

Consideramos que os pares de páginas possuem uma unidade de sentido, que a sua junção na formação do livro é também uma unidade de sentido. Dessa forma, as partes são enunciados concretos e sua junção o enunciado concreto maior como afirma Brait (2009).

6. O VERBO-VISUAL NA LITERATURA SURDA

Neste capítulo, haverá a apresentação do resultado da análise da verbo-visualidade nos livros “O Feijãozinho surdo” e “Cinderela surda”. Lembrando que adotamos a compreensão de Brait (2009) sobre verbo-visual. Assim, a verbo-visualidade nos livros é composta pelo conjunto: imagem, texto em escrita de sinais e texto em língua portuguesa. Para esse momento, estamos apresentando a análise apenas do livro O Feijãozinho surdo. O capítulo será composto pela análise dos dois livros um a um para finalizar com a apresentação do resultado geral da análise geral do corpus. Os livros possuem a mesma forma de estruturação: as histórias são narradas por pares de páginas, de forma que em uma página contém os textos verbais (português e Libras escritos) e ao lado, na outra página contém o texto visual. Assim, para a análise

consideramos os pares de páginas de cada livro um enunciado e eles foram analisados separadamente. Em seguida, consideramos cada livro um enunciado e, para finalizar, os dois livros foram considerados um único enunciado. Feito dessa forma porque assumimos a concepção de Brait (2013) de que o verbal e o visual interagem constituindo uma unidade de sentido.

6.1 A verbo-visualidade no livro *O Feijãozinho surdo*.

No livro “O Feijãozinho surdo”, o texto foi construído com recursos de verbo-visualidade que é muito importante para a comunidade surda. Assim, abaixo há o resultado da verificação da produção de texto verbo-visual ao longo do livro e sua produção de sentido relacionada à cultura surda.

Nas páginas 6 e 7 do livro *O Feijãozinho Surdo*, o enunciado verbo-visual traz a mensagem de que da relação entre pai e mãe surge o filho Feijãozinho surdo. Enquanto o texto imagético traz o sentido do tipo de relação entre os pais: uma relação de amor romântico, simbolicamente representado por corações, o texto verbal em ambas as línguas diz claramente que tiveram um filho. Sendo assim, o sentido depreendido do enunciado verbo-visual é de que Feijãozinho é fruto de uma relação amorosa de um casal, entre um feijão macho negro, representado pelo feijão marrom escuro, e uma feijão fêmea branca, representada por um feijão claro. Ver figura 28.

Figura 28 - Texto bilíngue e texto imagético



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 6 e 7)

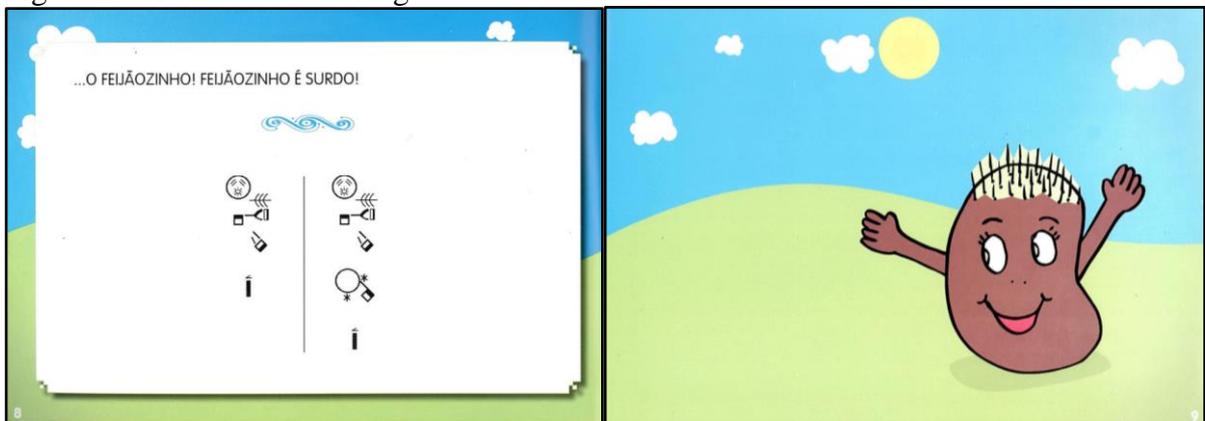
Depreende-se esse sentido porque, como afirma Brait (2009), a esfera de circulação deve ser considerada e o verbo-visual forma um todo indissolúvel. *Feijãozinho Surdo* é uma obra adaptada para a comunidade surda, sendo assim, sua esfera de circulação é essa comunidade.

Primeiro, o texto em português foi traduzido para a Libras escrita no sistema SW. A análise do texto fonte traduzido para a Libras revela estratégias tradutórias entre culturas. A língua Português e a Libras têm diferentes estruturas gramaticais.

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos uma solução tradutória interessante: na língua fonte (língua portuguesa) o verbo 'tiveram' é corretamente omitido no texto de língua alvo (Libras), no qual se usa o advérbio de tempo 'depois'. A sequencialidade das ações foi mantida, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte.

Nas páginas 8 e 9, verificamos também que o enunciado verbo-visual traz a mensagem de que Feijãozinho é surdo e feliz, pois, no texto verbal, há a informação da surdez e no imagético há representação da expressão de felicidade na forma como os braços são posicionados para cima, os olhos estão bem abertos e há um sorriso. Considerando que a leitura de imagem é preponderante no ato de leitura do surdo, devido à sua experiência visual, o ideal era que houvesse uma representação de surdez ou gestos que mostrassem a marca da surdez, porque ela é fundante da cultura surda. Ela mostraria à sociedade brasileira ouvinte como são os surdos, permitindo perceber e entender a comunidade surda, gerando mais conhecimento.

Figura 29 - Percebe descobrir gestos é surdo



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 8 e 9)

A maior parte da sociedade ouvinte não conhece as características da comunidade surda. A representação imagética da comunidade surda é conhecida por poucos ouvintes. Ainda falta informação sobre o significado de surdez e a diferença da deficiência auditiva, e sobre a importância da língua de sinais. Segundo Junior e Pinto (2007).

Da “deficiência auditiva” para “surdez” e desta para o ser surdo foi um caminho árduo e cheio de obstáculos. Ainda assim, não poderiam os “deficientes auditivos” merecerem tratamento crítico, tendo em vista que alguns deficientes auditivos trilham para dois caminhos: o da cura clínica ou da cura cultural. E um e outro definirão o ser do sujeito surdo, classificando o primeiro em surdo colonizado e outro em surdo

mesmo na sua feliz concepção (em si, por si). Ora, a cura clínica não chega a ser uma cura propriamente dita, mas uma reabilitação ficta de sua identidade moldada aos contornos ouvintistas. Trata-se de mera reabilitação de sua audição, no ouvir por ouvir e não no “ouvir” por lutas estrategicamente latentes no seio de seu povo. (JUNIOR e PINTO, 2007, p. 206 e 207)

A diferença entre deficiente auditivo e surdo pode ser explicada em uma perspectiva socioantropológica, que aponta para uma relação dialógica entre indivíduo e sociedade. Uma família, preocupada com a condição de surdez congênita ou pré-lingual do filho, pode moldar nele uma identidade de deficiente que precisa de tratamento, oralização, protetização, visando reabilitação. De modo geral, a sociedade não tem muita informação para lidar com a situação. Outro caso é o de pessoas ouvintes que em algum momento da vida, após aquisição da língua oral, perdem a audição, tornam-se ensurdecidas. Esta também é uma situação de deficiência auditiva. Nesta condição, os procedimentos descritos anteriormente são condizentes. Uma pessoa nesta condição não terá, necessariamente, que assumir uma identidade Surda ou participar da comunidade surda.

Diferentemente, uma pessoa com surdez congênita ou pré-lingual cuja apreensão do mundo se dá pela visualidade e nela se desenvolve, não sente falta da audição. O barulho do mar, o canto das aves, os sons da natureza não lhe fazem falta alguma. Os outros sentidos, com proeminência da visão, bastam para apreciar a beleza do mar, das aves, tudo que há na natureza, proporcionando o mesmo nível de sentimentos e emoções que têm os ouvintes com a audição.

O nascimento de uma criança surda em uma família surda é motivo de alegria e celebração. O mesmo fato pode ser visto por ouvintes com um sentimento de profundo pesar, porque a surdez significa para estes uma perda, uma incapacidade, uma condição de deficiência. Os Surdos não sentem assim por causa da sua língua de sinais.

Quando alguém ouvinte que me viu desenvolver e chegar aonde estou e me diz que, graças a Deus, eu me tornei alguém realizado, pois eu era muito problemático quando criança, eu replico que o problema não estava em mim e sim na pessoa que não procurou a comunidade surda, não buscou aprender a língua de sinais, não se informou sobre a cultura surda. Ela não sabia o que é ser Surdo.

Meu desenvolvimento como sujeito surdo se deu na vivência na comunidade surda, pela aquisição da língua de sinais, por causa dos cursos que fiz, pela interação com outros surdos na associação. Hoje sou um profissional da Libras. Quando eu era criança, a comunicação com os familiares era muito difícil. Eu e minha família ficávamos nervosos porque não nos

entendíamos. Eles achavam que o problema era eu, mas não percebiam que eu tinha capacidade de me desenvolver. Os ouvintes demoram a descobrir a surdez. Essa realidade é observada na história de Feijãozinho Surdo. Só bem depois descobrem que ele é surdo.

Os ouvintes primeiro se preocupam com o tratamento fonoaudiológico porque focam na deficiência auditiva, no aspecto sonoro. Por outro lado, o surdo se sente bem com sua visualidade e usa a língua de sinais que faz parte da identidade e cultura surda. No campo da surdez há uma diversidade: ser Surdo, Surdo Oralizado, Deficiente Auditivo - DA e surdo com Implante Coclear. Por exemplo, a figura 30, representa aceitação da surdez sem uma carga negativa. A personagem apresenta-se como surda com um sorriso. A surdez é uma identidade compartilhada com outros.

Figura 30 - Representação imagética da surdez.



Fonte do autor

A partir da surdez, surgem várias identidades surdas e dois grupos culturais diferentes: os deficientes auditivos e os surdos. O primeiro tem a língua oral como modelo linguístico e cultural. E o segundo tem a língua de sinais como modelo linguístico e cultural.

De acordo com Cunha (2007, p. 58 a 59) que segue o mesmo entendimento que Perlin (1998), há cinco tipos de identidades surdas: a identidade surda que se manifesta em pessoas surdas sinalizantes desde a infância pelo contato com seus pares na comunidade surda. Estes se consideram surdos puros; a identidade surda híbrida que se manifesta em pessoas nascidas ouvintes que ensurdeceram, aprenderam a língua de sinais, participam da comunidade surda e também convivem com ouvintes e se comunica oralmente; a identidade surda de transição se manifesta em pessoas nascidas surdas que cresceram sem saber da identidade surda e sem conviver com seus pares e descobriram a comunidade surda já com bastante idade, passando a apreciar a convivência com esta e diminuindo a percepção ouvintista sobre si; a identidade surda incompleta se manifesta em pessoas surdas que não se aceitam como tal, rejeitam a comunidade surda, concordam e seguem uma referência ouvintista sobre a surdez e a ela tentam se ajustar;

e a identidade fluante que se manifesta em pessoas que se reconhecem surdas numa perspectiva ouvintista, não adquirem a língua de sinais e não conseguem se comunicar oralmente.

A língua de sinais passa a ser a representação social do povo surdo (STROBEL, 2007, p. 32), ver quadro 18.

Quadro 18 - Representações sociais da surdez.

Representação social baseada no déficit auditivo	Representação baseada na língua de sinais
Deficiente	“Ser surdo” [o Ser na diferença]
A surdez é deficiência	Ser surdo é uma experiência visual
A educação dos surdos deve ter um caráter clínica-terapêutico e de reabilitação	A educação dos surdos deve ter respeito pela diferença linguística cultural
Surdos são categorizados em graus de audição: leves, moderados, severos e profundos	As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas
A língua de sinais é prejudicial aos surdos	A língua de sinais é a manifestação da diferença linguística relativa aos povos surdos

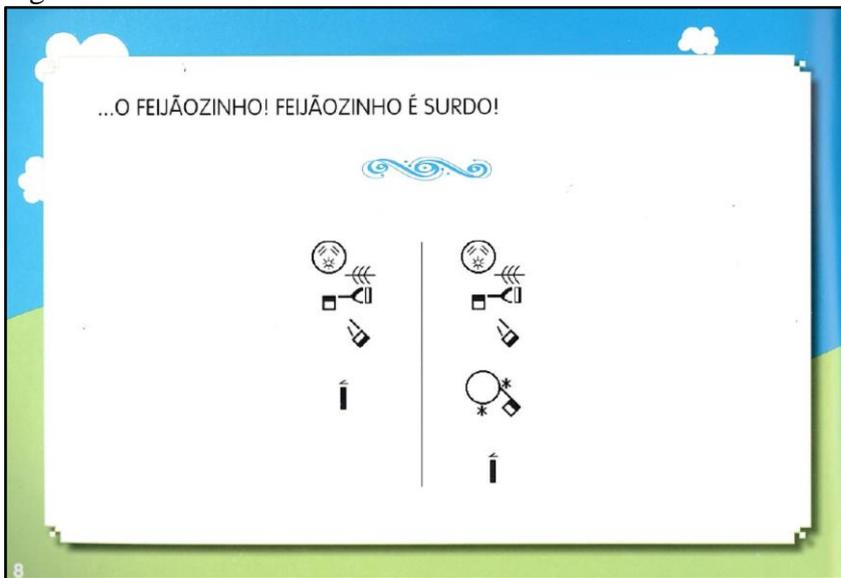
Fonte: Strobel (2007, p. 32)

A representação do surdo é importante para que a sociedade ouvinte conheça a diversidade dentro da comunidade surda, principalmente, a língua de sinais e a visualidade. Com a língua de sinais o surdo é capaz de ser profissional em diferentes áreas: professores, instrutores, arquitetos, advogados, desenhistas e outros. Obviamente, os surdos fluentes em Libras têm um desenvolvimento rápido, pois:

o conceito de surdez e de pessoa surda passa por mudanças relacionadas às situações contextuais próprias de cada período e, particularmente, de acordo com as experiências dos próprios sujeitos surdos ou que convivam com pessoas que tenham surdez. Nas últimas décadas, com os avanços no que diz respeito às políticas afirmativas, à aprovação de leis e aos incentivos no campo educacional, vem ocorrendo uma difusão de ideologias a respeito das pessoas com surdez que tem enfatizado muito as questões da diferença e não mais da deficiência (COSTA; RIBEIRO, 2018, p.103)

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois na língua fonte (língua portuguesa) sintaxe verbal de ‘...Feijãozinho! Feijãozinho é surdo!’ e no texto de língua alvo (Libras) encontra-se uma sintaxe incomum ao uso da gramática de Libras, que é independente do português. Consideramos um problema de tradução a repetição do sinal de Feijãozinho no texto em Libras. Veja a figura 31.

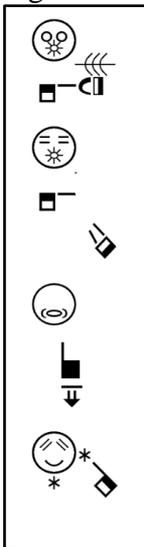
Figura 31 - Frases em escrita de sinais



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 8)

A frase em Libras para “Feijãozinho! Feijãozinho surdo” pode ser sinalizada com menos elementos em escrita de sinais: FEIJÃOZINHO É SURDO, por exemplo a figura 32.

Figura 32 - Frases com e sem expressão facial em Libras: FEIJÃOZINHO É SURDO



Fonte do autor

Para ser mais claro, o sistema de escrita SW tem representação gráfica da expressão facial que indica exclamação (!). Para mostrar atenção, a expressão facial é usada pelos surdos. A hipótese aqui assumida é que simplesmente colocar a expressão facial na forma escrita seria suficiente para expressar o diminutivo e carinho, não precisaria pôr o grafema de exclamação (!).

De modo geral, os alunos tiveram mais erros nos testes sem expressão facial e mais acertos nos que havia expressões faciais, indicando, assim, que gramaticalmente é necessário o uso de símbolos de expressões na escrita. Pode haver outras variáveis

que determinaram esse resultado, mas se as desconsiderarmos, podemos inferir que os dados indicam para a necessidade de uso de ENM na escrita da língua de sinais. (AMPESSAN, 2015, p. 254)

Também o sinal “é” sempre é utilizado pela comunidade surda nas frases em Libras para dar ênfase: Ela é surda ou Ele é ouvinte.

Nas páginas 10 e 11, verificamos que no enunciado verbo-visual se sobressai a representação da ideologia ouvintista em que receber um filho surdo representa um problema. Tanto no enunciado verbal quanto no imagético esse sentido surge. No verbal, emerge a partir da admiração da mãe que não entende a diferença do filho e na surpresa do pai ao se deparar com essa realidade. O enunciado imagético representa a preocupação dos pais.

Em uma família em que pais ouvintes tem filho surdo, isto se torna um problema por não saberem lidar com a surdez do filho e em geral a marca que fica no filho é a ideologia da deficiência. Os pais ouvintes de filhos surdos não têm acesso à informação sobre surdez enquanto manifestação cultural e se preocupam com os problemas que os filhos surdos sofrerão na sociedade.

Segundo Strobel, a família sempre se preocupa e fica triste por não conhecer sobre a cultura surda e não têm acesso a informação sobre surdez. Os pais pensam que seus filhos surdos serão sempre incapazes:

Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito “não normal” e ficam frustrados porque vêem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperanças de “cura” dessa “deficiência”, ficam ansiosas e questionam: será que o meu filho surdo um dia ouvirá?

-Será que um dia ele falará igual à criança ouvinte?

- Será que um dia ele será mais bem aceito pela sociedade?

-Será que um dia o meu filho terá uma vida “normal”? (STROBEL, 2008, p. 24)

Por outro lado, a imagem do filho com expressão natural de uma infância feliz representa a ideologia surda de que ser surdo não é problema. Outra diferença marcante entre os pais e o filho Feijãozinho é que no enunciado visual as mãos são ressaltadas no Feijãozinho enquanto nos pais as mãos não foram desenhadas, evidenciando neles apenas as orelhas. Os braços e as mãos do Feijãozinho representam o uso da sinalização da língua de sinais e do ato de ver sua própria sinalização. Os olhos representam a visualidade surda na comunicação com as mãos. Ver figura 33. Pois “a comunicação em Libras é permeada pela visualidade seja na percepção visual específica para sinais seja pela representação na sinalização ou escrita” (ALVES, 2018, p. 83).

Figura 33 - Os braços de Feijãozinho em evidência.



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 10 e 11)

Para essa comunidade ouvinte, o nascimento de uma criança surda é uma catástrofe porque estão acostumados com padrão “normalizador” para integrar à vida social e desconhecem o “mundo dos surdos”. Por outro lado, na maioria das vezes, o povo surdo acolhe o nascimento de cada criança surda como uma dádiva preciosa e não agem como os pais ouvintes que sofrem exageradamente o desapontamento inicial de gerarem seus filhos surdos, isto é evidenciado nas várias gerações de famílias com todos os membros surdos (STROBEL, 2008, p. 23).

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois há omissão de informações na tradução para a Libras que estão em português.

No texto traduzido para Libras escrita há apenas ‘PAI E MÃE ADMIRAR. MÃE FEIJÃO O QUE ACONTECER FILHO? FEIJÃOZINHO DIFERENTE (ESTRANHO). PAI FEIJÃO DIZ O QUE AGORA?’. Omitiu-se “ELE NÃO PARA DE MEXER AS MÃOS E OS BRAÇOS” Kuchenbecker (2009, p. 10).

Essa informação é importante, pois mostra as mãos e os braços em movimento significando sinalização em língua de sinais, ela não poderia ser omitida. O contexto não fica claro em Libras. Veja a figura 34. A evidência para as mãos é a demonstração da capacidade que o surdo tem de comunicar-se de uma forma diferente do ouvinte, é um traço identitário e cultural importante. Segundo Silveira (2007):

Como Júpiter acabou de sinalizar, o importante é VISUAL, já que surdos aprendem tudo através do VISUAL. Porém, em muitos momentos as pessoas continuam vendo o surdo como deficiente, como já falei, portanto necessitariam falar. Esquecem-se de que o surdo fala, fala com as mãos e, por ter uma língua gesto-visual, o visual é de suma importância para sua aprendizagem. (SILVEIRA, 2007, p. 173)

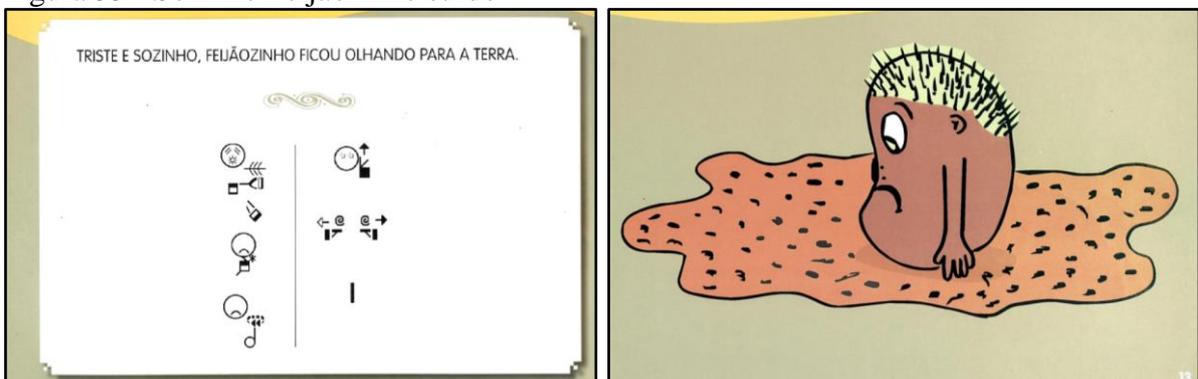
Figura 34 - Omissão de informações na tradução em Libras



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 10)

Nas páginas 12 e 13, o enunciado verbo-visual traz a sensação de tristeza de Feijãozinho por estar sozinho no mundo dos ouvintes. Nesse mundo, o surdo só observa os falares orais das pessoas e se isola. No enunciado imagético, há a representação da solidão ao colocá-lo sozinho no ambiente, com olhar fixo para o chão e seus braços não mais balançam. Essa é uma representação do sofrimento vivenciado pelo surdo quando vive inserido no mundo dos ouvintes: família, escola e ambiente social. Veja a figura 35.

Figura 35 - Sozinho Feijãozinho surdo



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 12 e 13)

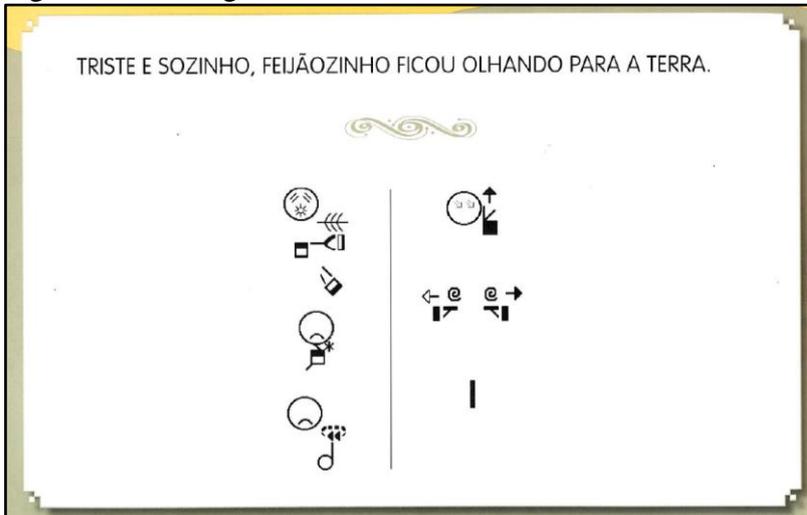
Nesse convívio, as falas expressam a cultura do ouvinte que é diferente para o surdo. Esse isolamento social ainda existe hoje, principalmente no interior, como afirma Strobel:

tem outros sujeitos surdos no interior, na zona rural, por exemplo na roça, que são isolados e não têm contato com a comunidade surda, mesmo assim compartilham as mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua formação de mundo através de artefato cultural visual independente de grau linguístico, que podem ser os gestos *caseiros*⁶ [grifo nosso] (2008, p. 32)

⁶ “Gestos caseiros” é o termo usado pelos pesquisadores e linguistas que designa a comunicação dos sujeitos surdos que, quando são isolados e não têm acesso à língua de sinais e nem à língua portuguesa, usam gestos e dramatizações para se comunicar.

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos uma tradução que obedece a uma ordem sintática da Libras. O sujeito da primeira frase está no início dela. Veja a figura 36.

Figura 36 - Português e escrita de sinais



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 12)

Nas páginas 14 e 15, o enunciado verbo-visual retrata o surgimento de uma fada brotando da terra. A inserção da fada na história traz o sentido da esperança. A partir do encontro com a fada, cria-se em Feijãozinho o sentimento de esperança, de que seus problemas sejam resolvidos, que no caso é a solidão causada pela barreira de comunicação. Os elementos se complementam e formam um mesmo enunciado verbo-visual.

Figura 37 - Fada



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 14 e 15)

Anteriormente, na página 8, o texto em Libras traduz o texto fonte repetindo os sinais para “FEIJÃOZINHO! FEIJÃOZINHO SURDO!”, agora, na página 14, o texto verbal em português “DA TERRA BROTOU UMA FADA... A FADA FEIJÃO!!!”, no qual a palavra “FADA” se repete duas vezes, mas é traduzida para Libras apenas uma vez, o que é mais comum em Libras.

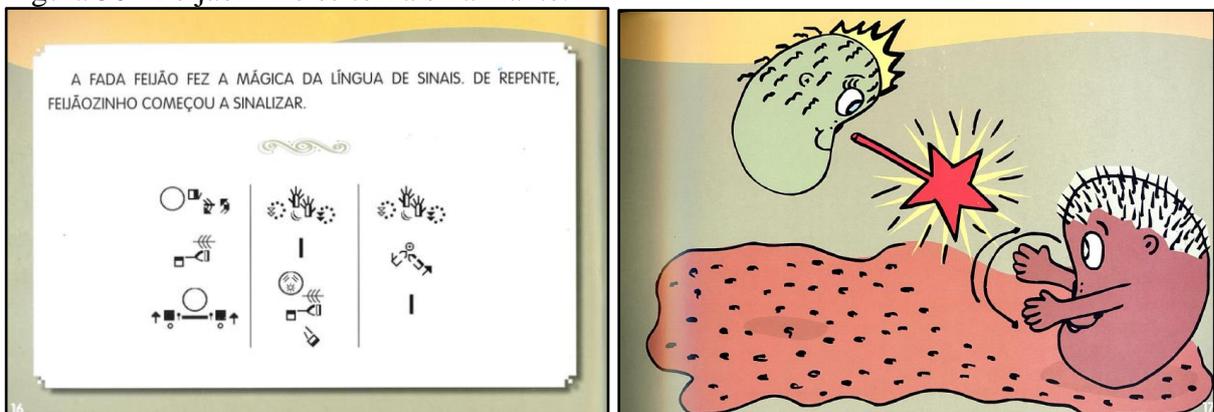
Excluindo as repetições ou vícios de linguagem que ocorrem na escrita, mas não necessariamente na sinalização da língua. Percebi, a partir dos vídeos, trabalhando como tradutora em língua de sinais para escrita de sinais, a sinalização era fluida, de forma espontânea, com muitas repetições próprias, por alguns autores no glossário de Letras Libras: Por exemplo, por exemplo,... mas, mas, mas... então, então, então,... o que? O que? O que?... não são boas as organizações gramaticais para escrita. Não consegui transcrever essa língua de sinais para escrita de sinais, pois não se ajustou no contexto, levando em conta a coesão gramatical, senti que acabava corrigindo esta sinalização.

Por isso que digo com mais atenção, precisamos urgentemente escrever utilizando nossa própria escrita conforme a nossa gramática. (WANDERLEY, 2015, p. 55)

Nas páginas 16 e 17, o enunciado verbo-visual traz a mensagem que apresenta a solução do problema que é tornar o Feijãozinho falante de língua de sinais. A língua é um elemento cultural do povo surdo e um objeto de valor. Por meio dessa língua o surdo sente-se feliz e valorizado. Ver figura 38.

Existia uma crescente tolerância, de modo geral, com a diversidade cultural, aumentando pouco a pouco o senso de que as pessoas podiam ser muito diferentes e ainda assim ter valor para os outros e ser iguais a todo o mundo; crescia o senso, especificamente, de que os surdos eram um “povo”, e não apenas um punhado de indivíduos isolados, anormais, inválidos, um movimento que abandonava o ponto de vista médico ou patológico em favor do antropológico, sociológico ou étnico. (SACKS, 2010, p. 75)

Figura 38 - Feijãozinho se torna sinalizante.



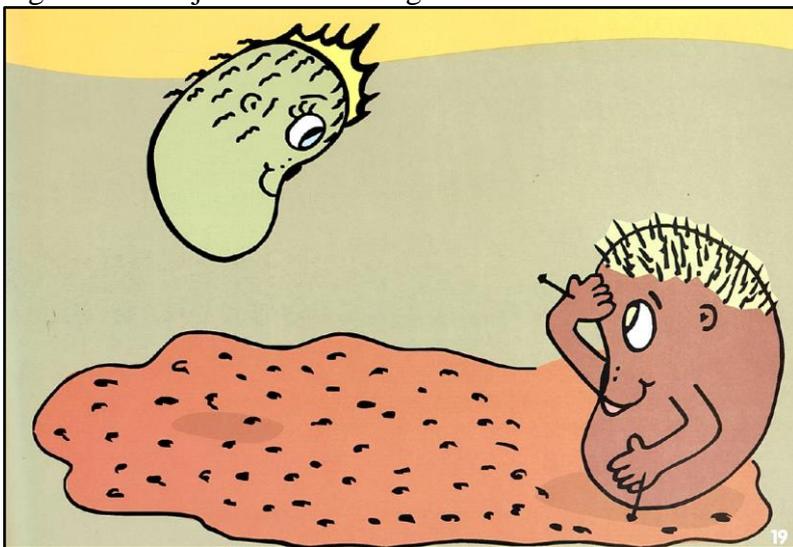
Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 16 e 17)

Na página 17, percebemos claramente a ideologia que defende que sinalizar permite ao surdo ser mais feliz. Os textos em português e em Libras têm diferentes estruturas. Transmitir a mensagem para escrita de sinais não é independente, o certo é a escrita representar a sinalização natural. Segundo Nobre (2011, p. 183) “a escrita de sinais representa para a comunidade surda mundial mais um avanço, na medida em que dá a esses sujeitos possibilidades de escrita em sua língua materna”.

Com esses enfoques, o desenvolvimento intelectual e cultural dessas comunidades surdas tem evoluído e o caminho natural dessa evolução passa pela aquisição de uma escrita própria que pode proporcionar o acesso a um novo patamar em suas expressões culturais e comunicativas. Com a aprendizagem da escrita de sinais, os surdos vão ter a oportunidade de desenvolver uma nova cultura, que é a cultura surda escrita, um pouco diferente da cultura surda sinalizada. (STUMPF, 2005, p. 38)

Nas páginas 18 e 19, o texto verbo-visual relata que a fada vai conversar com os pais de Feijãozinho surdo após dar-lhe a língua de sinais e ele agradecer. O sentido que emerge desse enunciado é a necessidade da intervenção de terceiros junto aos pais para resolver as questões que envolvem a barreira de comunicação. Ver figura 39.

Figura 39 - Feijãozinho surdo agradece sinalizando



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 19)

No livro *Feijãozinho surdo*, a fada feijão não tem braços e diz oralmente a Feijãozinho que vai falar com seus pais e ele agradece, mas não fica claro como ele entende. Este é um problema de contexto, de interação verbal inexistente, tendo em vista que em lugar nenhum do livro foi dito que Feijãozinho era capaz de fazer leitura labial. Segundo Reis (2007, p. 93), “se os alunos surdos forem oralizados, é possível fazer com que eles tenham o modelo do professor surdo”? A fada feijão deveria ter e usar as mãos para sinalizar para Feijãozinho surdo.

É preciso recorrer aos professores surdos que estão em circulação no espaço educacional. É no cruzamento de informações de várias áreas que se desenvolvem novos olhares à questão de identificação dos surdos. Os Estudos Culturais permitem entender o processo de determinação ao se vincularem com as diversas áreas do conhecimento. (REIS, 2007, p. 93)

Figura 40 - A fada feijão se comunicou oralmente ou sinalizando?



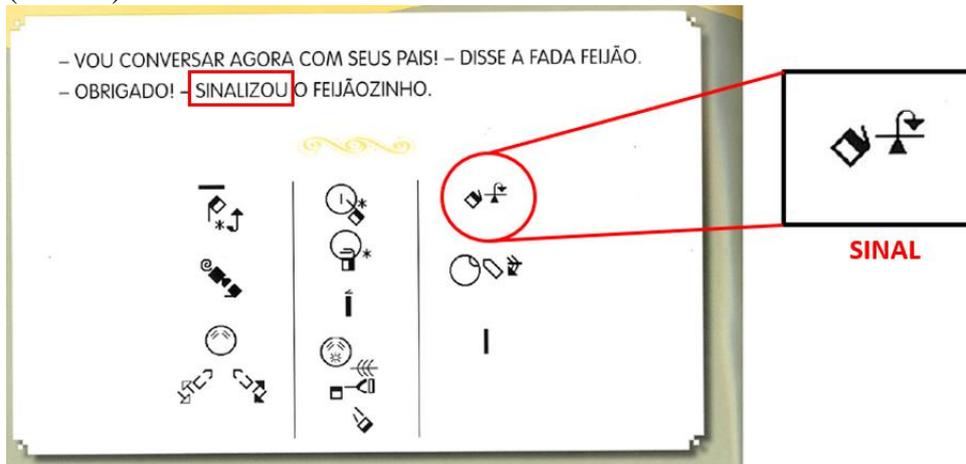
Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 18 e 19)

Muitas vezes, em novelas e filmes, quando entre ouvintes está incluído um surdo, a cena mostra personagens ouvintes falando oralmente e a personagem surda faz leitura labial e responde sinalizando, os ouvintes continuam a falar oralmente e o surdo a responder sinalizando para o ouvinte entender. Mas o ouvinte não sinaliza. Estranho! Não fica claro como a comunicação ocorre. Não dá para se comunicar assim na vida real. Alguma coisa está errada nas novelas e filmes. Essas produções precisam mostrar que os ouvintes respondem simplesmente que não entendem. Ou ainda o ouvinte responder sinalizando para surdo, comunicando-se em língua de sinais.

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois, na língua fonte, (língua portuguesa) o conceito para a palavra 'sinalizou' é uso da sinalização e, no texto de língua alvo (Libras) encontra-se um termo usado para 'sinal'. O significado é outro. Consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte. Os elementos verbo-visuais não formam um enunciado coeso. O texto em português não foi traduzido corretamente. Na tentativa de traduzir todos os termos em português, o verbo sinalizar foi vertido como um substantivo, SINAL, em Libras. Se este sinal não estivesse escrito, o sentido e a coerência textual em Libras seriam mantidos. Ele não é necessário.

Não há clareza na tradução. O texto em português explicita corretamente as ações dos personagens. Diferente da tradução para escrita de sinais, em que falta contexto. Há algumas incorreções nas frases em SW. Confira na figura 41.

Figura 41 - A tradução ficou diferente. Em português (SINALIZOU) e em escrita de sinais (SINAL).



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 18)

Nas páginas 20 e 21, o enunciado verbo-visual nos traz o sentido da necessidade de uma escola para Feijãozinho Surdo, pois a fada explica para os pais essa necessidade. Ele precisa da escola para aprender a língua de sinais. Veja a figura 42.

Esses pressupostos são fundamentais para garantir uma visão mais ampla e científica a respeito dos processos intersubjetivos adulto-criança na aprendizagem e na interiorização dos aspectos formais e informais do conhecimento, uma vez que provocam uma reflexão mais profunda sobre as dificuldades causadas pelas diferenças lingüísticas à maioria das crianças surdas filhas de pais ouvintes. (MACHADO, 2009, p.47)

Figura 42 - A Fada feijão explica para os pais sobre a escola



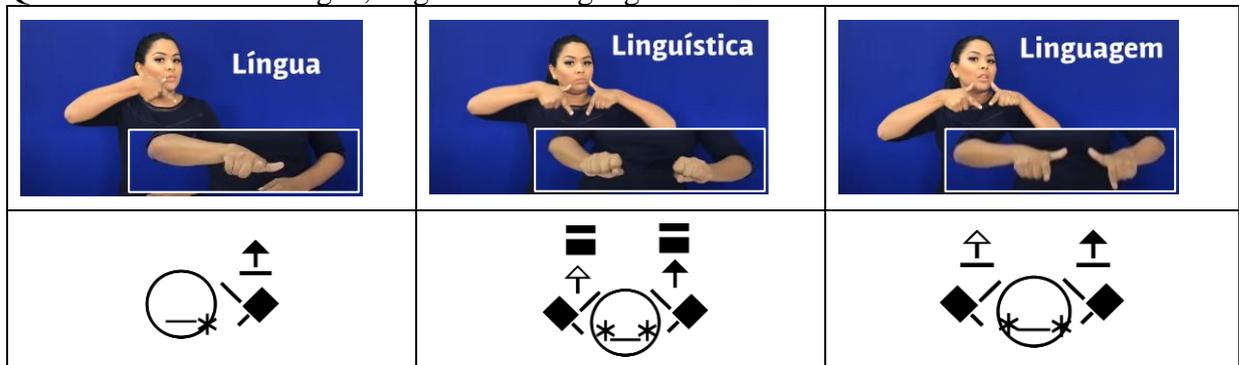
Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 20 e 21)

Fada feijão conversa com os pais que são ouvintes comunicando-se em língua portuguesa. Fada feijão tem experiência como um médico para orientar sobre surdez. A maioria das famílias se preocupa com a chegada de um filho surdo. Ficam chocadas. Não estão acostumadas com a situação. Todos precisam saber o que fazer e então buscam informação médica. Mas, por alguma ideologia da patologia e ouvintista, o médico orienta a busca por fonoaudiologia para o filho aprender a oralização, por isso a sociedade não conhece a comunidade surda. Observemos o relato registrado por Francisco (2018):

... infelizmente os médicos não são preparados para uma orientação aos pais a respeito da surdez. A única indicação foi que procurassem a Dra Fonoaudióloga Maria Isabel Correa super requisitada, após uma conversa com ela a segunda pessoa que acolheram meus pais foi a pedagoga Esmeralda Steling que orientou meus pais, reafirmando toda a fala da fonoaudióloga: sua filha não irá ouvir, mas irá falar, o método melhor é a oralização e a prótese auditiva, confiante de que tudo era possível e sempre em busca pelo melhor colocaram em uma escola de ensino regular, mas a todo momento em busca de uma cura ou um milagre para o desempenho da fala, a cada palavra pronunciada era um avanço no seu dia a dia. (FRANCISCO, 2018, p. 71)

O texto em Libras todo tem tradução certa. Normalmente, a sinalização é natural, só um sinal está diferente para o sentido das palavras “língua” e “linguagem”. O texto em português traz a palavra "língua" e em Libras escrita há o registro do sinal “linguagem”. Veja o quadro 19.

Quadro 19 - Sinal de língua, linguística e linguagem em Libras



Fonte do autor e canal de youtube eu sou Tilsp (2018)

Nas páginas 22 e 23, o enunciado verbo-visual nos traz o sentido de que, na escola regular, alunos ouvintes e o professor não sabem a língua de sinais, por isso, há um intérprete de Libras. Na imagem, há a representação da interpretação em língua de sinais, em que se percebe a presença de uma pessoa surda e os demais alunos ouvintes falam: “BLÁ BLÁ BLÁ”.

Figura 43 - Escola de inclusão



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 22 e 23)

O significado da inclusão na escola e da relação entre surdo e ouvintes é que há um problema: a aquisição da linguagem pela comunidade surda sempre ocorre com atraso. Por exemplo: ao nascer uma pessoa ouvinte, ela já tem contato com os familiares e a aquisição da

linguagem ocorre sem barreiras antes dela entrar na escola. Depois que ela essa criança ouvinte entra na escola regular para ouvintes, o contexto comunicacional é naturalmente possível entre professores e alunos, já que antes houve a aquisição da linguagem no seio da família de sua primeira língua, o português.

O problema aquisição da linguagem para a pessoa surda é causado pela família não se comunicar com ela, atrasando a aquisição que só ocorrerá depois, ao entrar na escola regular inclusiva, possibilitada pelo contato com um intérprete de Libras. Existe a ideia na sociedade de que o intérprete de Libras atua como professor, mas não é assim. A comunidade surda encontra algumas barreiras e sofrem atraso.

Portanto, em contexto de educação inclusiva, o acesso aos conteúdos escolares é sempre atravessado por uma adaptação em tradução simultânea para uma língua de sinais. Assim, a presença do intérprete de Libras é constante, criando-se uma relação de dependência do professor e do aluno em relação à presença do intérprete. Esse dado comprova a necessidade de o professor de surdo usuário de Libras ser fluente em língua de sinais para a promoção da aprendizagem significativa e para garantia do desenvolvimento pleno. (ALVES e ALBERTO, 2019, p. 180)

Nas páginas 24 e 25, o enunciado verbo-visual apresenta o sentido de interesse dos alunos feijões surdos e professores fluentes em Libras na outra escola. Na imagem, há a representação de alunos surdos sinalizando e a própria surda na sala de aula professora sabe língua de sinais.

Figura 44 - Escola de surdos



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 24 e 25)

As crianças surdas, pela visualidade, rapidamente tornam-se fluentes em língua de sinais, também entendem o significado das informações que são sinalizadas. É importante que a língua de sinais seja a primeira língua dos alunos e do professor. Com ela é possível aprender uma segunda língua escrita, o português, e tornarem-se bilíngues. Porém, infelizmente, tem uma

ideologia na sociedade ouvinte que prioriza a política sobre educação inclusiva. Não percebem o mundo do surdo.

A adaptação de recursos didáticos apontada pelos participantes é um aspecto positivo, porque se extrapola a concepção da escola inclusiva de que esta seja apenas meio da tradução da língua de sinais. Os participantes, ao suscitarem essa temática, referem-se à utilização de materiais didáticos que explorem a sua visualidade. Entretanto, a escola bilíngue não está livre de problemas para o surdo (ALVES e ALBERTO, 2019, p. 183)

Nas páginas 26 e 27, o enunciado verbo-visual traz mensagem da existência de duas possibilidades de escola: uma de ouvintes e uma de surdos. Cabe aos pais a reflexão sobre que proposta da fada apresenta e a decisão de qual escola querem para seu filho.

Na imagem, há a representação de duas escolas. Fada feijão apresenta e explica para a mãe, o pai e a Feijãozinho sobre as escolas. Na realidade, na vida em sociedade, a informação pode até chegar para a família, mas falta informação ao filho surdo. Os pais vão decidir e nem sempre a criança surda participa desta decisão. Às vezes, ela nem tem idade para julgar o que seria melhor para si. Veja a figura 45.

Figura 45 - Fada feijão apresenta as opções de escola

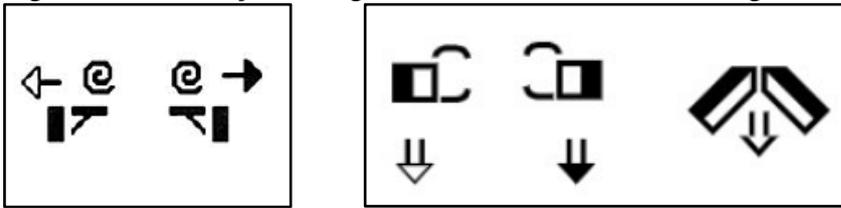


Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 26 e 27)

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois na língua fonte (língua portuguesa) o conceito da palavra ‘terra’ é localidade onde habitam um grupo e no texto de língua alvo (escrita de sinais) encontra-se o sinal/termo com o sentido de ‘terra, terreno, areia’. Consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao sentido do texto fonte.

Para o ouvinte, o sentido da palavra terra pode ser morada, habitação. Poderiam usar um sinal para morar ou casa em Libras para traduzir a frase “VOLTANDO DA VIAGEM PELA TERRA DOS FEIJÕES” Kuchenbecker (2009, p. 26). Veja na figura 46 o sinal para “terra” registrado no texto.

Figura 46 – Tradução do significado de terra no texto e sugestão de correção

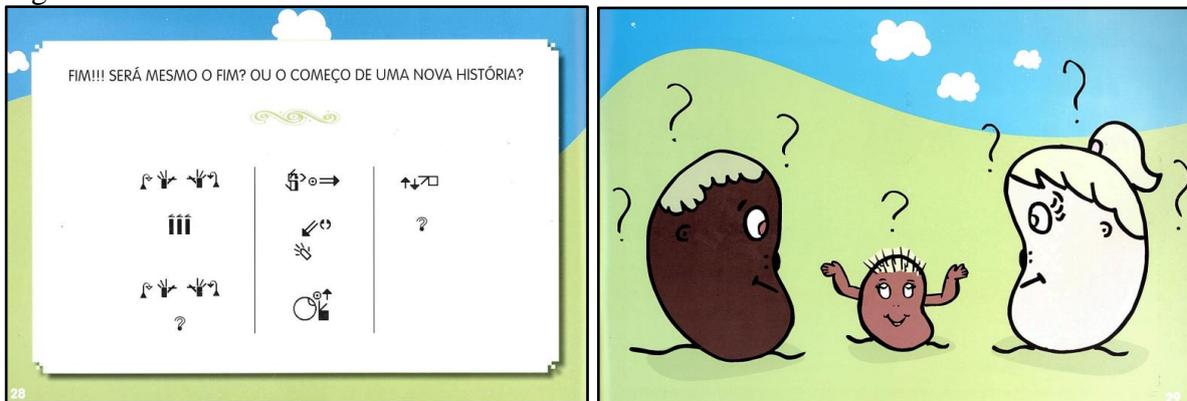


Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 26) e o autor.

Para a palavra terra pode-se usar um sinal com sentido igual a terra, terreno e areia, mas no contexto da histórico-discursivo desse enunciado o significado é moradia ou casa. Os surdos podem entender diferente. O sinal/termo “terra” remete à rua sem nenhuma casa. Falta o sinal CASA para significar local de moradia, habitação.

Nas páginas 28 e 29, o enunciado verbo-visual traz um sentido interrogativo ao final da história. As imagens representam um final com interrogações. Não há explicação sobre a decisão de nada. A Fada feijão deu dicas, os pais fazem reflexões sobre as duas opções de escola: a inclusiva ou escola de surdos e o final fica em aberto. O texto verbal escrito em Libras fala “FIM... FIM? COMEÇAR NOVA HISTÓRIA SEGUNDA?”.

Figura 47 - FIM



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 28 e 29)

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois na língua fonte (língua portuguesa) há palavra ‘ou’ e no texto de língua alvo (Libras) não se registrou o sentido da conjunção exclusiva ‘ou’.

Esse texto em Libras traz uma peculiaridade sobre o uso do grafema interrogativo. Em escrita de sinais pelo sistema SW, podemos expressar o sentido interrogativo de uma frase pelo uso de expressões não-manuais (ENM) combinada com uma configuração de mão (CM) e um movimento no plano parede que se assemelha visualmente ao ponto de interrogação usado no sistema de escrita alfabética de línguas orais (Figura 48).

Figura 48 - Movimento com expressão facial e mão.



Fonte do autor

Contudo, a frase interrogativa não precisa, necessariamente, terminar com este sinal, ela pode ser encerrada com um grafema específico de interrogação do sistema SW (Figura 49).

Figura 49 - Grafema interrogativo do sistema SW



Fonte do autor

Os autores não usaram ENM no texto em Libras da página 28 do livro e escolheram usar apenas o grafema de movimento, sem a ENM interrogativa e a CM, em substituição do grafema interrogativo específico do sistema SW (Quadro 20).

Quadro 20 - movimento e grafema interrogativo.

Movimento	Grafema interrogativo

Fonte do autor

Ao nosso entender, as ENM têm função gramatical e são fundamentais para o entendimento do contexto interrogativo das frases. A substituição do grafema interrogativo e a ausência de ENM no texto é um equívoco, mas fica minimizado pelo contexto verbo-visual, que é complementado pelo texto imagético da página 29. Ver figura 47.

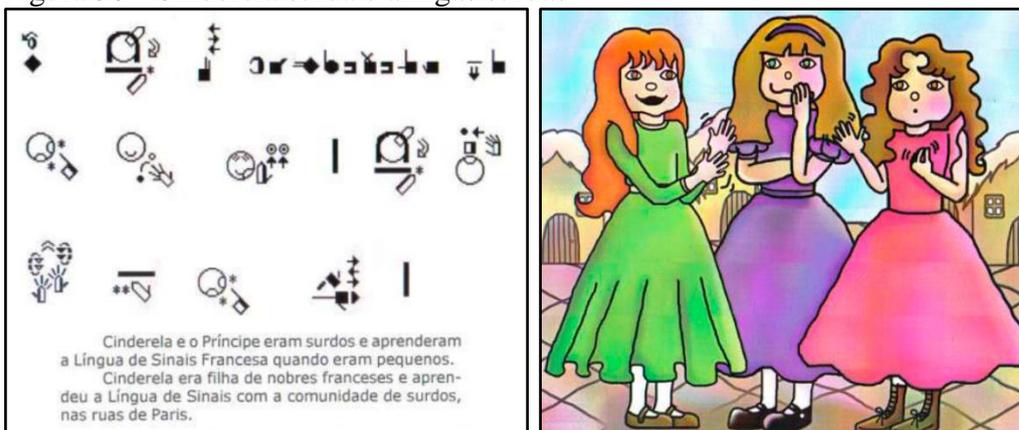
A obra *O Feijãozinho Surdo* tem como estratégia apenas informar sobre os dois modelos de escola, a regular e a escola de surdo. A Fada feijão mostra e explica que, na escola regular de ouvinte, o surdo está na inclusão e tem um intérprete, e na outra, a escola de surdo, o modelo é bilíngue, os alunos são todos surdos e todos os professores sabem a língua de sinais. No livro *O Feijãozinho Surdo*, as imagens, o texto em português e o texto em Libras escrita se relacionam formando um enunciado verbo-visual onde se descobre que tem diversidade, ideologia, sentidos e tradução. Há alguns problemas mais relacionados à tradução do português para a Libras escrita. O texto em português parece ter primazia em relação à tradução para a Libras escrita. O contexto visual dado pela imagem oferece detalhes para os significados dos textos em português e em Libras.

Vamos começar a analisar a verbo-visualidade em O Feijãozinho surdo. Uma coisa que chama a atenção é que, no final da história, Feijãozinho surdo ainda não decidiu em qual escola entrar: na regular de ouvinte ou na escola de surdos. No final do livro, há um corte na história. Nas páginas 28 e 29, estão as frases: “FIM!!! SERÁ MESMO O FIM? OU O COMEÇO DE UMA NOVA HISTÓRIA?”. Onde está o outro livro O Feijãozinho Surdo 2? Nenhuma continuação foi publicada de 2009 até hoje. Pode ser que no futuro haja uma nova obra. Percebe-se que tem uma ideologia política que não permite influenciar na escolha da melhor escola. Esse livro é neutro. Só oferece uma reflexão para cada pessoa entender o que lê. Por isso falta o resultado da decisão sobre a escola do Feijãozinho surdo.

6.2 A verbo-visualidade no livro Cinderela surda

Nas páginas 6 e 7 do livro Cinderela Surda, o enunciado verbo-visual traz a mensagem de que a identidade surda se realiza na relação com a comunidade surda. Em Libras escrita, a personagem diz: “SINAL-CINDERELA NOME C-I-N-D-E-R-E-L-A É SURDA BONITA LEGAL. CINDERELA APRENDER LÍNGUA DE SINAIS AMIGAS SURDAS RUA”. O texto imagético expressa a relação entre pares que sempre ocorre na comunidade surda. Cada família ouvinte das amigas surdas não sabe se comunicar em língua de sinais com elas, mas fora, elas se encontram, trocam experiências, conversam sinalizando. Ver figura 50.

Figura 50 - Cinderela surda e amigas surdas



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 6 e 7)

Os surdos sempre se encontram fora de casa, em vários lugares: nas ruas, praças, clubes e até nas associações dos surdos. Ideologicamente, o livro apresenta uma realidade histórica da comunidade surda. Os surdos fazem mais contatos entre si por ser difícil se comunicar com a família e a sociedade ouvinte.

É muito comum que a família ouvinte dos surdos não saiba língua de sinais. A história ambientada na França remete ao fato de que aquele país foi o primeiro a reconhecer a sua língua de sinais. Ideologicamente, os autores informam aos leitores brasileiros que eles precisam conhecer a história da língua de sinais francesa e seu reconhecimento pioneiro.

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois parte do texto na língua fonte (língua portuguesa) foi omitida na língua alvo (Libras). Observemos:

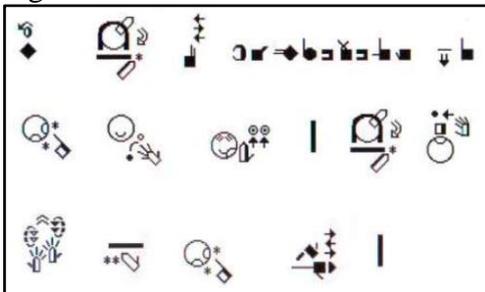
Texto na língua fonte -português

“Cinderela e o Príncipe eram surdos e aprenderam a Língua de Sinais Francesa quando eram pequenos.

Cinderela era filha de nobres franceses e aprendeu a Língua de Sinais com a comunidade de surdos, nas ruas de Paris”. Hessel, Rosa e Karnopp (2003, p. 6) Texto na língua alvo em escrita de sinais. Ver figura 51.

Texto na língua alvo - Libras

Figura 51 - Texto escrita de sinais



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 6)

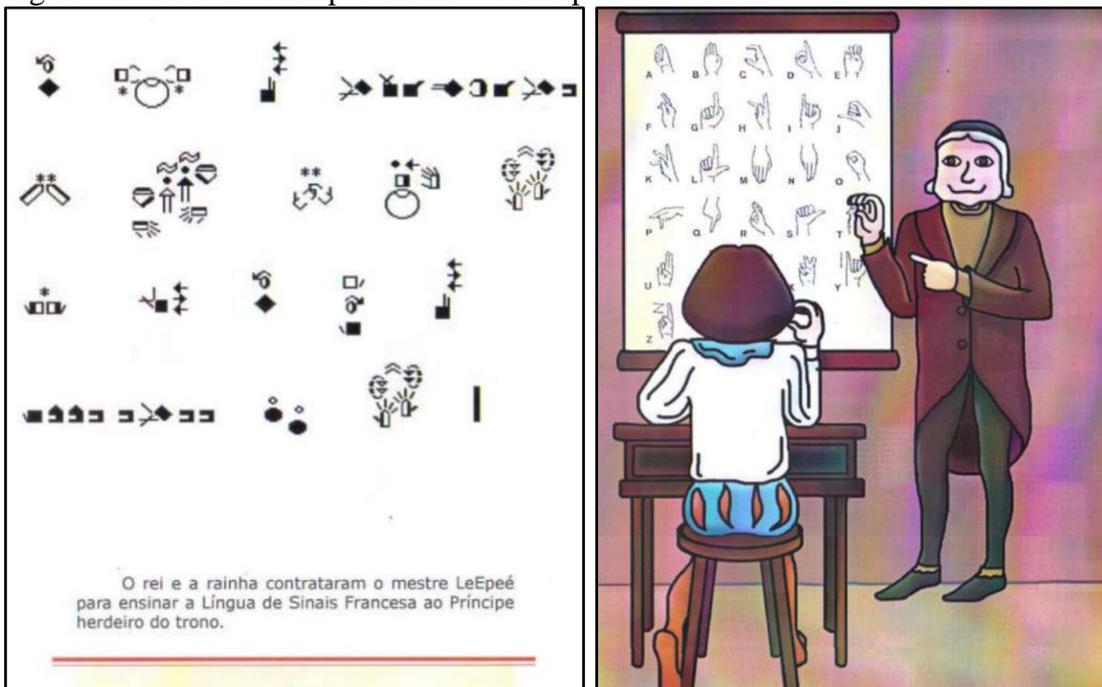
A transcrição do texto em Libras transição é a seguinte: “SINAL-CINDERELA NOME C-I-N-D-E-R-E-L-A É SURDA BONITA LEGAL. CINDERELA APRENDER LÍNGUA-DE- SINAIS AMIGAS SURDAS RUA”.

Pode-se ver, na página 6 da obra, que os textos em português e em Libras são diferentes em seu conteúdo. Qual das línguas deveria ter melhor representação? O português ou Libras? Há mais frases em português para explicar e esclarecer o contexto que na tradução para a Libras. Falta dizer o sinal do Príncipe, nada diz sobre a Língua de Sinais Francesa, ou sobre Cinderela ser filha de nobres franceses e que o local da história é Paris. Em escrita de sinais há apenas “AMIGAS SURDAS RUA”. Me parece estranho que a tradução tenha sofrido tanta omissão!

Por que o texto em Libras escrito em SW é tão resumido e omitiu alguns sinais? O livro pretende levar à comunidade surda uma representação do Surdo e a escrita de sinais é a principal forma de comunicar isso. Consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte.

Nas páginas 8 e 9, verificamos que os elementos do enunciado verbo-visual têm complementaridade. O texto sinalizado diz: “SINAL PRÍNCIPE NOME P-R-Í-N-C-I-P-E MORAR CASTELO ESTUDAR APRENDER LÍNGUA DE SINAIS COM PROFESSOR SINAL L'Épée NOME ABBE EPEE ENSINAR LÍNGUA DE SINAIS.” A imagem da sala de aula, onde o príncipe aprende a língua de sinais francesa, cujo professor é L'Épée, ideologicamente, resgata a história do pioneirismo do uso da língua de sinais francesa na educação de surdos.

Figura 52 - Professor L'Épée ensina o Príncipe



Fonte: Hessel, Rosa e Karnopp (2003, p. 8 e 9)

Considero que o texto em português foi traduzido para a Libras corretamente. Pode-se perceber diferenças entre as gramáticas do português e da Libras. O texto português sofre uma tradução para Libras pura. Faltou apenas traduzir o trecho que diz em português: “O rei e a rainha contrataram o mestre L'Épée”. O texto escrito em sinais vai direto para o sinal do professor L'Épée. É possível entender o contexto.

Charles Michel de L'Épée, um professor e abade francês, encontrou dois meninos que eram surdos sinalizantes da língua de sinais francesa (LSF). O abade L'Épée se interessou e

começou aprender a LSF. Ele criou um método e começou a ensinar crianças surdas por meio de língua de sinais em 1789. Elas se desenvolveram bem nos estudos. Muitos anos mais tarde, houve o segundo congresso de educação de surdos, o Congresso de Milão, de 1880, no qual se decidiu qual seria a melhor metodologia de ensino para surdos. Uma disputa política exigiu a votação pela oralização ou pela língua de sinais na educação de surdos. A maioria ouvintista votou para a oralização ser aprovada. Não aceitariam mais a língua de sinais. Houve muito prejuízo à comunidade surda. (MORI; SANDER, 2015)

Há uma representação teatral em Libras que resume o “Congresso de Milão”. Ver figura 53.

Figura 53 - História dos Surdos e a Língua de Sinais ao Longo dos Anos

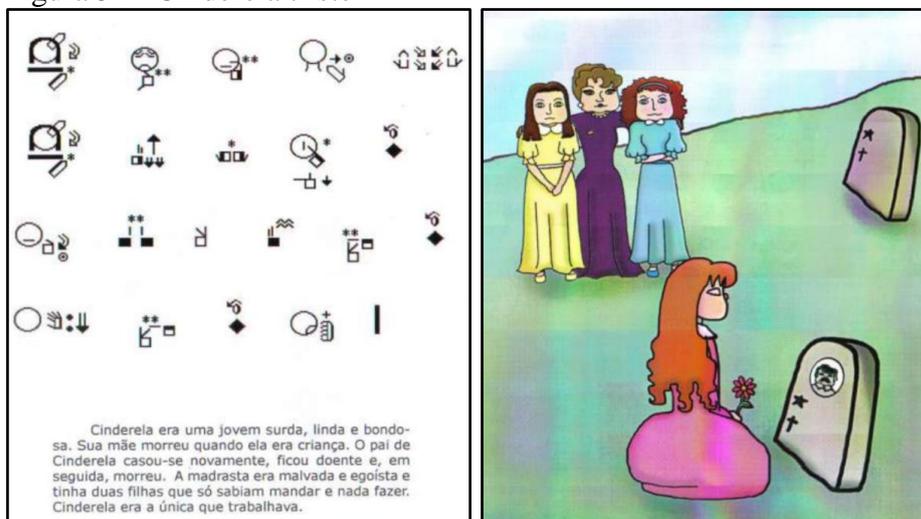


Fonte: Canal de Youtube Instituto Transformar (2016)

Entretanto, um surdo francês, chamado E. Huet, aprendeu francês e resolveu viajar para o Brasil em 1857 e deu início à língua de sinais que é usada aqui até hoje.

Nas páginas 10 e 11, verificamos que o enunciado verbo-visual transmite a tristeza de Cinderela surda pela morte do pai. Também são representadas a madrasta e as duas irmãs ouvintes.

Figura 54 - Cinderela triste

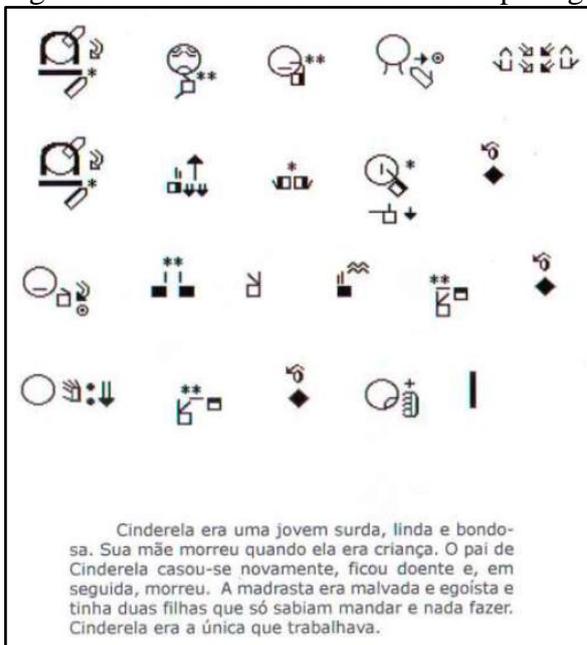


Fonte: Hessel, Rosa e Karnopp (2003, p. 10 e 11)

A Cinderela fica triste e chora. Ela está perdida, pois não há comunicação com a madrasta e as irmãs. Histórias semelhantes à de muitos surdos estão representadas na cena. O fator comunicação é uma marca na história do surdo e é o que os distingue da comunidade ouvinte, assim como as barreiras de relacionamento com familiares por não saberem língua de sinais e a cultura surda. A história revela ainda o ouvintismo quando diz que as filhas mandam só Cinderela trabalhar.

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois na língua fonte (língua portuguesa) há detalhes omitidos no texto de língua alvo (Libras). Veja a figura 55.

Figura 55 - O texto: escrita de sinais e português



Fonte: Hessel, Rosa e Karnopp (2003, p. 10)

Vemos, na página 10, que a tradução do texto em português para a Libras é diferente. Falta escrever os sinais de: jovem surda, linda, bondosa, sua mãe morreu, era criança, O pai de Cinderela casou-se novamente, ficou doente, malvada, egoísta, só sabiam mandar e nada fazer, única que trabalhava. Há mais elementos de narração em português que em Libras escrita. Consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte.

Isto é um fato indiscutível, pois os sujeitos surdos perdem muitas informações quando não há acessibilidade por meio de uma interpretação, ou é omitido este direito por meio de uma interpretação de má qualidade. Infelizmente a sociedade majoritária precisa ser lembrada a todo instante desta realidade rotineira que os surdos vivenciam em nosso país, a falta de pessoas fluentes em Língua Brasileira de Sinais que garantam a acessibilidade deles como cidadãos. (PEIXOTO, 2016, p.42)

Nas páginas 12 e 13, no enunciado verbo-visual, verificamos que a relação entre Cinderela e as irmãs não era fraterna. Na representação imagética, as irmãs provocam Cinderela Surda que trabalha limpando. O texto verbal em português diz também que ela cozinhava. O texto em Libras expressa o sentido de cada sinal escrito: CINDERELA FAZER TRABALHAR LIMPAR, LAVAR-LOUÇA PRATO, ARRUMAR, TUDO CASA SINAL-IRMÃ-1 SINAL-IRMÃ-2 FAZER NADA SÓ PROVOCAR MAS MAL-COMUNICAR. O enunciado verbo-visual expressa que Cinderela surda trabalha dentro da cozinha e as irmãs malvadas chutaram o balde que está caído sujando novamente o chão. As irmãs sorriem para provocar ainda mais Cinderela surda. Em escrita de sinais, o texto explica que elas a provocam e a comunicação é ruim. Ver figura 56.

Figura 56 - Irmãs malvadas



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 12 e 13)

Em outros ambientes sociais, escola, empresa, vizinhança, acontece a mesma situação de humilhação de surdos, não é um fato que só acontece na família. Outros ouvintes provocam surdos cometendo bullying. Às vezes, os ouvintes pensam que a língua de sinais não é realmente língua. Algumas pessoas ouvintes não sabem ter empatia pelo sujeito surdo. Os surdos sempre sofrem por sentir o preconceito, como a comunidade negra e outros.

A ideologia da humilhação ainda é praticada por algumas pessoas na sociedade. Eu mesmo vivi experiências de humilhação quando era criança, sendo alvo de riso de outras crianças por minha condição. Muitas vezes, na *lan house* que funcionava em minha casa, eu percebi o riso sarcástico, os olhares e apontações. Não tinha o que fazer.

No local de trabalho, por exemplo, em uma fábrica onde trabalhei com ouvintes, um colega dizia alguma coisa ao chefe e este vinha reclamar por eu ter deixado de fazer uma tarefa. Na verdade, era a tarefa de outro. Eu nem reclamava para não fazerem ainda mais.

Na conversa com outros surdos, os relatos de discriminação eram iguais aos meus. Alguns sofriam coisas piores. Discriminações até na família. Nos processos de inclusão, há ouvintes que provocam os surdos. No local de trabalho, também mandam os surdos trabalharem mais, fazer extra. Nas escolas de inclusão, com alunos ouvintes e surdos, há bullying ainda hoje.

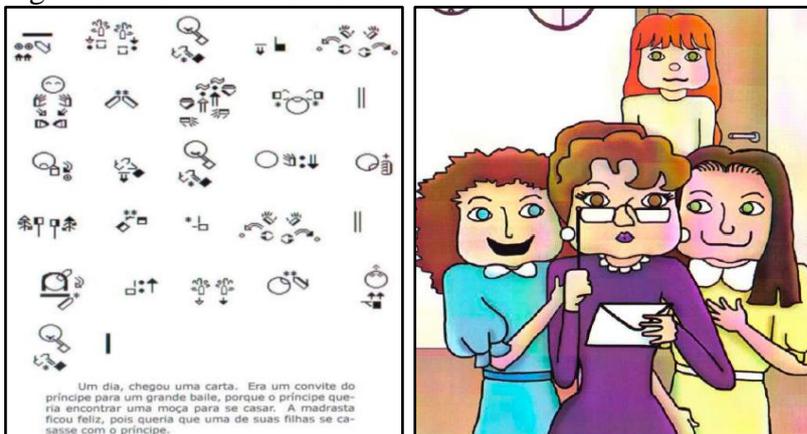
Seguindo essa linha de raciocínio, é importante pensar os desafios que permearam a trajetória de cada um dos surdos frente a padrões de normalidade impostos pela sociedade, no que diz respeito a aceitar a sua diferença e ser aceito como diferente e não como deficiente. Assim, faz-se necessário considerar o preconceito e o bullying nas diversas fases da vida de ser surdo, bem como esse preconceito se reflete na subjetividade dos surdos. (SANTO; MOLON. 2016, p. 725)

O texto verbal em Libras tem falhas na tradução. A tradução precisa seguir o texto fonte. É possível usar estratégias tradutórias próprias para a Libras que digam o mesmo que o texto em português: “pois a madrasta e as irmãs só faziam pouco sinais” Hessel, Rosa e Karnopp (2003, p. 12). Em Libras, diz apenas “MAL-COMUNICAR”.

“Isso nos faz refletir sobre status, conveniência. A madrasta nunca se importou com Cinderela, mal se comunicava com ela, mostrava-lhe desprezo e rejeição a ela e a sua língua, no entanto, quando percebe que ser surdo pode lhe trazer benefícios, seus conceitos “mudam”. (SILVA; ALVES; SOUZA, 2017, p. 26 e 27)

Nas páginas 14 e 15, na tradução do texto em português para Libras escrita, falta o contexto. A imagem esclarece ainda mais que receberam uma carta convidando para o baile complementando o sentido verbo-visual escrito em Libras que diz: “SURPRESA RECEBER CARTA É FESTA RESUMO CASA CASTELO PRÍNCIPE, MADRASTA LER CARTA SINAL-IRMÃ-1 SINAL-IRMÃ-2 ANSIOSAS POR QUE TER FESTA, CINDERELA SOUBE QUER SABER O QUE CARTA.” O conteúdo da carta não é mostrado na imagem. Cinderela Surda vê que elas parecem felizes e sorridentes, com energia animada. Ela percebe claramente isso, mas fica curiosa para saber o que havia na carta. Ver figura 57.

Figura 57 - Cinderela Surda olha a carta.



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 14 e 15)

O povo surdo tem “olho-carro” (FARIA, 2003, p. 136). A metáfora significa a percepção visual rápida. O sinal pode ser visto na figura 58. Cinderela surda, por exemplo, percebe alguma coisa que deixa as irmãs felizes, e começa querer saber o que há na carta.

Figura 58 - OLHO-CARO



Fonte: Faria, 2003, p. 136.

As experiências dos surdos são visuais, todo o conhecimento deles é assimilado pelos olhos. Os encontros, as festas, as estórias, as casas, os equipamentos, a língua, os sonhos, os pensamentos, as idéias são visuais. “O olhar dos surdos é diferente do olhar dos ouvintes. Eles têm um feeling que ouvintes não têm”. (FARIA, 2003, p. 171).

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois, na língua fonte (língua portuguesa), o texto explica detalhadamente que a carta é para preparar as moças para uma se casar com o príncipe e no texto da língua alvo (Libras) se omitiu o ‘para casar’.

No contexto verbo-visual, há a imagem da recepção da carta e o texto em português explicando o motivo da carta: um convite ao baile no qual uma moça seria escolhida para casar-se com o príncipe. Isso é o contexto verbo-visual esclarecendo a representação imagética, onde o foco é a carta. Em Libras, o texto não explica sobre o objetivo do convite para a festa. A meu ver, não existe razão para a omissão da tradução. Esse texto em Libras explica só que Cinderela fica curiosa pelo motivo da carta. O enunciado verbo-visual reforça esta percepção pelo texto imagético e seus detalhes. Veja a figura 59.

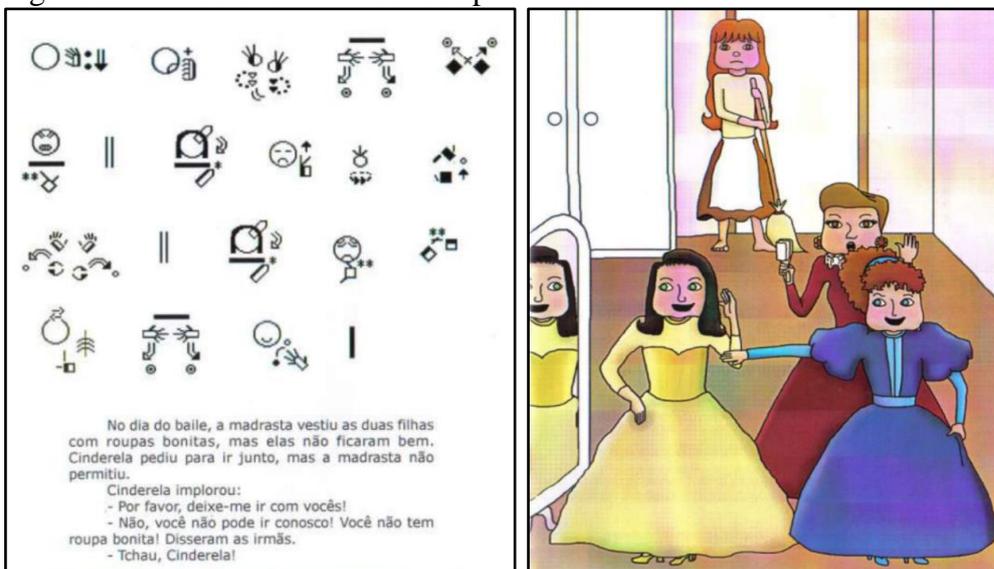
Figura 59 - Cinderela olha a carta



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 15)

Nas páginas 16 e 17, o texto verbal diz que Cinderela está triste, porque as irmãs se arrumam juntas para ir ao baile. Em Libras diz: “SINAL-IRMÃ-1 SINAL-IRMÃ-2 ORGANIZAR VESTIDO MAS FEIO, CINDERELA VER TRÊS VÃO FESTA, CINDERELA TRISTE POR QUE NÃO-TER VESTIDO BONITO”. Na representação imagética, a madrasta e as irmãs discutem sobre as roupas, porque “VESTIDOS MAS FEIO”. De fora, Cinderela Surda olha elas se arrumando, experimentando os vestidos. Ela percebe claramente que elas vão a alguma festa, não sabe onde. Ela já percebeu que tudo está relacionado à carta vista antes. Veja a figura 60.

Figura 60 - Irmãs arrumam vestidos para a festa



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 16 e 17)

Anteriormente, nas páginas 14 e 15, Cinderela Surda está curiosa sobre o conteúdo da carta, então, agora, percebe que elas se arrumam para uma festa. Ela tem vontade de ir também junto, mas ela não tem um vestido. As irmãs resolvem ser egoístas. A sociedade recebe informação, mas o surdo a recebe com atraso. É o último a saber.

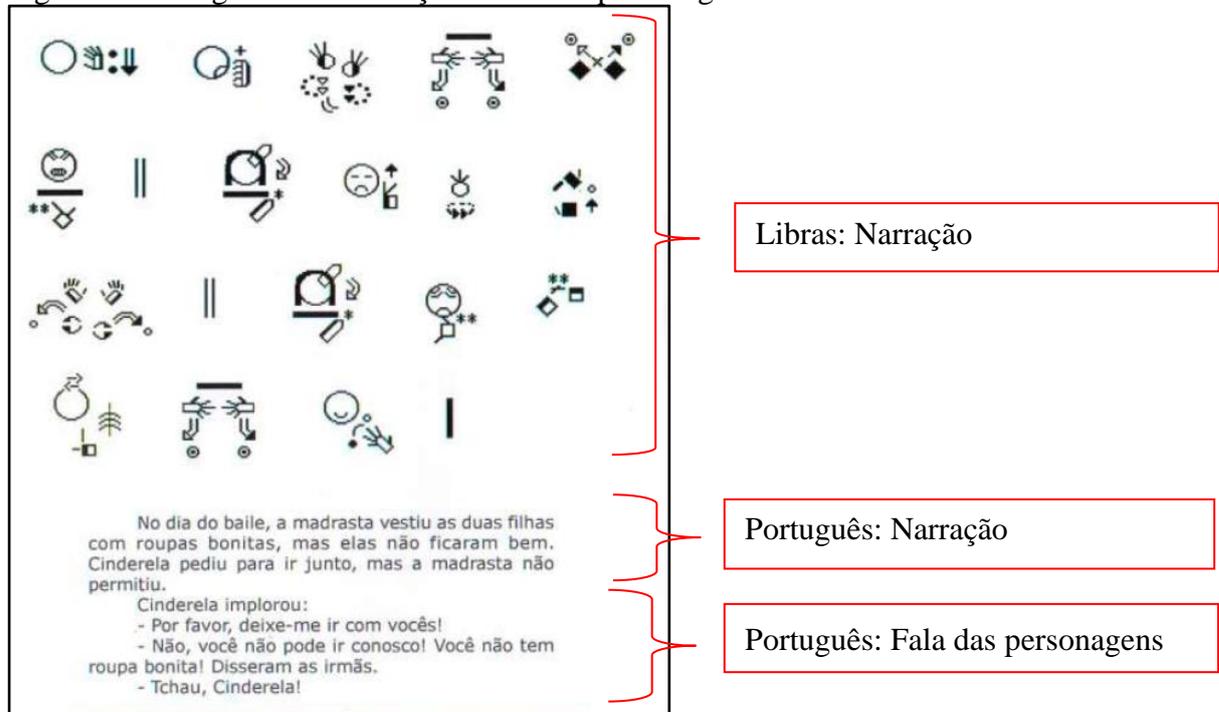
Ideologicamente, a obra revela o que acontece na sociedade. Algumas pessoas ouvintes não deixam pessoas surdas irem a festas ou outro evento, porque não acreditam que sejam capazes. Por exemplo, algumas vezes, quando um irmão é ouvinte e o outro é surdo, o ouvinte pode ter carteira de habilitação, o surdo não pode por causa da falta de audição. Veem um problema, o que significa que surdo é incapaz. Sempre os surdos enfrentam barreiras, como esta da Cinderela não poder se vestir para uma festa. “todos são pessoas Surdas vivendo em uma sociedade dominada pelos ouvintes.” (WILCOX e WILCOX, 2005, p. 93)

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois na língua fonte (língua portuguesa) há mais parágrafos de narrativa e no texto de língua alvo (Libras) parte da narrativa é omitida. Consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte.

Os textos verbais são diferentes. Em português, o texto tem dois tipos discursivos: narração e fala das personagens. Na tradução em Libras, só há um tipo, a narração, falta a fala das personagens. Não há explicação para esta omissão.

A figura 61 abaixo mostra as diferenças entre os textos em português e em Libras circuladas e legendadas em cada parte.

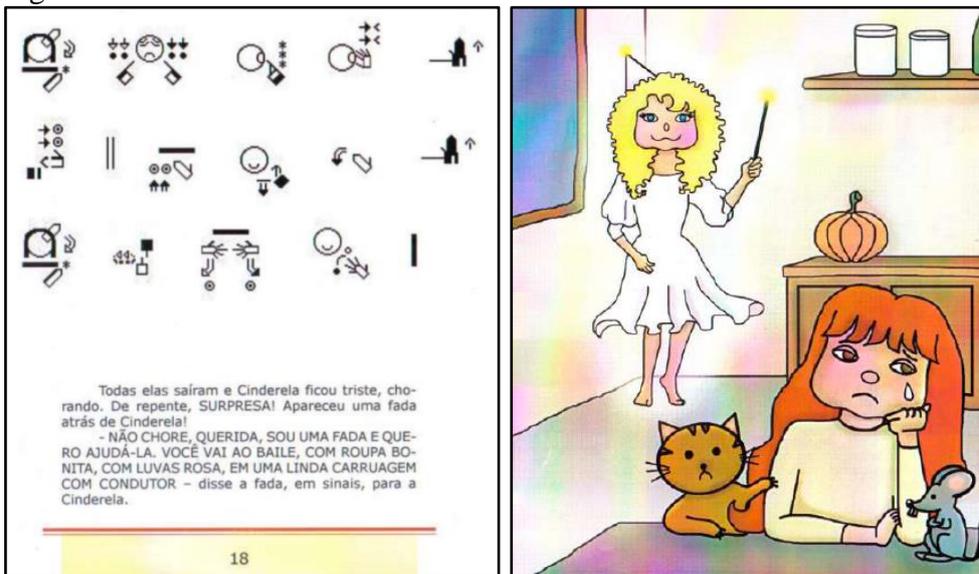
Figura 61 - Infográfico da narração e fala das personagens.



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 16)

Nas páginas 18 e 19, em Libras diz: “CINDERELA CHORAR, RATO E GATO AJUDAR CARINHO, SURPRESA FADA IR AJUDAR CINDERELA TRANSFORMAR VESTIDO BONITO.” A representação imagética mostra o gato e o rato ajudando Cinderela quando chega a fada. Ver figura 62.

Figura 62 - Cinderela tristeza



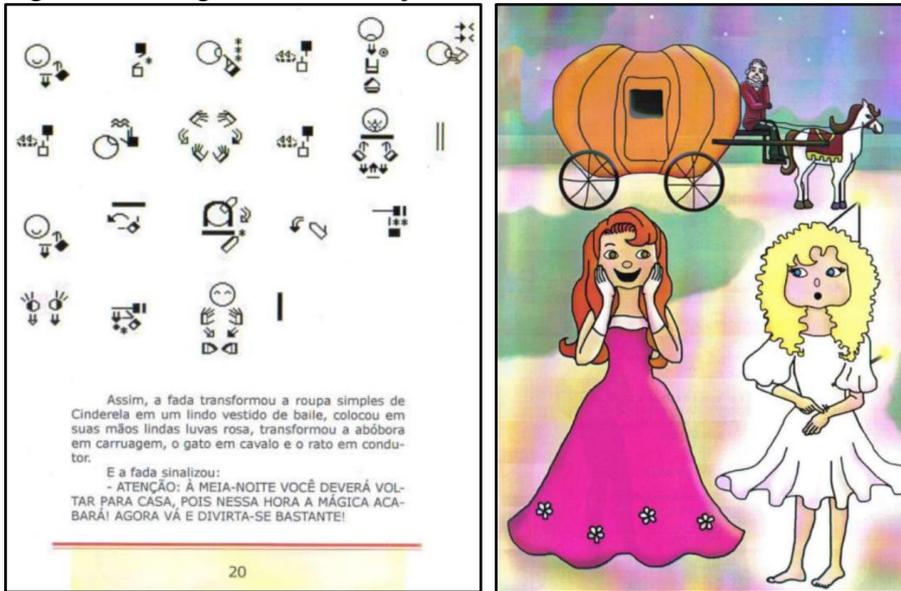
Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 19)

Na imagem, a Cinderela está triste por não poder ir ao baile, por não aceitarem a língua de sinais e ser discriminada. Na adaptação da história, outros elementos discriminatórios estão presentes e se relacionam às experiências de vida dos surdos. Cinderela surda sofre assim como outras pessoas surdas enfrentando barreiras, chateadas e sofrendo. A sociedade ouvinte pensa que surdo é incapaz porque não vê bem a comunidade surda, não entra no mundo do surdo, onde tem gente capaz, profissional em diversas áreas. Então, a ajuda da fada à Cinderela é como um estímulo à pessoa surda a desenvolver diversas habilidades.

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois na língua fonte (língua portuguesa) há a palavra “surpresa” em destaque e no texto de língua alvo (Libras) não se encontra expressão facial de surpresa. Falta representação desta emoção. Falta toda a fala da fada para Cinderela. Consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte.

Nas páginas 20 e 21, no enunciado verbo-visual, Cinderela aparece já transformada, feliz com o vestido e a fada a aconselha sobre a hora de voltar. No texto em Libras diz que: “FADA FAZER RATO TRANSFORMAR HOMEM, GATO TRANSFORMAR CAVALO, ABÓBORA TRANSFORMAR CARRUAGEM, FADA AVISAR CINDERELA IR HORA CERTO MEIA-NOITE ACABAR”. Pelo contexto verbo-visual as informações do texto verbal são complementadas pelo texto imagético que não mostra o gato e o rato, já mostra o homem, o cavalo e a carruagem. Por meio do contexto em escrita de sinais, é possível entender claramente a transformação dos personagens. Veja a figura 63.

Figura 63 - Mágica transformação do vestido



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 20 e 21)

No texto em Libras, um sinal diferente para “meia-noite” me fez demorar a ler e entender que sinal era esse. O sinal é uma variação dialetal em Libras entre as regiões Sul e Nordeste. Ver o quadro 21.

Quadro 21 - Sinais dialetais do Sul e do Nordeste para “Meia-noite”.

SUL (MEIA-NOITE)	NORDESTE (MEIA-NOITE)

Fonte do autor

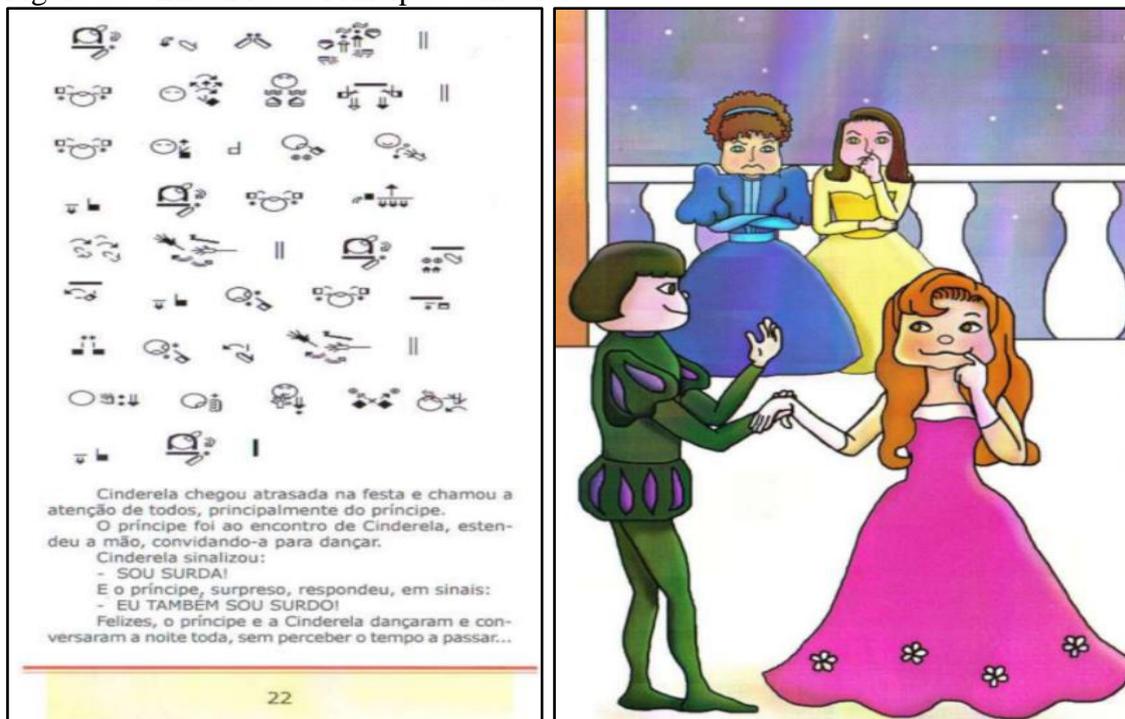
Seria importante ter na representação imagética que Cinderela, a abóbora, o gato e o rato se transformam, pondo um brilho sobre a imagem. Isso seria mostrado para as crianças por uma referência visual. Só o texto verbal explica a transformação. Falta um recurso visual indicando a mágica. Pensamos que o livro fosse acompanhado de uma representação imagética mais fiel ao texto verbal, como no caso das representações imagéticas didáticas.

Importante compreender que a representação imagética didática possui um conjunto de elementos gráficos que auxiliam ou explicam um conceito. Todos os elementos desse conjunto são postos de forma intencional e com o foco no conceito a ser trabalhado, algo além dos elementos necessários são considerados poluição visual. Cada elemento direciona a leitura ou é um estímulo de um determinado pensamento que se pretende despertar no aluno. Portanto, a representação imagética didática é um conjunto de imagens utilizado para fins didáticos, acompanhado texto verbal ou não, que expressa ou representa um conceito. (ALVES, 2020, p. 45 e 46)

Na tradução para a Libras, várias informações contextuais foram omitidas.

Nas páginas 22 e 23, tanto no enunciado verbo-visual, com Libras quanto com língua portuguesa, assim como na tradução do texto em português para Libras escrita há coerência textual. Em Libras diz: “CINDERELA IR CASA CASTELO, PRÍNCIPE VER-TODOS MUITO POVO, PRÍNCIPE VER UMA MULHER BONITA É CINDERELA, PRÍNCIPE ANDAR CONVIDAR DANÇAR, CINDERELA SURPRESA AVISAR SOU SURDA, PRÍNCIPE EU TAMBÉM SURDO VAMOS DANÇAR, SINAL-IRMÃ-1 SINAL-IRMÃ-2 BRAVO, MAS NÃO SABER É CINDERELA.” O enunciado verbo-visual traz a imagem da Cinderela muito bonita e o texto escrito em Libras concordando com a imagem. Veja a figura 64.

Figura 64 - Encontro do Príncipe e Cinderela



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 22 e 23)

A intenção ideológica aqui é mostrar que os surdos que vivem longe uns dos outros, como em cidades do interior, dificilmente têm contato com outros surdos. Para alguns, raramente ocorre um encontro. Outro exemplo são as famílias ouvintes com um surdo quando juntos vão a uma festa, os familiares ouvintes batem papo com outros ouvintes e o surdo fica isolado, se não encontra outro surdo. Se, depois, aparecer de surpresa uma pessoa surda, o encontro fica mais feliz e conversam a noite toda, como o príncipe e a Cinderela. A sensação é de emoção nos encontros entre surdos em situações assim. Sentem alívio em poder se comunicar pela sinalização, empatia com os iguais.

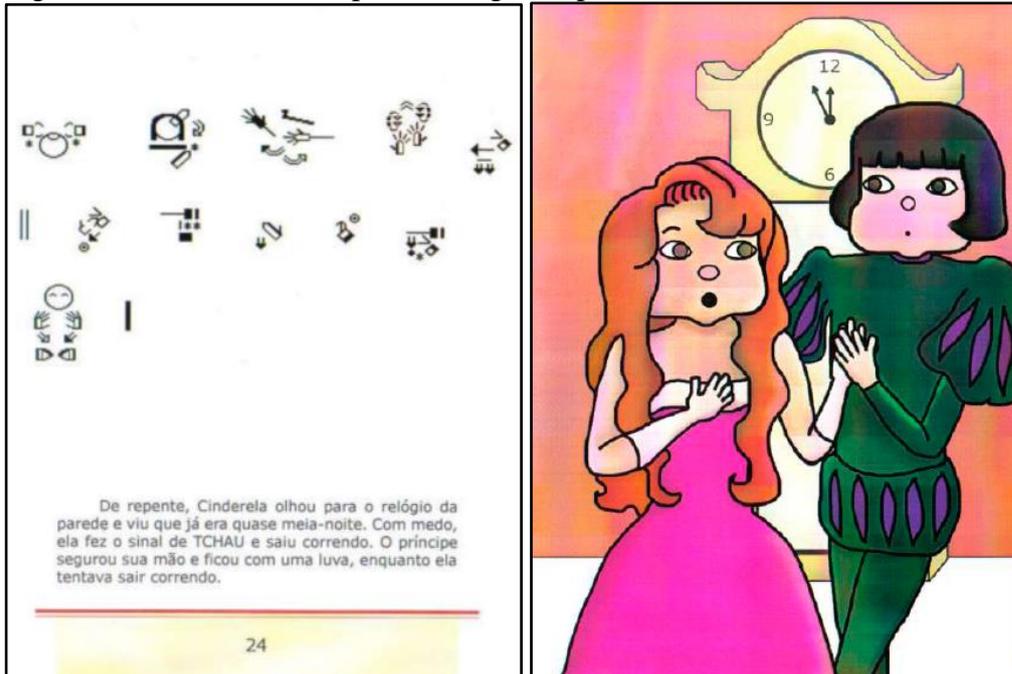
Isso porque os que têm surdez pré-linguística, incapazes de ouvir seus pais, correm o risco de ficar seriamente atrasados, quando não permanentemente deficientes, na compreensão da língua, a menos que se tomem providências eficazes com toda a presteza. E ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro — sejam quais forem nossos desejos, esforços e capacidades inatas. E, de fato, podemos ser tão pouco capazes de realizar nossas capacidades intelectuais que pareceremos deficientes mentais. (SACKS, 2010 p. 19)

Muitas pessoas surdas, quando encontram outros surdos sinalizando, mesmo sem conhecer tais pessoas, perguntam se a outra é surda, e se ela responder “sim sou surdo”, podem ficar conversando o todo o dia. Sentem-se com um igual. Como o príncipe e a Cinderela. Porque têm histórias semelhantes. Sofrimentos semelhantes. Há empatia e afinidade cultural entre surdos. Qualquer encontro com outro surdo significa que, finalmente, podem sinalizar e se expressar em sua primeira língua.

O final do texto em português diz: “Felizes, o príncipe e a Cinderela dançaram e conversaram a noite toda, sem perceber o tempo a passar...”. Já a tradução em Libras tem outro final: "SINAL-IRMÃ-1 SINAL-IRMÃ-2 BRAVO, MAS NÃO SABER É CINDERELA". Há uma diferença entre os dois textos de língua fonte e alvo. Por que será? A percepção de mundo dos ouvintes e dos surdos não precisam ser separadas, pois é possível seguir estratégias para traduzir frases sem que fiquem tão diferentes, mantendo o sentido dos textos. Na página 22, mais uma vez encontramos o que consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte.

Nas páginas 24 e 25, tanto no enunciado verbo-visual com escrita de sinais quanto com língua portuguesa, também na tradução do texto em português para Libras escrita, esclarece sobre o que acontece quase meia-noite. Em Libras diz: "PRÍNCIPE CINDERELA DANÇAR SINALIZAÇÕES CONTINUAR, ACONTECER HORA JÁ QUASE MEIA-NOITE ACABAR". A representação imagética da Cinderela surpresa olhando para o relógio da parede, com uma expressão fácil de surpresa e preocupação não foi colocada no texto alvo em Libras, por isso o texto parece uma narração fria. A expressão fácil é necessária para o ritmo e o sentido da sinalização. A expressão fácil deveria ser colocada na escrita de sinais. Ver a figura 65.

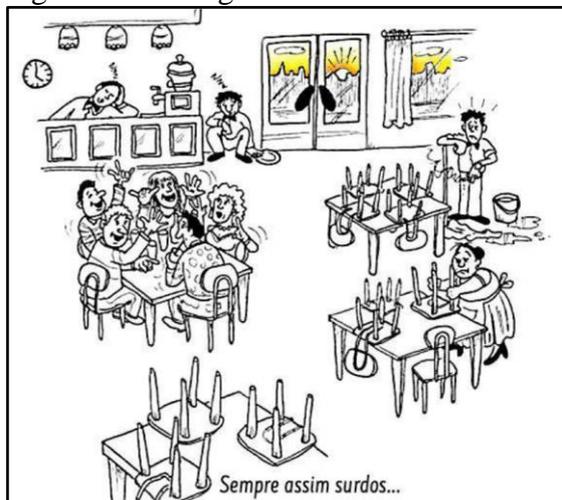
Figura 65 - Cinderela olha para o relógio na parede



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 25)

Os surdos costumam se distrair sinalizando sem perceber o tempo passar. Isto acontece muitas vezes em vários lugares: restaurantes, bares e nas casas. Vejam a charge na figura 66 abaixo. O desenho mostra surdos em um bate papo, sinalizando em uma mesa de bar, outras mesas estão vazias e o bar já está fechado. Os garçons esperam por eles toda a madrugada. Já quase amanhece. Não percebem a hora passando, isso porque as famílias de cada surdo não sabem a língua de sinais. Em casa, alguns surdos se sentem sozinhos e sem conversa nenhuma. Raramente, encontram outro surdo. Quando se encontram, os surdos finalmente podem desabafar e se expressar por toda a madrugada.

Figura 66 - Charge: amanhece e os surdos ainda conversam



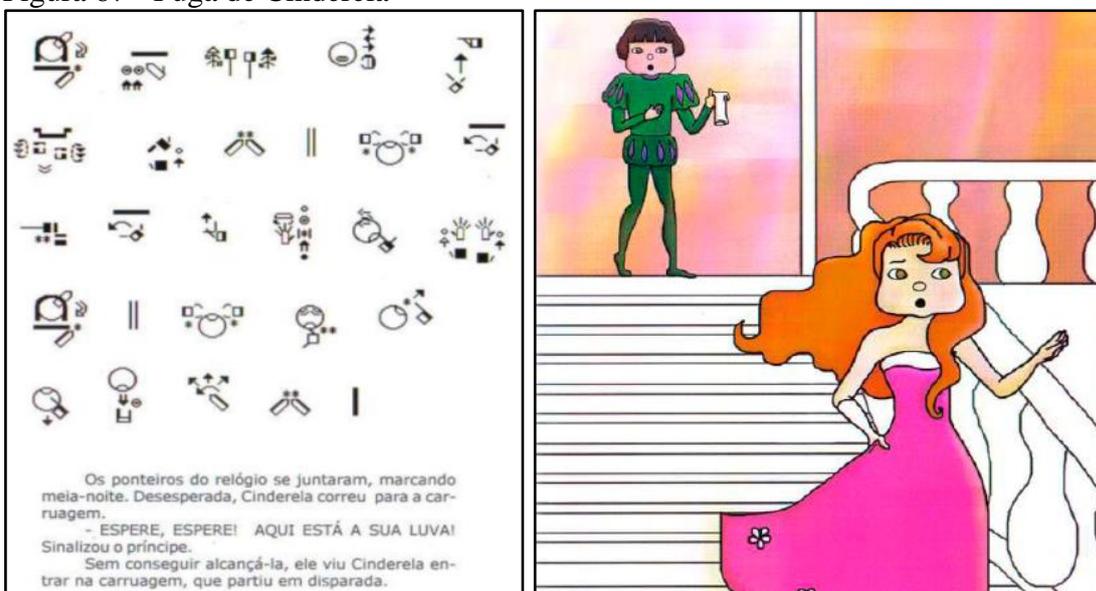
Fonte: Facebook Surdalidades

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois, na língua fonte (língua portuguesa), o texto é mais detalhado e, no texto de língua alvo (Libras), não se encontra o mesmo nível de detalhamento. Omitiu-se algumas informações. Consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte.

O texto em português tem o seguinte final: "O príncipe segurou sua mão e ficou com uma luva, enquanto ela tentava sair correndo" Hessel, Rosa e Karnopp (2003, p. 24). Não encontramos isto na tradução. Na página 18, também não há o registro na escrita de sinais da informação "COM LUVAS ROSA". Não há registro da representação deste elemento narrativo na escrita de sinais. A representação das luvas escrita em Libras é fundamental, porque elas são um elemento responsável pelo encadeamento do enredo.

Nas páginas 26 e 27, o texto verbal escrito em Libras diz: "CINDERELA SURPRESA DESESPERAR RÁPIDO SAIR CORRER IR CASA, PRÍNCIPE AVISAR ESPERAR AVISAR SEU LUYA NÃO CONSEGUIR SINALIZAR CINDERELA, PRÍNCIPE TRISTE IDEIA MANDA HOMEM IR-A-VÁRIAS CASAS". Nestas páginas, lemos claramente um enunciado verbo-visual em Libras, português e nas imagens. Veja a figura 67.

Figura 67 - Fuga de Cinderela



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 26 e 27)

Nesta página 27, o desenho é uma bonita imagem da fuga de Cinderela. O jeito como conta esta parte é uma adaptação. Ela perdeu a luva. No conto original, a Cinderela é ouvinte e perde o sapato de cristal. Neste conto, há uma adaptação ao próprio mundo do surdo. Usar a luva significa apontar para a sinalização e a visualidade, porque estimula a autoestima da comunidade surda, a própria identidade surda e a cultura surda. Ver figura 68.

Cinderela Surda, constatamos a presença de elementos da história e da cultura surda. Além dos protagonistas da história serem surdos, o personagem acrescentado é nada mais nada menos que o ilustre educador de surdos Abade L'Eppé, nome importante na história da educação de surdos. Outro elemento com importante significado no contexto cultural dos surdos é o fato de que esta Cinderela não perde o sapatinho, mas a luva, que acentua a valorização das mãos para a expressão e comunicação desta comunidade linguística [...] (PEIXOTO, 2016, p. 90)

Figura 68 - Luva



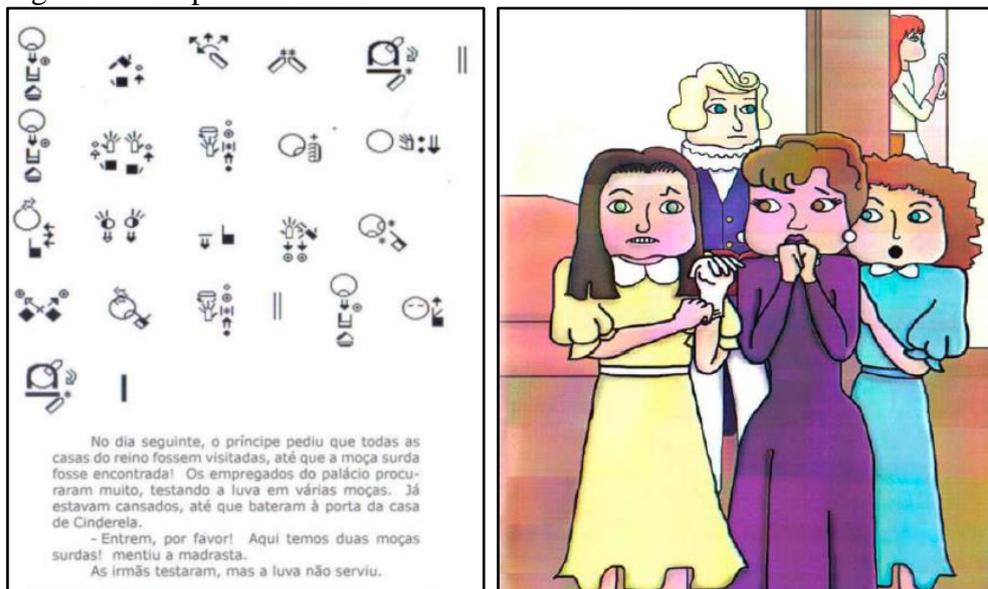
Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 27)

A Cinderela correu para a carruagem e o Príncipe sinaliza para ela. Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois, na língua fonte (língua portuguesa), diz “Sem conseguir alcançá-la, ele viu cinderela entrar na carruagem, que partiu em disparada” e, no texto de língua alvo (Libras) encontra-se escrito no algo a mais, uma explicação complementar: “PRÍNCIPE TRISTE IDEIA MANDA HOMEM IR-A-VÁRIAS CASA”. Consideramos um problema de tradução, pois o texto alvo precisa ser fiel ao texto fonte.

Nas páginas 28 e 29, o enunciado verbo-visual com escrita de sinais e com língua português, assim como na tradução do texto em português para a Libras escrita, expressa a mensagem que aconteceu de um homem ir à casa da madrasta. Em Libras diz: “HOMEM SAIR IR-A-VÁRIAS CASA CINDERELA, HOMEM ENTREGAR LUVA SINAL-IRMÃ-1 SINAL-IRMÃ-2 NÃO CERTO É FINGIR SURDA, MAS NÃO CONSEGUIR LUVA, HOMEM VER CINDERELA”. Na tradução, o enunciado verbo-visual carece de contexto, não ficou claro. Precisaria marcar a localização das pessoas, das irmãs, da madrasta e de Cinderela que está ao lado da porta.

Na ilustração, fica claro a localização das personagens. Visualmente, temos a expressão facial das irmãs e da madrasta nervosas, torcendo para conseguirem vestir a luva, mas, no registro escrito em Libras, algumas informações foram omitidas. A escrita tem lacunas ou é frágil, mecânica. Parece termos de um glossário postos lado a lado. É necessário contextualizar, ter sinalização natural, esclarecer bem as emoções, como há na imagem as expressões faciais delas nervosas, perdidas. É preciso o registro em Libras para complementar o significado da relação verbo-visual claramente. Ver figura 69.

Figura 69 - Expressão facial



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 28 e 29)

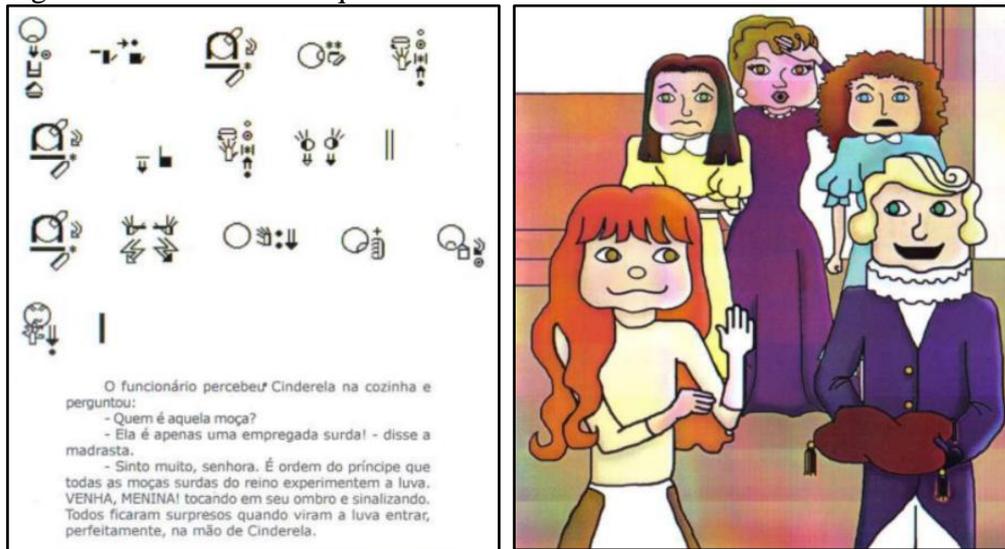
Na análise da tradução do português para a Libras escrita, encontramos um problema de tradução, pois o conteúdo dos textos é bem diferente.

O texto em português explica: “Os empregados do palácio procuraram muito, testando a luva em várias moças. Já estavam cansados, até que bateram à porta da casa de Cinderela.” (HESSEL, ROSA e KARNOPP, 2003, p. 28). A tradução para Libras não registra esta passagem. Ainda faltaram alguns sinais. Há só mesmo um resumo da narração. Não tem a fala da personagem. Em português, há os dois: narração e fala da personagem.

Nas páginas 30 e 31, tanto no enunciado verbo-visual com escrita de sinais quanto com língua portuguesa, assim como na tradução do texto em português, trazem o sentido da emoção, felicidade e raiva, na imagem. O texto em Libras diz: “HOMEM CHAMAR CINDERELA TESTAR LUVA CINDERELA É LUVA CERTEZA, CINDERELA FELIZ, SINAL-IRMÃ-1 SINAL-IRMÃ-2 MADRASTA BRAVO”. O enunciado verbo-visual, a relação da Libras escrita com a imagem, esclarece a percepção da expressão facial “Bravo” pelo visual da

imagem, dando contexto ao escrito complementando o sentido do texto em escrita de sinais. Há o sentido de descobrir que a luva cabe na mão de Cinderela perfeitamente. No texto em português, a madrasta disse que ela é empregada. Mentiu por não querer perder a oportunidade das filhas, mas elas não conseguiam vestir a luva. Quando Cinderela conseguiu, ficou muito feliz. Elas ficaram bravas. Veja a figura 70.

Figura 70 - Descobriram que a luva cabe em Cinderela



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 30 e 31)

O elemento ideológico e histórico apontado aí é que havia políticas não favoráveis à língua de sinais no passado. Hoje, é diferente, há aceitação e respeito à comunidade surda. Há alguns políticos que ainda não acreditam na comunidade surda, que só se preocupam em estimular a perspectiva sobre surdez dentro viés clínico-médico, visando o tratamento, a oralização, destinando verbas para ajuda clínica da surdez, com dificuldade de acreditar em pesquisas da área linguística de língua de sinais, por isso a comunidade surda tem lutado para conseguir amparo legal ainda na continuação de políticas que apresentem as capacidades dos surdos na escola bilíngue.

A entrada de professores surdos concursados no ambiente universitário fortaleceu a comunidade surda, mostramos a que viemos, provamos que podemos ser mestres e doutores, temos professores e orientadores bilíngues em algumas disciplinas e em outras utilizamos intérpretes de Libras bem qualificados. Através dos Estudos Surdos entendemos quem nós realmente somos independentes do olhar clínico. (REIS, 2015, p. 41)

A sociedade ouvinte tem acordado e começa a acreditar na comunidade surda. Descobrir que a luva cabe na Cinderela tem um especial significado: conquistar o reconhecimento da língua de sinais como língua de fato.

Na análise da tradução do português para a Libras escrita, novamente encontramos um problema de tradução, pois há diferenças nos textos na língua fonte (língua portuguesa) e na língua alvo (Libras). O conteúdo verbal em português como texto fonte e o conteúdo verbal da tradução como texto alvo em Libras são diferentes. Em português, tem os dois: narração e fala das personagens. Na tradução, não há a fala das personagens.

O texto em português tem as seguintes falas diretas das personagens:

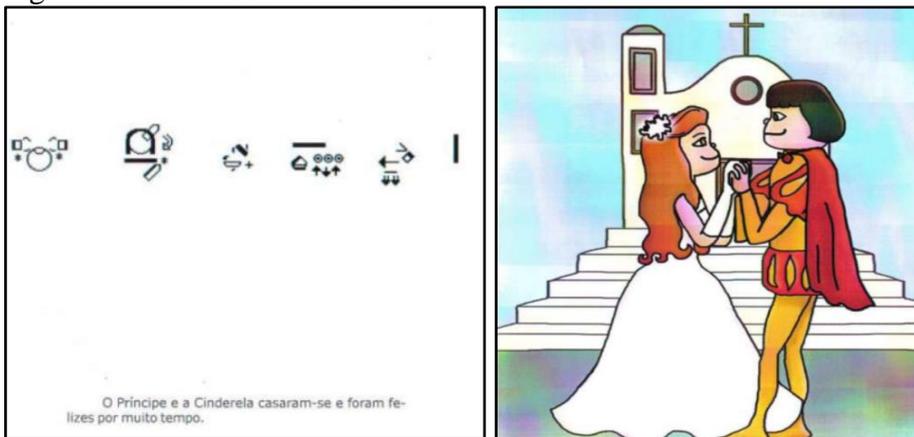
Empregado: - Quem é aquela moça?

Madrasta: - Ela é apenas uma empregada surda!

Também, parte da narração e da fala das personagens, não estão na tradução. Em Libras, há só um resumo sobre a experimentação da luva até conseguir achar em quem cabia. O texto em português não diz nada sobre Cinderela ficar feliz ou as irmãs e a madrasta ficarem bravas.

Nas páginas 32 e 33, tanto no enunciado verbo-visual traz o sentido de que finalmente houve o casamento. A imagem mostra isso e o texto em Libras diz: "PRÍNCIPE E CINDERELA CASAR VIDA SEMPRE". Finalmente, eles se encontram e estão juntos na festa de casamento. Veja a figura 71. Há um enunciado verbo-visual, com Libras escrita e a imagem, que é muito esclarecedor: é simplesmente o FIM.

Figura 71 - Festa de casamento



Fonte: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003, p. 32 e 33)

Nesse enunciado há uma representação social de que não importa se a relação entre os personagens forma um casal de ouvintes ou de surdos, ou que um dos dois tenha surdez. Demonstrando, assim, que surdos podem casar-se. Essa é uma representação que quebra um

preconceito antigo, pois os surdos foram proibidos de se casarem por muito tempo. Olizaroski (2013) afirma que

na Antiguidade, os surdos sofreram os mais diversos tipos de preconceito e crueldade, sendo sacrificados de maneira penosa ou, então, vistos como incompetentes ao ponto de não poder casar, possuir propriedades, receber herança ou ter empregos dignos, pois realizavam serviços como de “bobos da corte”. Já a Igreja afirmava que os surdos não tinham alma mortal, uma vez que não conseguiam proferir os mandamentos divinos (OLIZAROSKI, 2013, p. 6).

O mesmo preconceito é confirmado por Stelle e Strieichen (2013)

com o predomínio do poder da Igreja, a visão sobre os surdos estabelecia que esses não poderiam se salvar, pois não conseguiam confessar os seus pecados. Eram proibidos de receber a comunhão e não podiam casar nem receber herança. Os gregos, como os romanos, consideravam os surdos privados de todas as possibilidades de desenvolvimento intelectual moral. Portanto, o surdo não poderia ser educado, sendo comparado aos idiotas, e incapazes para a prática dos atos da vida jurídica e social (STELLE; STRIEICHEN, 2013, p. 19921 e 19922).

A Cinderela está muito feliz com a liberdade de casar-se com o Príncipe. Anteriormente, a madrasta não queria que Cinderela se casasse. Ela queria que Cinderela ficasse presa na casa. Descobrir que a luva cabia salvou Cinderela. Há histórias de proibir mulheres surdas de se casarem. Na sociedade, muitas famílias ouvintes não acreditam que uma surda tenha capacidade e independência. Por exemplo, os pais com uma filha surda observam e cuidam da criança, é claro, mas, quando já adulta, ainda a observam? E a independência da filha adulta? Como assim? A filha vai ficar velha sendo observada? Como será a vida desta surda no futuro? O que ela vai fazer? Ela precisa de independência, ter vida profissional e habilidades iguais aos ouvintes.

Strobel (2016) explana longamente sobre o povo surdo, os acontecimentos que lhe causaram sofrimento, barreiras de comunicação e famílias que não conhecem a língua de sinais e a proibem. Por isso mostra que o sujeito surdo deve se informar sobre cultura surda, o respeito a sua língua, a necessidade de aceitar a língua de sinais, o conhecimento do mundo do surdo, poder entrar na comunidade surda e o que significa lutar mais e mais, durante anos até o fim do mundo.

Desde o início da história, vemos Cinderela surda em contato com a cultura surda, pois ela se relaciona com seus pares, usa a língua de sinais. O príncipe, também surdo, tem um professor que lhe instrui pela LSF. Outra marca da cultura surda na obra é a visualidade. O enunciado verbo-visual mostra que a personagem percebe o que acontece ao seu redor e lê as situações pela visão. Esta é uma característica do povo surdo.

Outro fato característico da cultura surda, representado no enunciado verbo-visual, é a necessidade do encontro pessoal e a rápida identificação com outro surdo, mesmo em encontros casuais. Isto ocorre mesmo em situações em que as línguas de sinais são diferentes, como em viagens internacionais. O encontro e a interação com outro surdo são indispensáveis.

Na adaptação da obra, o viés ideológico fica evidente na representação de um personagem histórico e marcante na educação de surdos, o abade L'Épée. Seu método de ensino por meio de sinais revolucionou a educação de surdos. A menção a ele é um reconhecimento e homenagem. Outro fator que revela o viés de denúncia é a discriminação sofrida por Cinderela surda simplesmente por sua condição. Os surdos sabem bem como é manifesta a discriminação pela zombaria, o bullying e a proibição da língua de sinais tão presente na história.

A obra apresenta a identidade surda nos personagens pela necessidade de uso da língua de sinais para se comunicar, pela falta de identificação de Cinderela surda com as filhas da madrasta depois da morte de seu pai e como ela é tratada como inferior e pelo encontro e identificação com o príncipe também surdo.

A relação verbo-visual no livro Cinderela Surda é mais intensa entre a representação imagética e o texto em português e a Libras escrita. O português tem claramente a prioridade e passa por tradução para a Libras escrita que tem alguma dependência do português. Por isso a escrita da Libras tem algumas falhas, omissões e falta de contexto.

Outra coisa que se nota é que há muitas imagens nesta obra. Os surdos entendem a informação visual, percebendo nas expressões faciais a emoção, a tristeza, a raiva e a ansiedade. Tudo possibilitado pelo contexto imagético. A leitura da Libras escrita com contexto bem claro é fácil, mas, se faltar o contexto, ela é prejudicada. Bastava terem organizado melhor a Libras escrita e consertado algumas falhas. O texto em Libras precisa ter independência gramatical do português, pois são línguas diferentes. Na obra, algumas partes do texto em língua de sinais têm contexto.

Cinderela Surda é uma obra semelhante ao conto clássico no qual a Cinderela é ouvinte. Cinderela Surda é uma adaptação apropriada ao mundo do surdo. Um elemento narrativo que sofreu adaptação é a perda da luva. As mãos são usadas nas línguas de sinais como principal meio de articulação e por isso recebem mais atenção. O Príncipe se interessa por Cinderela e se sente unido a ela por serem iguais. Ambos são surdos. A adaptação visa estimular crianças surdas a sentir liberdade no uso da língua de sinais pela comunidade surda.

Na segunda obra, Cinderela Surda, fica evidente a crença na incapacidade causada pela surdez presente na sociedade, que a vida do surdo é difícil, tem barreiras, a não aceitação da língua de sinais, proibição de casar e problemas na família.

Este livro, Cinderela Surda, não é ruim. Ele foi criado em 2003, quando o sistema de escrita de sinais ainda era novo aqui e começava a se desenvolver. Apesar de termos encontrado problemas na tradução para Libras escrita, consideramos que o livro Cinderela Surda, esta adaptação literária, é importante para mostrar à sociedade uma representação da comunidade surda. É um orgulho! A obra serve para dar visibilidade ao contexto sócio-histórico-cultural da comunidade surda para esclarecê-la do seu contexto. Só é necessário corrigir a tradução em escrita em sinais.

Comumente, artigos criticam para melhorar o uso do sistema de escrita de sinais, visando organizar a fluência em Libras transcrita pelo sistema SW. Quando a obra foi editada, o software SW-EDIT era o único disponível. Ele tinha limitações. Hoje, é diferente, há um software online melhorado, mais rápido se comparado ao passado, o SignText Editor, no SignPuddle Online 2.0.

A literatura surda tem importância por registrar em materiais como os livros com Libras escrita a vida da comunidade surda, porque, além disso, mostra às crianças surdas as várias identidades surdas. Os leitores encontram nos livros o registro formal e informal da sua língua, também metáforas e reflexões. Crianças surdas podem aprender pela literatura adaptada para o mundo do surdo e entender claramente o sentido de suas identidades e cultura. Nesta pesquisa, examinamos o enunciado verbo-visual em dois livros, O Feijãozinho Surdo e Cinderela Surda. As histórias têm enfoques diferentes, mas são semelhantes no uso de língua de sinais escrita e na mensagem ideológica neles. Tratam igualmente da comunidade surda.

Dois modelos de escola são apresentados no livro: a escola de inclusão com intérprete de Libras e sala com alunos ouvintes e a escola de surdos onde todos são sinalizantes, incluindo a professora. As escolas representam ambientes culturais diferentes. A escola de inclusão é por natureza bicultural, a ouvinte e a surda. O intérprete é o único elo da criança surda com a comunidade surda entre alunos ouvintes. A escola de surdos é adequada ao mundo surdo. A língua de sinais é a língua de todos. O aluno surdo está entre seus pares, imersos na mesma cultura. Elas são apresentadas como opções, mas, no conto, nenhuma é definitivamente escolhida. Este é o aspecto ideológico do livro. Os pais e Feijãozinho surdo ficam com esta

questão ao final. Isto se assemelha muito à história de vida de muitos surdos. A criação e educação de um filho surdo é um desafio para os pais.

O isolamento social de Feijãozinho surdo retrata a realidade de muitas crianças surdas em famílias de ouvintes. Há porcentagem elevada de surdos serem os únicos em famílias com maioria de ouvintes. A chegada da Fada feijão representa alguém que guia o surdo isolado à comunidade surda e dá orientação aos pais.

O acesso à literatura adaptada ou não interfere diretamente no desenvolvimento de personalidade do sujeito tendo em vista que esta pode ser o único contato com a sua identidade, pois muitas crianças surdas têm relação somente com a comunidade ouvinte, sendo que seus pais e familiares são ouvintes, desta forma o isolamento social, por não pertencer ao mesmo grupo, acontece como consequência, acabando por ficar sem contato e no isolamento. (MATTER, 2018, p. 18)

Sobre a identidade surda no livro, percebe-se que o personagem não compreende tudo ao seu redor. Ele não consegue se identificar, pois é uma criança ainda. Ele não sabe que caminho trilhar. O mesmo ocorre com surdos em cidades pequenas do interior sem referencial surdo. Comparando com a personagem Cinderela surda que teve acesso à sua língua de sinais com seu pai e tem uma identidade surda já formada, o motivo da solidão é um pouco diferente. Feijãozinho não tinha aprendido uma língua de sinais até a chegada da fada.

Nossa identidade surda, marcada pela aquisição da LIBRAS, e pelo constante movimento de compartilhamento, cada história contada potencializa a identidade surda servindo de referência para outros surdos, por isso é tão importante que os surdos tenham acesso a literatura que apresentam a sua cultura, porque ver a sua própria cultura sendo expressa em diferentes contextos de vida caracteriza a nossa identidade. (MATTER, 2018, p. 10)

As mensagens dos enunciados verbo-visuais são semelhantes nas duas obras quando tratam da solidão dos personagens principais em certos momentos. Observe que Feijãozinho surdo está triste e sozinho, também Cinderela está triste e sozinha, porque falta comunicação e interação. Depois, a Fada Feijão faz uma mágica e Feijãozinho Surdo fica surpreso e feliz com a língua de sinais, também Cinderela fica feliz pelas luvas e poder usar a língua de sinais.

Em Cinderela Surda, o final da história representa a liberdade com a celebração do casamento, é a independência da família ouvinte opressora. No livro Feijãozinho Surdo tem o final em aberto. Não há uma decisão sobre escolher a escola regular ou a escola de surdos. Esse final abrupto do livro indica neutralidade, deixando a reflexão e a decisão para as famílias. Então, ideologicamente, o livro O Feijãozinho Surdo só apresenta uma perspectiva política sobre escolas de inclusão e Cinderela Surda apresenta uma perspectiva sobre a família e a educação bilíngue. Os dois livros dão visibilidade à comunidade surda para a sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras analisadas: Feijãozinho surdo e Cinderela surda constituintes do corpus são obras verbos-visuais possuindo uma relação de sentido entre as imagens e as duas línguas presentes nelas: Libras escrita e português. Cada uma dessas obras são literatura surda, pois, sofreram adaptações com inserção da cultura, ideologia e subjetivada surda. As adaptações em Feijãozinho surdo apresentam a adaptação de escolas específicas para surdos na qual há professoras fluentes em língua de sinais e intérpretes de Libras; a família não falante de língua de sinais, apenas o filho surdo a tem; uma Fada que representa a presença de uma pessoa que media relação entre pais ouvintes não falantes de língua de sinais e o filho falante dessa língua e o isolamento social do surdo dentro e fora da família. As adaptações da obra Cinderela surda ocorreram com a apresentação da origem da língua de sinais com L'Épée, a luva e a comunicação língua de sinais como característico da cultura surda.

As obras apresentam as ideologias presentes na comunidade surda. Muitas delas são ouvintistas e causa barreiras de inserção social do surdo. Em Feijãozinho surdo há ideologia do valor à comunicação oral o que causa o isolamento social do surdo. Essa ideologia traz a barreira linguística e de acesso escolar. Há uma valorização da escolar regular sobre a escola específica de surdos. A primeira está presa aos valores ouvintistas, enquanto a segunda favorece o pleno desenvolvimento do surdo, por ter nela professores falantes de língua de sinais e surdos com pares linguísticos. Em Cinderela surda, há valores da comunidade surda quando apresenta a história da origem da língua de sinais, a comunicação em língua de sinais e mostra a barreira linguística na família. A cultura surda é apresentada tanto nos textos imagéticos quanto nos textos verbais, tais como a visualidade surda expressa nas ilustrações ricas de informações e bastante importantes.

Nas obras analisadas, percebemos várias omissões de informações no texto escrito em Libras. Esse fator nos indica que há uma sobreposição do valor da língua portuguesa sobre a língua de sinais. Assim, indicamos que novos textos literários sejam criados pela comunidade surda para que discrepâncias como essas não aconteçam mais.

Sugerimos novas pesquisas com materiais que tenham enunciados verbos-visuais, interagindo com autores da área da semiótica. Temos, por exemplo, os livros Rapunzel Surda (2003) e Chapeuzinho Vermelho Surda (2020) e outros mais em que se pode avançar na pesquisa.

As futuras publicações de mais material, como livros físicos e livros eletrônicos, os e-books, que tenham imagens, português e Libras escrita, em que a tecnologia permite criar janela de intérprete junto com imagem e com legenda, serão passíveis de pesquisas complementares sobre a verbo-visualidade e como ela ajudar na apreensão de sentido e significado. Que haja mais pesquisas, publicações de artigos, dissertações e teses contendo a temática da surdez, verbo-visualidade e ensino.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Thiago Ramos de. **Seu nome é Jonas (1979)**. <<https://youtu.be/ezwoNRdKgEI>> 2017. 1h 34m 18s, color. Disponível em: Acesso em: 03, set. 2020
- ALMEIDA, Maria de Fátima. Glossário Bakhtin. Linguagens em interação: teoria dialógica. João Pessoa. [Blog] Coisas internacionais, 6 nov. 2012. Disponível em: <<http://linguagenseminteracao.blogspot.com/2012/11/glossario-bakhtin.html>>. Acesso em 21, mar. de 2020.
- ALVES, Edneia de Oliveira. **Português como segunda língua para surdos: iniciando uma conversa**. João Pessoa: Ideia, 2020, p. 45 e 46.
- ALVES, Edneia de Oliveira. A Visualidade na Expressão em Libras. **CCHLA Conhecimento em debate: Universidade e desafios do tempo presente: homenagem a Eleonora Menicucci**, João Pessoa: UFPB, p. 76-86, 2018.
- ALVES, Edneia de Oliveira; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Vivência educacional do surdo usuário de Libras. *In: Revista Linguagens & Letramentos*, Cajazeiras – Paraíba, v. 4, nº 1, Jan-Jun, 2019
- AMPESSAN, João Paulo. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da libras pelo sistema signwriting**. Florianópolis, 2015. Dissertação (Mestre em linguística). Programa de Pós -Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Parma, 2005, p. 10 a 12.
- BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135415.pdf>>. Acesso em: 23, mai. 2019.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2006, p. 186.
- SOBRAL, Adail. **Dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2009.
- BENASSI, Claudio Alves. Escrita visogramada das línguas de sinais - VisoGrafia. Mato Grosso: 28, abr. 2017. Disponível em: <<https://visografia.webnode.com/edtoridetextos/>> Acesso em: 13, set. 2020.
- BOUTORA, Leita. **Étude des systèmes d'écriture des langues vocales et des langues signées**. Paris: Memoire de D.E.A. des Sciences du Langage – Université Paris VIII, 2003.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, p. 43-66, 2013. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568/12909>> Acesso em: 07, jul. 2021.

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1, set. 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>> Acesso em: 07, jul. 2021.

BRASIL. **Decreto-lei n.5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Dispõe sobre a regulamentação de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 20, mar. 2020.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**, v. 1 e 2, São Paulo: Editora da USP, 2001

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe Língua Brasileira de Sinais**, v. I A a L e v. II M a Z. São Paulo: Editora da USP, 2004.

CLOT, Yves; MACHADO, Anna Rachel (trad.). Psicologia. In: BRAIT, Beth, (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 227.

COSTA, Bianca Silva Lopes; RIBEIRO, Sátilla Souza. **Estudos de literatura brasileira contemporânea: a representação da surdez na literatura: vivências e experiências de surdos e familiares de surdos**. Scielo, Brasília, n. 54, p. 101-121, mai./ago. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n54/2316-4018-elbc-54-101.pdf>>. Acesso em: 27, jan. 2020.

COSTA, Lenita. **História de um Feijãozinho**. Recife – PE. Editoria do Bagaço, 2006.

CINDERELA. [S. I.: S. N.], 2016. 1 vídeo (1h, 01min, 43s). Publicado pelo canal Brooklyn.2Allegra. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oIaqF ISvQw>> Acesso em: 07, jul. 2020.

CUNHA, Patrícia Marcondes Amaral da. Cenas do atendimento especial numa escola bilíngüe: os discursos sobre a surdez e a produção de redes de saber-poder. In: QUADROS, Ronice Muller de; PERLIN, Gladis (Org.) **Estudos Surdos II**. Editora Arara Azul, 2007, p. 58 a 59.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: Uma entrevista com jacques derrida**. Belo Horizonte: Editoria UFMG, 2014, p. 52 a 56.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de B.; CAPORALI, Sueli Aparecida. A Língua de Sinais constituindo o surdo como sujeito. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, maio/ago. 2005.

Educação, mídias e comunidade surda. **Disponibilizado layout de teclado para escrita das línguas de sinais (sistema ELiS), 2019**. Disponível em: <<https://edumidiascomunidadesurda.wordpress.com/2019/08/20/disponibilizado-layout-de-teclado-para-escrita-das-linguas-de-sinais/>> Acesso em: 11, set. 2020.

EDUCERE, 2013, Curitiba: Champagnat. **Anais do EDUCERE**. 2013, p. 19918 – 19932. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/autores_t.html> Acesso em 04, jun. de 2020.

EU SOU TILSP. Sinal de língua, linguística e Linguagem em Libras. 2018. 16s, color. Disponível em: <<https://youtu.be/EAvics7dIHI>>. Acesso em: 01, set. 2020

FACEBOOK. Surdalidades Comunidade. 2012. Disponível em: < <https://www.facebook.com/surdalida-des/photos/356441374388455>>. Acesso em: 21, mar. 2021

FARIA, Sandra Patrícia de. A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos. Brasília, 2003. Dissertação (Mestre em linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília.

FERNANDES, Sueli. É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: uma busca de uma aproximação. In: SKLIAR, Carlos, (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**, v. 2. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. - 3ed. - Curitiba: Positivo, 2004, p. 513.

FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes. Uma dinâmica familiar diferenciada: artefato linguístico da comunidade surda. In: PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. (org.). **Artefatos culturais do povo surdo**: discussões e reflexões. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2018. p. 61 - 76.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Porto Alegre, Editora Parábola, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editoria Atlas Sa, 6ed. São Paulo, 2008, p. 51, 147, 148 e 153.

GUIMARÃES, Caley, MACHADO, Milton Cesar Oliveira, JESUS, Jefferson Diego; FERNANDES, Sueli. Narrativas visuais: história em quadrinhos como estratégia de aquisição de Signwriting – Sistema de Escrita de Língua de Sinais. In: XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO; IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO; VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFSSIONALIZAÇÃO DOCENTE.

GUMIERO, Daniela Gomes; SILVA, Arlene Batista da. Literatura Infantojuvenil impressa em Língua de Sinais: novos leitores, novos protocolos de leitura. **Contexto**: revista do programa de pós-graduação em letras, Vitória, n. 35, p. 356 – 376, 2019.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade, v. 22 n. 2, jul - dez. Porto Alegre, 1997. p. 15 – 46. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/3030>> Acesso em: 03, mai. 2020.

HARRISONK. CAMPOS, S. (Org) et al. **Leitura e escrita**: No contexto da Diversidade. Porto Alegre; Mediação, 2004.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda** Canoas-RS: Editora da ULBRA, 2003.

Instituto Transformar. História dos surdos e a Língua de Sinais ao longo dos anos. 2016. 7m 57s, Color. Disponível em: <<https://youtu.be/zfnaq2-4LHE>> Acesso em: 16, set. 2020.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. **Educação Temática Digital**, 2006, p. 98-109. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10162/ssoar-etd-2006-2-karnopp-literatura_surda.pdf?sequence=1> Acesso em: 06, out. 2019.

KUCHENBECKER. **O Feijãozinho Surdo**. Canoas-RS: Editora da ULBRA, 2009.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 04, mai. 2020,

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Sistema de escrita para língua de sinais. Bahia: 2 nov. 2012. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com/>> Acesso em: 12, set. 2020

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar**. Perspectiva, Florianópolis, v. 24, n.3, 2006. p. 81-100.

MACHADO, Milton Cesar de Oliveira. Narrativas visuais: história em quadrinhos como estratégia de aquisição do Signwriting – sistema de escrita de língua de sinais. Trabalho de Conclusão de Curso. Curitiba: UTFPR, 2017. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/9747/1/ct_codeg_2017_2_21.pdf> acesso em: 07, jan. 2020.

MACHADO, Paulo Cesar. A mediação do ensino de biologia na aprendizagem escolar do surdo por meio do SES *In: RAMIREZ; MASUTTI (org.) A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue: uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009, p. 39 - 65.

MANZINI, Eduardo Jose. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. Ed. Compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTÉI, Jean-François. **A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno** / Jean-François Mattéi; tradução Isabel Maria Loureiro. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MATTER, Paulo Augusto. Literatura surda: discursos constituidores de identidades por meio da língua de sinais. Orientador: Alessandra Franzen Klein e Marta Borgmann. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí, RS, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro; RICARDO, Ernani Sander. História da educação dos surdos no Brasil. *In: XIII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO*, 2015, p. 6. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_04/94.pdf> Acesso em: 24, jun. 2019

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de sinais. Porto Alegre, 2011. Dissertação (Mestre em educação). Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. **Contribuições bakhtinianas para o estudo da interpretação da língua de sinais.** TradTerm, São Paulo, v. 21, p. 213 – 236, 2013.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. Formação de intérpretes de Libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes. São Paulo, 2016. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

NOBRE, Rundesth S. Aprendizagem de escrita da língua de sinais. p. 181 - 224. *In:* GOMES, Gerarda Neiva Cardins & NASCIMENTO, Juliana de Brito Marques do. (Org.). **Experiências exitosas em educação bilíngue para surdos.** Fortaleza: SEDUC; 2011 Coletânea.

NOBRE, Rundesth Saboia. Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fonomorfológica da escrita em signwriting. Orientadora: Marianne Rossi Stumpf. Florianópolis-SC, 2011.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in america, voices from a culture.** Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PAIXÃO, E. A. L; ALVES, Edneia de Oliveira. Libras em suas modalidades: artefato linguístico da comunidade surda. *In:* PEIXOTO & VIEIRA (org.). **Artefatos culturais do povo surdo:** discussões e reflexões. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2018. p. 47 -60.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **O conceito de sagrado dos surdos congênitos:** um estudo na língua brasileira de sinais. João Pessoa: UFPB, 2011.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções em língua de sinais no Brasil. João Pessoa, 2016. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba.

PEIXOTO, Janaína Aguiar; POSSEBON, Fabrício. Artefato cultural: Religioso. Artefato cultural: religioso. *In:* PEIXOTO & VIEIRA (org.). **Artefatos culturais do povo surdo:** discussões e reflexões. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2018, p. 190 - 205.

OLIVEIRA FILHO, João Batista Alves de. O mundo de Netinho. 2019. 12m, color. Disponível em: < <https://youtu.be/oGc2tVkXFaA> > Acesso em: 09, out. 2019.

OLIVEIRA FILHO, João Batista Alves de. Animação do SW “CASA”. 2019. 10s, color. Disponível em: < https://youtu.be/b9_K80AyloE > Acesso em: 07, jan. 2020.

OLIVEIRA-FILHO, J. B. A. de; ALVES, E. de O. Uma leitura semiótica da escrita de sinais. *In:* ALVES, Edneia de Oliveira. **Acta semiotica et lingvistica**, V. 24, n. 1. João Pessoa, p. 33-54, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/49039>>. Acesso em: 11 set. 2020.

OLIZAROSKI, Iara Mikal Holland. Trajetória histórica do sujeito surdo e reflexões sobre as políticas públicas que regem a educação do surdo no Brasil. *In:* **XI Jornada do histedbr:** pedagogia histórico-crítica, a educação brasileira e os desafios de sua institucionalização. Paraná: 2013. p. 6. Disponível em: < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/6/artigo_simposio_6_892_iaramikal@hotmail.com.pdf >. Acesso em: 06, abr. 2020.

PIMENTA, Nelson. Poema surdo orgulho em SignWriting. 2019. 53s, color. Disponível em: <<https://youtu.be/b-MDPkF3Z-M>>. Acesso em: 20, out. 2019.

PIZZIO, Aline Lemos; QUADROS, Ronice Müller de. **Aquisição da Língua de Sinais**. Universal Federal de Santa Catarina- UFSC, Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Florianópolis, 2011, p. 63.

PONTE, Vera Maria Rodrigues; OLIVEIRA, Marcelle Colares; MOURA, Heber José de; BARBOSA, João Victor Bezerra. Análise das Metodologias e Técnicas de Pesquisas Adotadas nos Estudos Brasileiros sobre Balanced Scorecard: Um estudo dos artigos publicados no período de 1999 a 2006. *In: I Congresso ANPCONT*, 2007, Gramado, v. 1. p. 67-67.

PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. *In: Travessia: revista de literatura*, Florianópolis, n. 38, p.7-29, jan/jun. 1999.

QUADROS, Ronice Muller de et al. **Língua Brasileira de Sinais V**. Apostila do Curso de Educação à Distância de Bacharelado em Letras/Libras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

REIS, Flaviane. A docência na educação superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos. Uberlândia, 2015. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal de Uberlândia.

REIS, Flaviane. Professores surdos: identificação ou modelo? QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Org.) **Estudos Surdos II**. Editora Arara Azul, 2007, p. 93.

REZENDE JUNIOR, Franklin Ferreira; PINTO, Patrícia Luiza Ferreira. Os surdos nos rastros da sua intelectualidade específica. QUADROS, Ronice Muller de; PERLIN, Gladis (Org.) **Estudos Surdos II**. Editora Arara Azul, 2007, p. 206 e 207.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, Saionara Figueiredo; MOLON, Susana Inês. Preconceito e bullying na constituição de uma professora de libras: experiências de uma surda. *In: Revista Educação Especial*, v. 29 n. 56, p. 723-736, set./dez. 2016

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 24ed. 2016, p. 65, 131.

SILVA, Alan David Sousa; COSTA, Edivaldo da Silva, BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa; GUMIERO, Daniela Gomes. Os sistemas de escrita de sinais do Brasil. *In: Revista Virtual de Cultura Surda*. Editora Arara Azul, n. 23 / maio de 2018. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/revista>>. Acesso em: 07, jan. 2020.

STELLE, Taline Galan1; STRIEICHEN, Eliziane Manosso. Os principais mitos sobre os surdos e a língua de sinais. *In: XI Congresso nacional de educação – EDUCERE*, 2013, Curitiba: Champagnat. Anais do EDUCERE. 2013, p. 19918 – 19932. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/autores_t.html> Acesso em 04, jun. de 2020.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas-RS: Editora da ULBRA, 2003.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação. 2013, p.15.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

STROBEL, Karin. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. *In*: QUADROS, Ronice Muller de; PERLIN, Gladis (Org.) **Estudos Surdos II**. Editora Arara Azul, 2007, p.32.

STUMPF, Marianne Rossi. **A Estrutura do Sistema SignWriting**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.SignWriting.org/archive/docs6/sw0569-BR-2008-Stumpf-ELSIII.pdf>> Acesso em: 04, mai. 2020.

STROBEL, Karin L. Surdos: vestígios culturais não registrados na história. Dissertação de Mestrado em fase de elaboração, na área de educação GES / UFSC, 2006.

SUTTON, Valerie. Who Uses SignWriting? Página inicial, 2010. Disponível em: <<https://www.signwriting.org/about/who/#who>>. Acesso em: 11, mai. 2020.

SUTTON-SPENCE, Rachel Sutton. **Literatura em libras**. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

TEIXEIRA, Claudia de Souza. **Leitura de textos gráfico-visuais apoiada na análise linguística**. IP/PUC-SP. Disponível em: <http://www.ippucsp.org.br/downloads/anais_15_congresso/claudia-de-souza-teixeira.pdf> Acesso em: 04, mai. 2020.

TERRY, Eagleton. **Teoria da literatura** - uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. São Paulo: Alfa, 51 (1): 39-79, 2007

UNIVERSIDADE DE SANTA CATARINA. **Escrita de sinais II**. 2013. 24min, color. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104165>> Acesso em: 05, out. 2019.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes. 1993, p. 45.

WANDERLEY, Débora C. **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes**. Florianópolis, SC, 2012.

WANDERLEY, Débora C. **A leitura e escrita de sinais de forma processual e lúdica**. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p.55

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua**. São Paulo: Arara Azul, 2005, p. 93.